

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALESSANDRO JOSÉ BERLOFFA TOFALINI

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE FREUDIANA AO ESTUDO DO SUICÍDIO: O
PAPEL DO SENTIMENTO DE CULPA NA AUTOAGRESSÃO**

MARINGÁ

2020

ALESSANDRO JOSÉ BERLOFFA TOFALINI

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE FREUDIANA AO ESTUDO DO SUICÍDIO: O
PAPEL DO SENTIMENTO DE CULPA NA AUTOAGRESSÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Constituição do sujeito e historicidade. Linha de pesquisa: Subjetividade e práticas sociais na contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Honda.

MARINGÁ

2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

T644c	<p>Tofalini, Alessandro Jose Berloff</p> <p>Contribuições da psicanálise freudiana ao estudo do suicídio: o papel do sentimento de culpa na autoagressão / Alessandro Jose Berloff Tofalini. – Maringá, PR, 2020. 89 f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Hélio Honda.</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2020.</p> <p>1. Suicídio. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Instinto de morte - Psicanálise. 4. Sentimento de culpa. I. Honda, Hélio, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.</p> <p>CDD 23.ed. 616.858445</p>
-------	--

ALESSANDRO JOSÉ BERLOFFA TOFALINI

Contribuições da psicanálise freudiana ao estudo do suicídio: o papel do sentimento de culpa na autoagressão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



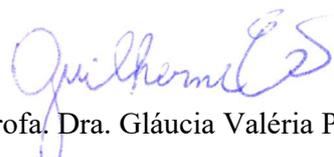
Prof. Dr. Hélio Honda

PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Profa. Dra. Kelly Cristina Pereira Puertas

Faculdade Adventista Paranaense - FAP



Profa. Dra. Gláucia Valéria Pinheiro de Brida

DPI/Universidade Estadual de Maringá

Aprovado em: 07 de outubro de 2020.

Local da defesa: Por Vídeo Conferência

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Maringá, especialmente ao Departamento de Psicologia, pela oportunidade de fazer parte do quadro de discentes que puderam pertencer ao Programa de Pós-Graduação desse Departamento.

Ao meu orientador, professor Dr. Hélio Honda, por ter acolhido o projeto e propiciado com a sua orientação o resultado apresentado neste estudo. Agradeço também pela sua amizade, seu apoio, sua paciência, sua compreensão e pelo diálogo que me possibilitaram oportunidades de crescimento pessoal, intelectual e profissional.

À professora Dra. Kelly Cristina Pereira Puertas, pela leitura atenta e indicações precisas no momento da qualificação e por se dispor a participar da banca de defesa

À professora Dra. Gláucia Valéria Pinheiro de Brida, pelas importantes contribuições por ocasião do exame de qualificação e também pela sua participação na banca de defesa.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, pela compreensão, apoio e troca de experiências.

À secretária do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela solicitude nos atendimentos.

Sinceros agradecimentos a todos aqueles que, de diversas formas e em diversos momentos contribuíram para que este trabalho pudesse caminhar: José Aparecido Tofalini, Luzia Aparecida Berloff Tofalini, Leandro André Berloff Tofalini, Suelen Letícia Tavares.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, minha eterna gratidão.

Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio

(Camus, 2008, p. 17)

RESUMO

TOFALINI, Alessandro José Berloff. **Contribuições da psicanálise freudiana ao estudo do suicídio: o papel do sentimento de culpa na autoagressão.** Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, PR, 2020.

Orientador: professor Dr. Hélio Honda.

Dados da organização mundial da saúde revelam que o suicídio e os comportamentos a ele relacionados vêm se tornando cada vez mais frequente no seio da sociedade contemporânea. Daí a necessidade de que o assunto seja cada vez mais debatido nos círculos psicanalíticos e nos centros de atenção à saúde mental. Vista a urgência de se compreender o assunto para melhor tratar a pessoa, uma vez que as diversas formas de autopunição são nefastas, chegando inclusive ao aniquilamento da existência real, a pesquisa teve como objetivo compreender a partir do referencial psicanalítico o fenômeno do suicídio. O aporte teórico é constituído principalmente pelos estudos de Sigmund Freud. Do diálogo entre os textos que compõem o referencial psicanalítico freudiano e alguns estudos realizados a partir deles, a pesquisa de caráter teórico-conceitual buscou esclarecer os possíveis processos psíquicos subjacentes a comportamentos associados ao suicídio. A hipótese deste trabalho é a de que a agressividade constitui um componente do sentimento de culpa, e de que a internalização daquela pode resultar no caráter hipermoral do Super-Eu, o que levaria à intensificação de um funcionamento autopunitivo. A partir do pressuposto daí decorrente, de que dependendo das situações vivenciadas a agressividade pode se voltar contra o próprio sujeito e se apresentar como forma de remorso, de angústia, como sentimento de culpa e, especialmente, como forma de autoagressão, delineou-se o presente estudo. Examina-se a articulação entre o sentimento de culpa, o caráter hipermoral do Super-Eu e a autopunição. Empreende uma reflexão acerca dos modos como a agressividade internalizada pode ser relacionada com o sentimento de culpa. O processo de investigação visa, mais especificamente, a analisar em que medida o sentimento de culpa pode ser o responsável pelo caráter hipermoral assumido pelo Super-eu; e, a partir disso, discutir como o caráter hipermoral assumido pelo Super-eu pode, por sua vez, ser o responsável pelas autopunições perpetradas pelo sujeito. Além disso, procura-se aprofundar a análise mediante a explicitação da hipótese freudiana da defusão dos instintos de vida e de morte, a partir da qual a energia destrutiva associada ao instinto de morte ver-se-ia canalizada para o Supereu, podendo reforçar ainda mais a pressão destrutiva deste sobre o Eu, levando a uma exacerbação do sentimento de culpa inconsciente. A discussão sobre a defusão instintual permitiu também compreender que a própria teoria pode oferecer possibilidades de pensar em formas de estimular processos vitais, que promovam a fusão instintual. Ou seja, que a própria concepção teórica que permite compreender os possíveis processos psíquicos subjacentes aos sofrimentos associados ao suicídio oferece, igualmente, fundamentos conceituais que possibilitam pensar em formas de intervenção que favoreçam destinos alternativos para a agressividade humana, que não a autodestruição. Espera-se, portanto que este trabalho possa não apenas contribuir com a discussão sobre a temática do suicídio, mas possa principalmente indicar algumas possibilidades de intervenção mais claramente fundamentadas.

Palavras-chave: suicídio; autopunição; agressividade; sentimento de culpa; instinto de morte.

ABSTRACT

Data from the world health organization reveal that the practice of suicide has become more and more frequent in contemporary society. Hence the need for the subject to be increasingly debated in psychoanalytic circles and mental health care centers. In view of the urgency of understanding the subject in order to better treat the person, since the various forms of self-punishment are harmful, even reaching the annihilation of real existence, the research aimed to understand from the psychoanalytic framework the phenomenon of suicide. The theoretical contribution consists mainly of studies by Sigmund Freud. From the dialogue between the texts that make up the Freudian psychoanalytic framework and some studies carried out based on them, the theoretical-conceptual research sought to clarify the possible psychic processes underlying behaviors associated with suicide. The hypothesis of this work is that the introjection of aggression is a component of the feeling of guilt, which results in the hypermoral character of the Super-Eu, which can be realized in self-punishment. Based on the assumption that follows, that depending on the situations experienced, aggressiveness can turn against the subject itself and present itself as a form of remorse, anguish, as a feeling of guilt and, especially, as a form of self-harm, present study. The articulation between the feeling of guilt, the hypermoral character of the Super-Self and self-punishment is examined. It undertakes a reflection on the ways in which the introjection of aggressiveness is related to the concept of guilt. The investigation process aims, more specifically, to analyze to what extent the feeling of guilt may be responsible for the hypermoral character assumed by the Super-eu; and, from there, discuss how the hypermoral character assumed by the Super-eu can in turn be responsible for the self-punishments perpetrated by the subject. Furthermore, an attempt is made to deepen the analysis by explaining the Freudian hypothesis of the defusion of death instincts, from which the destructive energy associated with them would be channeled to the Supereu, being able to reinforce even more the destructive pressure of this about the Self, leading to an exacerbation of unconscious guilt. The discussion about instinctual defusion also allowed us to understand that the theory itself can offer possibilities to think about ways to stimulate vital processes that promote instinctual fusion. In other words, the theoretical conception that makes it possible to understand the possible psychic processes underlying the suffering associated with suicide also offers conceptual foundations that make it possible to think of forms of intervention that favor alternative destinations for human aggression, other than the self-destruction of the person himself. . It is hoped, therefore, that this work can not only contribute to the discussion on the theme of suicide, but can mainly indicate some possibilities of intervention that are more clearly grounded.

Keywords: aggressiveness; death instinct; exacerbation of guilt; self-punishment; suicide.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	21
POSSÍVEIS FATORES DE RISCO NOS COMPORTAMENTOS SUICIDAS E APROXIMAÇÃO À PROBLEMÁTICA DA AGRESSIVIDADE AUTODIRIGIDA....	21
1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE FATORES DE RISCO NOS COMPORTAMENTOS SUICIDAS E SUAS FASES	21
1.2. SOFRIMENTO PSÍQUICO E AGRESSIVIDADE AUTODIRIGIDA NOS COMPORTAMENTOS SUICIDAS	26
CAPÍTULO II.....	31
ELEMENTOS BÁSICOS PARA PENSAR O SUICÍDIO PELO REFERENCIAL PSICANALÍTICO: A AGRESSIVIDADE E A AUTOAGRESSÃO SEGUNDO FREUD	31
2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A AGRESSIVIDADE E A CONCEPÇÃO FREUDIANA SOBRE OS INSTINTOS.....	31
2.2 AGRESSIVIDADE E AUTOAGRESSÃO NA PRIMEIRA TEORIA DOS INSTINTOS	38
2.3 AGRESSIVIDADE E MORTE NA SEGUNDA TEORIA DOS INSTINTOS	44
CAPÍTULO III	55
ELEMENTOS ESPECÍFICOS PARA PENSAR O SUICÍDIO PELO REFERENCIAL PSICANALÍTICO: O SUPEREU E O SENTIMENTO DE CULPA.....	55
3.1 A FORMAÇÃO DO EU E DO SUPEREU NA CONCEPÇÃO FREUDIANA DE PSIQUISMO: ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA COMPREENDER O SENTIMENTO DE CULPA	55
3.2 ALGUNS COMENTÁRIOS SINTÉTICOS SOBRE O SENTIMENTO DE CULPA EM PSICANÁLISE	67

CAPÍTULO IV.....	71
ESBOÇO DE UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DO SUICÍDIO E INDICAÇÕES DE ALGUNS FUNDAMENTOS PARA SEU ENFRENTAMENTO.....	71
4.1. A CENTRALIDADE DO SENTIMENTO DE CULPA INCONSCIENTE NA EXPLICAÇÃO DA AUTOAGRESSÃO NOS COMPORTAMENTOS SUICIDAS	72
4.2. A INTENSIFICAÇÃO DO SENTIMENTO DE CULPA INCONSCIENTE NOS PROCESSOS REGRESSIVOS	75
4.3. REGRESSÃO COMO DESFUSÃO INSTINTUAL: SEU PAPEL NA EXACERBAÇÃO DO SENTIMENTO DE CULPA INCONSCIENTE E OS COMPORTAMENTOS SUICIDAS	77
4.4. A PSICANÁLISE FREUDIANA E O ENFRENTAMENTO DE COMPORTAMENTOS SUICIDAS: ALGUNS FUNDAMENTOS	78
 REFERÊNCIAS	 86

INTRODUÇÃO

O fenômeno do suicídio, ainda que tenha sido abordado por vários estudiosos de distintas disciplinas acadêmicas, continua sendo tema de estudos que se mostram extremamente atuais. Tal relevância deve-se a um crescente aumento nas estatísticas das tentativas de suicídio e dos suicídios efetivamente consumados e, portanto, continua exigindo esclarecimentos e intervenções que se direcionem para uma tentativa de redução dos comportamentos relacionados ao suicídio na contemporaneidade. É justamente a tentativa de ampliar conhecimentos que possam colaborar no sentido de deslindar cada vez mais o assunto que motiva esta dissertação.

Dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) atestam a relevância de se refletir sobre o suicídio. No ano de 2014 a OMS publicou um relatório intitulado *Prevenindo o suicídio: um imperativo global*¹, cujo objetivo consistia em “priorizar a prevenção do suicídio nas agendas globais de saúde pública e de políticas públicas e aumentar a conscientização sobre o suicídio como um problema de saúde pública”² (World Health Organization, 2014, p. 10). De acordo com o relatório,

em maio de 2013, a sexagésima sexta Assembleia Mundial da Saúde adotou o primeiro Plano de Ação de Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde (OMS). A prevenção do suicídio é uma parte integrante do plano, com o objetivo de reduzir a taxa de suicídio nos países em 10% até 2020³.

Tal objetivo surge em resposta às altas taxas de tentativas de suicídio e de suicídios efetivamente consumados. Conforme o relatório, “mais de 800.000 pessoas morrem devido a suicídio todos os anos e essa é a segunda principal causa de morte entre os 15 e os 29 anos de idade. Há indícios de que, para cada adulto morto por suicídio, pode ter havido mais de 20 tentativas de suicídio”⁴ (World Health Organization, 2014, p. 12).

Com relação ao Brasil, a Secretaria de Vigilância em Saúde, ligada ao Ministério da

¹ No original: “*Preventing Suicide: a global imperative*” (World Health Organization, 2014).

² No original: “*The objective of this report is to prioritize suicide prevention on the global public health and public policy agendas and to raise awareness of suicide as a public health issue*” (World Health Organization, 2014, p. 10 – tradução nossa).

³ No original: “*In May 2013, the Sixty-sixth World Health Assembly adopted the first-ever Mental Health Action Plan of the World Health Organization (WHO). Suicide prevention is an integral part of the plan, with the goal of reducing the rate of suicide in countries by 10% by 2020*” (World Health Organization, 2014, p. 10 – tradução nossa).

⁴ No original: “*Over 800 000 people die due to suicide every year and it is the second leading cause of death in 15-29-year-olds. There are indications that for each adult who died of suicide there may have been more than 20 others attempting suicide*” (World Health Organization, 2014, p. 12 – tradução nossa).

Saúde, publicou em 2017 um boletim epidemiológico sobre as tentativas e óbitos por suicídio. Consta, nesse boletim, um perfil dos óbitos por suicídio registrados no Sistema de Informação sobre Mortalidade no período de 2011 a 2015. Para o Ministério da Saúde (2017), no ano de 2011 a taxa de óbitos por suicídio no Brasil foi de 5,3/100 mil habitantes, enquanto em 2015 essa taxa sofreu um incremento e passou para 5,7/100 mil habitantes. Também é necessário destacar que “em ambos os sexos, o risco aumentou, ao longo do período, passando de 8,4 para 9,1/100 mil hab. no sexo masculino e de 2,3 para 2,5/100 mil hab. no feminino” (Ministério da Saúde, 2017, p. 07). Talvez a discrepância dos números de óbitos relativa ao sexo masculino e ao sexo feminino se deva a diferenças no tocante ao modo de constituição psíquica que é diversa nos dois sexos. O aumento da taxa de suicídios ocorrido entre 2011 e 2015, perceptível pelos dados revelados no boletim epidemiológico publicado em 2017 pelo Ministério da Saúde sugerem que, apesar de todos os esforços que vêm sendo realizados para combater a ocorrência de suicídios, há um incremento no número de óbitos por suicídio a cada cem mil habitantes no período considerado.

No que se refere às possíveis causas ou motivações do suicídio, o relatório *Prevenindo o suicídio: um imperativo global* (World Health Organization, 2014), informa que existem múltiplas explicações para o fato de as pessoas tentarem e/ou efetivarem o suicídio. Além disso, o relatório afirma que

existem múltiplas causas e caminhos para o suicídio. Intervenções que contenham mais de uma estratégia de prevenção podem ser particularmente úteis na prevenção do suicídio. De fato, pesquisas sugerem que estratégias de programas multicomponentes estão associadas a reduções bem-sucedidas nas taxas de suicídio⁵.

É justamente pelo fato de o suicídio consistir em um fenômeno que envolve múltiplas causas que pensadores antigos até estudiosos contemporâneos se empenham em compreendê-lo e, na medida do possível, elaborar formas de intervenção. O campo filosófico teria sido o primeiro a suscitar reflexões sobre o suicídio. Desde a Grécia Antiga – passando pela Roma Antiga, pela Idade Média, pelo Renascimento, pelo Iluminismo e chegando ao início do terceiro milênio da Era Cristã – o fato de o sujeito tirar a própria vida vem gerando discussões, levantadas por diversos filósofos, acerca da conformidade com a lei ou não do suicídio.

⁵ No original “*There are multiple causes and pathways for suicide. Interventions that contain more than one prevention strategy might therefore be particularly useful for preventing suicide. Indeed, research suggests that multicomponent programme strategies are associated with successful reductions in suicide rates*” (World Health Organization, 2014, p. 42 – tradução nossa).

Supostamente, um dos primeiros registros escritos surgidos na história, sobre um argumento contrário à legitimidade do suicídio encontra-se no diálogo *Fédon*, de Platão. Nesse texto, Sócrates declara que os seres humanos se encontram em uma espécie de prisão, não sendo lícito a eles se evadirem ou dela se libertarem. Para Sócrates, “os homens são propriedades dos deuses, tais como os escravos o são de um homem livre e, por conseguinte, da mesma forma que um escravo não está autorizado a se matar, pois é propriedade de seu senhor, igualmente, os homens não têm permissão para fazê-lo” (Puente, 2008, p. 17-18).

No período medieval, os pensadores, influenciados pela doutrina cristã, defendiam, majoritariamente, a não legitimidade do suicídio. Um dos mais eminentes filósofos dessa época teria sido Santo Agostinho que proibia e condenava o suicídio. Nos períodos do Renascimento e do Iluminismo, a maioria dos filósofos argumentavam a favor da legitimidade do suicídio, uma vez que sofreram a influência do pensamento humanista. Um dos textos filosóficos de maior importância do século XVIII é o tratado de David Hume que “[...] apresenta um explícito ataque contra a ideia de que o suicídio possa ser uma falta nefasta em relação ao dever que temos conosco, com a sociedade e com Deus” (Puente, 2008, p. 34). No entanto, ressalta-se que os filósofos não foram os únicos a se debruçarem sobre a temática do suicídio. Também estudiosos de outras disciplinas acadêmicas se interessaram pelo assunto.

A sociologia é outra disciplina que se ocupou em estudar o fenômeno do suicídio. Pesquisadores vêm refletindo sobre as possíveis relações entre os comportamentos suicidas e o contexto social, pois entre as possíveis causas do suicídio também podem ser contabilizados os problemas da sociedade. Uma das obras mais representativas dos estudos sobre o suicídio nas ciências sociais é *O suicídio*, do sociólogo francês Émile Durkheim. Esse ensaio foi publicado pela primeira vez em 1897 e serviu durante mais de um século como base para as discussões relacionadas ao suicídio.

Para o pensador francês, o suicídio “[...] resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima [sendo] que ela sabia que ela produziria esse resultado” (Durkheim, 1897/2004, p. 14 – esclarecimento entre colchetes nosso). Além disso, Durkheim entende que quanto maior a interação do sujeito com a sociedade menor a possibilidade de ele cometer um suicídio e quanto menor o envolvimento com a sociedade mais altas são as probabilidades de que o indivíduo cometa, contra si mesmo, um ato letal. Durkheim considera, ainda, que existem três espécies de suicídio: o suicídio altruísta que se refere a um ato que o indivíduo pratica por pensar que o está realizando em proveito de toda uma comunidade; o suicídio anômico que estaria envolto em uma situação de *anomia* ou, em outras

palavras, com a desconsideração da regra pública pelos indivíduos, algo como quando todos eles sentem-se mandantes; e o suicídio egoísta, em que predominam as características do individualismo e no qual o sujeito tem uma atitude de desleixo em relação à sociedade em que vive, o que, por sua vez, o faz ficar mais vulnerável.

A sociologia considera que o indivíduo não vive isolado, mas em interação com outros indivíduos e grupos ou em uma coletividade mais ampla e que, portanto, a compreensão sobre as condições psíquicas de uma pessoa requereria a consideração de fatores sociais. Toledo e Sabroza (2011, p. 07) afirmam que os distúrbios psíquicos

podem ser desencadeados por algum acontecimento social, sempre que esses afetem de alguma forma o funcionamento da mente de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Quando um evento social afeta de maneira doentia o funcionamento da mente de uma pessoa, chama-se “fator social”, isto é: o indivíduo não é isolado, ele age e reage – interage – com o meio ambiente e o meio social onde vive.

Com o desenvolvimento das ciências, muitas investigações foram empreendidas e possibilitaram distinguir diferentes variáveis intervenientes no fenômeno do suicídio, tais como fatores socioculturais, biológicos e existenciais. Contudo, um fator que teria se revelado comum na maioria dos casos estudados de suicídio estaria relacionado às perturbações de ordem psíquica ou emocional. É o que teriam encontrado, por exemplo, Botega e outros (2006, p. 216), que esclarecem:

apesar de o suicídio envolver questões socioculturais, genéticas, psicodinâmicas, filosófico-existenciais e ambientais, na quase totalidade dos casos o transtorno mental é um fator vulnerabilizador que necessita estar presente para que culmine no suicídio do indivíduo, quando somado a outros fatores.

Ou seja, de acordo com esses autores, entre fatores de diferentes ordens que poderiam levar ao suicídio, o transtorno mental poderia ser considerado um fator específico, talvez determinante. Ora, no próprio relatório da Organização Mundial da Saúde registra-se que “uma estratégia reconhecida para a prevenção do suicídio é a avaliação e manejo dos transtornos mentais⁶”. Em outras palavras, entre diferentes fatores admitidos, os distúrbios de ordem psíquica ou emocional apresentar-se-iam como elemento que, se não se mostra determinante, tenderia a aumentar o risco de o indivíduo cometer, efetivamente, o suicídio. Com efeito, tal

⁶ No original: “*One recognized strategy for the prevention of suicide is the assessment and management of mental disorders*” (World Health Organization, 2014, p. 11 – tradução nossa).

fator não apenas justificaria, mas exigiria uma consideração mais detalhada das condições psíquicas que poderiam impulsionar ações e comportamentos autodestrutivos. Assim, na sequência dessa problematização introdutória, buscar-se-á argumentar em favor da pertinência de se restringir a investigação tomando por base as condições psíquicas do indivíduo, condições estas que poderiam sofrer certas alterações, desembocando no que se consideram perturbações psíquicas ou emocionais.

No âmbito científico, porém, a concepção talvez dominante sobre os distúrbios psíquicos e emocionais decorra não apenas dos avanços na compreensão dos processos cerebrais, mas sobretudo da influência ideológica da indústria farmacêutica (Machado e Ferreira, 2014), que é oferecida pela medicina, em particular pela psiquiatria. A 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5), por exemplo, define o transtorno mental como “uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental” (American Psychiatric Association, 2014, p. 20).

É necessário ressaltar que como a psiquiatria considera os fenômenos psíquicos a partir de um ponto de vista neurobiológico, a explicação das perturbações psíquicas ou emocionais, incluindo-se aí aquelas que poderiam levar ao suicídio, é baseada em hipóteses sobre a deficiência/excesso de neurotransmissores no sistema nervoso ou da ação de substâncias psicoativas (Machado & Haertel, 2013). Sadock; Sadock e Ruiz (2017), por exemplo, versam sobre a deficiência ou excesso de neurotransmissores e sua relação com os mais diversos transtornos psiquiátricos, sendo que os autores relacionam alguns desses transtornos com uma maior predisposição ao suicídio. Segundo Dalgalarondo (2008, p. 181 - esclarecimento entre colchetes nosso), os quadros psiquiátricos mais suscetíveis ao “impulso e [à] ideação grave de suicídio” seriam a depressão, a dependência do álcool, entre outras. É em vista dessa espécie de compreensão neurobiológica sobre os fenômenos psíquicos que se poderia justificar uma abordagem médica (nerológica e psiquiátrica) do fenômeno do suicídio.

No entanto, no campo da psicologia, a psicanálise emerge e se constitui como uma nova disciplina com pretensões científicas, justamente a partir do reconhecimento, por Freud, dos limites encontrados na explicação e manejo terapêutico de sintomas caracterizados como transtornos mentais pelas teorias médicas e psiquiátricas. Para Quinodoz (2007, p. 19), “[...] a

histeria⁷ era uma afecção bastante difundida no fim do século XIX, e indagava-se sobre sua origem: era orgânica ou psíquica? Os médicos estavam desconcertados diante da impossibilidade de encontrar sua verdadeira causa”. Justamente por isso que, antes de Freud, a necessidade de uma explicação nova para os distúrbios psíquicos e emocionais, como por exemplo a histeria, não solucionadas pelas teorias médicas, já era reconhecida por diferentes autores, como Charcot (Freud, 1956[1886]/1992) e Breuer (Freud, 1895/2016). Coube, entretanto, a Freud a lenta formulação de uma compreensão psicanalítica para a histeria e para as perturbações psíquicas e emocionais em geral, que pode servir de exemplo em relação às limitações das explicações baseadas no modelo médico-psiquiátrico. A gestação dessa maneira nova de explicar o funcionamento da mente e tratar das perturbações daí decorrentes pode ser verificada em alguns de seus textos - como, por exemplo, *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*, escrito em 1885 e publicado em 1956; *Estudos sobre a histeria*, de 1895; *Análise fragmentária de uma histeria, o caso Dora*, escrito em 1901 e publicado em 1905; entre outros.

Com vistas a justificar a possibilidade de contribuir ao estudo do fenômeno do suicídio a partir da consideração do estado psíquico da pessoa como fator determinante, conforme se buscará desenvolver ao longo desta dissertação, passar-se-á a esclarecer abaixo definições de alguns termos envolvidos na discussão. Por meio delas, acredita-se que seja possível destacar uma relação íntima entre certas alterações no âmbito dos processos psíquicos com um fenômeno estudado e descrito pela psicanálise freudiana: a agressividade humana.

Etimologicamente, segundo Louzã Neto (2007), o termo suicídio é derivado do latim e pode ser decomposto em *sui*, que significa si mesmo, e *caedes*, que designa a ação de matar. O autor aponta, ainda, que a palavra suicídio “[...] surgiu no século XVII, na Inglaterra, na obra do inglês Sir Thomas Browne, chamada *Religio Médici*, publicada em 1642. Na França, em 1734, foi utilizada pelo abade francês Desfontaines, que havia visitado a Inglaterra anteriormente, para significar ‘o assassinato ou a morte de si mesmo’” (Louzã Neto, 2007, p. 474).

A Organização Mundial da Saúde⁸ (OMS), por sua vez, ressalta, no *Relatório mundial sobre violência e saúde*, que “[...] o termo suicídio, por si só, evoca referência direta à violência

⁷ “A histeria é uma estrutura psíquica que designa tanto um certo tipo de personalidade e de relação quanto um conjunto de formas sintomáticas e clínicas ligadas ao campo das psicose neuroses. Suas manifestações, de expressão dramática, corporal e afetiva, tentam exprimir e simbolizar um conflito que concerne à psicosexualidade e, ao mesmo tempo, à defesa contra esse conflito” (Schaeffer *apud* Mijolla, 2005a, p. 880).

⁸ *World Health Organization (WHO)*.

e agressividade”⁹ (Krug *et al*, 2002, p. 185). Em outros termos, o suicídio poderia ser compreendido como resultado da agressividade do sujeito dirigida contra si mesmo, uma agressividade que tomaria o próprio sujeito como destinatário. Ainda de acordo com esse relatório, “[...] a violência autodirigida é subdividida em comportamento suicida e autoabuso. O primeiro inclui pensamentos suicidas, tentativas de suicídio [...] e suicídios completados”¹⁰ (Krug *et al*, 2002, p. 06). Ora, se os comportamentos suicidas são compreendidos pela OMS como violência autodirigida, não se poderia conceber o suicídio como o resultado de uma agressão autodirigida ou, em sinonímia, como autoagressão?

A autoagressão pode ser definida como “[...] o ato intencional que causa dano físico ou mental a si próprio, podendo ser visto como um mecanismo de autodefesa em relação à deficiência do enfrentamento de situações estressantes, pode[ndo] estar ligada ao desejo de provocar a própria morte” (Ferreira, 2018, p. 16 – esclarecimento entre colchetes nosso). Portanto, parece revelar-se aqui um ponto em comum e necessário a ser considerado em estudos sobre o fenômeno em questão. Esse fator se encerra na agressividade que se volta contra a própria pessoa, ou seja, no fato de que o fenômeno suicida seria a manifestação extrema de uma autoagressão.

Dado que a agressividade é reconhecida como nuclear no fenômeno do suicídio e dado sobretudo que a agressividade autodirigida é objeto de estudo em alguns textos freudianos, a teorização psicanalítica parece adequada a uma análise psicológica do tema. Cabe, todavia, interrogar quais poderiam ser alguns dos argumentos mais específicos que justificariam uma pesquisa acerca das possíveis contribuições da abordagem psicanalítica freudiana para pensar o fenômeno do suicídio.

O suicídio, como já foi dito, parece poder ser entendido como decorrência de um distúrbio psíquico e emocional no qual a agressividade se torna autodirigida. Ora, é recorrente, nas considerações metapsicológicas¹¹ freudianas, o tema da agressividade e, sobretudo, da autoagressão ou, em outras palavras, da agressividade que se volta contra a própria pessoa. A metapsicologia freudiana contempla, desde suas origens, o fenômeno da agressividade manifestado na forma de agressão ao outro, mas igualmente na submissão à agressão, como se

⁹ No original: “*The term ‘suicide’ in itself evokes direct reference to violence and aggressiveness*” (Krug *et al*, 2002, p. 185 – tradução nossa).

¹⁰ No original: “*Self-directed violence is subdivided into suicidal behavior and self-abuse. The former includes suicidal thoughts, attempted suicides [...] and completed suicides*” (Krug *et al*, 2002, p. 06 – tradução nossa).

¹¹ “A noção de metapsicologia foi forjada por Freud para designar a parte mais teórica e abstrata da psicanálise. É constituída por um conjunto de leis, princípios e conceitos fundamentais que permitem representar e descrever o funcionamento do aparelho psíquico” (Roussillon *apud* Mijolla, 2005b, p. 1174).

pode verificar, por exemplo, em: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905; *Os instintos e seus destinos* de 1915; *Além do princípio do prazer*, de 1920; *O problema econômico do masoquismo*, de 1924; dentre outros.

Assim, para tentar esclarecer alguns processos psíquicos que poderiam estar na base de ações que podem levar o sujeito a atentar contra a própria vida, buscar-se-á no referencial teórico psicanalítico freudiano elementos que possibilitem compreender um trinômio conceitual formado pela agressividade, pelo sentimento de culpa e pela autoagressão.

O papel da agressividade e da autoagressão parece de mais fácil apreensão, conforme comentários acima, mas poder-se-ia perguntar: qual papel poderia desempenhar o sentimento de culpa no esclarecimento do assunto? Será visto ao longo desta dissertação que, segundo a concepção psicanalítica (Freud, 1923/2011), o sentimento de culpa estaria intimamente relacionado com o que se denomina consciência moral, o conjunto de referências éticas e de valoração em geral, presente e operante no indivíduo. É nesse sentido que em psicanálise o sentimento de culpa seria correlativo às críticas morais que o indivíduo faria a si mesmo, isto é, uma forma de expressão de um sistema de autocrítica.

No que se refere ao fenômeno do suicídio, cabe enfatizar a necessidade de punição como característica primordial. É, nesse sentido, que o sentimento de culpa toma papel relevante, uma vez que a necessidade de punição está na base da expressão de uma agressividade que operaria internamente ao sujeito, ou seja, envolveria alguma forma de autoagressão, que poderia ser tanto psíquica quanto física.

Baseado em reflexões freudianas, buscar-se-á demonstrar, ao longo desta dissertação, como a agressividade, reconhecida como constitutiva do ser humano por Freud pode, em algumas situações, levar à intensificação do sentimento de culpa e, conseqüentemente, à autoagressão cuja manifestação extrema seria o suicídio. Por isso, o sentimento de culpa poderia ser compreendido como a via régia pela qual a agressividade humana pode ser convertida em autoagressão.

Contudo, empreender um estudo metapsicológico acerca do suicídio é tarefa que se apresenta extremamente árdua, devido à complexidade do assunto e à conseqüente dificuldade em se compreender e lidar com essa matéria. A partir do exposto nessas considerações preliminares, parece possível, no entanto, levantar uma questão: é possível desenvolver uma reflexão psicanalítica sobre o fenômeno do suicídio, tomando por base o sentimento de culpa entendido como expressão da agressividade autodirigida? Mais: seria possível desenvolver uma reflexão visando a evidenciar a exacerbação do sentimento de culpa pela intensificação da

autoagressividade como propulsor de comportamentos considerados suicidas, como a ideação e o planejamento suicida que antecederia a tentativa do suicídio? Levando em consideração esses questionamentos, delineou-se o objetivo desta dissertação, a saber, desenvolver uma reflexão centrada na concepção psicanalítica do sentimento de culpa como expressão da agressividade autodirigida, e examinar como sua exacerbação, decorrente da intensificação da agressão interna ao próprio sujeito, contribui para o esclarecimento de fenômenos ligados ao suicídio, tais como a ideação suicida, o planejamento suicida, a tentativa de suicídio e o suicídio efetivamente consumado.

Trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual, a partir do levantamento, leitura e seleção de textos pertinentes da obra de Freud, acerca de conceitos necessários para a compreensão psicodinâmica do sentimento de culpa e da autoagressão que podem suscitar comportamentos suicidas: ideação suicida, planejamento suicida, tentativa de suicídio e suicídio efetivamente consumado. Para o desenvolvimento das ideias, convocam-se estudos realizados pelo autor especialmente nos textos *Estudos sobre a histeria*, 1895; *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905; *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*, 1910; *Introdução ao narcisismo*, 1914; *Luto e melancolia*, escrito em 1915 e publicado em 1917; *Os instintos e seus destinos*, 1915; *Além do princípio do prazer*, de 1920; *O Eu e o Id*, 1923; *O problema econômico do masoquismo*, de 1924; *O Mal-estar na Civilização*, 1930; *Por que a guerra?*, 1932; *entre outros*. Do diálogo entre os textos que compõem o referencial teórico psicanalítico freudiano e as obras de alguns estudiosos da obra de Freud, podem resultar esclarecimentos e, conseqüentemente, melhor compreensão dos conceitos construídos pelo criador da teoria psicanalítica.

Fixando-se na psicanálise freudiana, esta reflexão poderá contar com a contribuição de estudos de outros autores visando à melhor compreensão dos processos psíquicos situados na base das ações e das reações do sujeito. Aspira-se a levantar dados que possam auxiliar na compreensão de conceitos-chave referentes às teorias a respeito da agressividade, da autoagressão e do sentimento de culpa, a fim de verificar as possibilidades de uma contribuição psicanalítica freudiana para os estudos sobre o suicídio.

Compreendida a temática que percorre este estudo, e para dinamizar o processo de investigação, optou-se por dividi-lo em quatro capítulos. O capítulo de abertura apresenta uma discussão introdutória sobre o papel do sofrimento psíquico e sua relação com o suicídio. Essa discussão abre caminho para destacar a agressividade como fator de risco de fundamental importância no estudo dos comportamentos suicidas. Para tanto, esse capítulo está organizado

em duas seções: na primeira, procura-se delinear alguns fatores de risco referentes aos comportamentos suicidas bem como elucidar as fases pelas quais o suicídio é compreendido por diversos autores. No segundo tópico, busca-se traçar uma correlação entre o prazer e o sofrimento psíquico nos comportamentos suicidas derivados da agressividade autodirigida.

No segundo capítulo, abordam-se alguns elementos conceituais da teoria freudiana considerados necessários para pensar o suicídio. O objetivo é analisar a questão da agressividade sob o viés da teoria freudiana, visando à explicitação de elementos conceituais da teoria psicanalítica de Freud que auxiliem no entendimento da questão do suicídio. No primeiro tópico desse capítulo, tecem-se discussões acerca da agressividade no que diz respeito à sexualidade pelo viés da teoria psicanalítica freudiana. O segundo tópico é dedicado ao exame da primeira teoria dos instintos, mais especificamente no que se refere aos conceitos da agressividade e da sexualidade. O terceiro e último tópico trata sobre a segunda teoria dos instintos formulada por Freud, enfatizando-se, aí, a agressividade considerada constitucional e o conceito de instinto de morte

No capítulo três, cujo objetivo consiste em explicitar elementos conceituais mais específicos e igualmente necessários para pensar a questão do suicídio pela abordagem freudiana, particularmente a formação do Supereu na concepção freudiana de psiquismo e o sentimento de culpa. O capítulo foi organizado em duas partes, de modo que o primeiro tópico versa sobre a formação do Supereu. E o segundo sobre o sentimento de culpa.

No último capítulo, intitulado 'Esboço de uma compreensão metapsicológica do suicídio', apresenta-se uma síntese sobre como a psicanálise freudiana pode explicar o fenômeno do suicídio a partir de uma discussão de conjunto, buscando a formação de uma opinião sobre o suicídio a partir da articulação desses conceitos psicanalíticos. No primeiro tópico desse capítulo, intenta-se mostrar a centralidade do sentimento de culpa inconsciente na explicação de comportamentos suicidas, bem como sua intensificação na autoagressão. O segundo tópico é arquitetado como um outro caminho que o psiquismo tem para intensificar a autoagressão, qual seja, a intensificação do sentimento de culpa inconsciente nos processos regressivos. O terceiro tópico visa a aprofundar os temas abordados no primeiro e no segundo tópico do capítulo tentando mostrar o papel da regressão como des fusão instintual ressaltando-se, aí, seu papel na exacerbação do sentimento de culpa inconsciente e os comportamentos suicidas. A partir daí erige-se o último tópico em que se esboçam possibilidades de enfrentamento de comportamentos suicidas com base em alguns fundamentos da psicanálise freudiana.

CAPÍTULO I

POSSÍVEIS FATORES DE RISCO NOS COMPORTAMENTOS SUICIDAS E APROXIMAÇÃO À PROBLEMÁTICA DA AGRESSIVIDADE AUTODIRIGIDA

Este capítulo analisa alguns possíveis fatores de risco considerados atuantes nos comportamentos suicidas, e busca apresentar uma aproximação à agressividade autodirigida como fator principal. Para viabilizar a abordagem do assunto, o capítulo foi subdividido em dois tópicos: no primeiro deles, discutem-se alguns aspectos do sofrimento psíquico, além de fatores de risco que envolveriam os comportamentos suicidas; no segundo, versa-se sobre a proposta de alguns autores que, na tentativa de compreender o processo do suicídio, distinguem algumas etapas – a ideação suicida, a tentativa de suicídio e o suicídio efetivamente consumado – que dizem respeito à passagem das elucubrações no âmbito da fantasia ao ato propriamente dito, e ao final introduz-se a questão da agressividade que parece permear todas as formas de comportamentos suicidas.

1.1 Algumas considerações sobre fatores de risco nos comportamentos suicidas e suas fases

O termo suicídio foi cunhado, de acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 740), “[...] a partir do latim *sui* (si) e *caedes* (matança) [...], para expressar o ato de matar a si mesmo, no sentido de uma doença ou uma patologia, em oposição à antiga formulação ‘morte voluntária’, sinônima de crime contra si mesmo”. Apenas a partir da metade do século XVII é que o termo suicídio começou a substituir outras denominações utilizadas para designar a morte voluntária, entretanto, só depois da segunda metade do século XIX, é que esse ato extremo passou a ser visto como uma patologia (Roudinesco *et* Plon, 1998).

Um suicídio não é um evento que acontece por acaso. Ninguém tira a própria vida inadvertidamente. Ele é gestado durante um tempo considerável que pode se prolongar por muitos anos. Estudos realizados por diferentes autores (Silva, 2006; Galinker; 2017), revelam que o comportamento suicida pode ser compreendido como um processo que compreende fases, desde os primeiros problemas de sofrimento psíquico ou que causam perturbações psíquicas e emocionais, até aqueles que se tornam insuportáveis porque fazem parte de uma realidade interna mais dolorosa ou que é mais penosa que a realidade externa. O percurso trilhado por um suicida tem diversas etapas cujos sofrimentos vão se tornando cada vez mais intensos a ponto de o sujeito não mais conseguir lidar com a sua estadia no mundo. Dentre essas etapas, três

podem ser destacadas devido à sua importância no sentido de progressão das ideias de autoaniquilamento: a ideação suicida, a tentativa de suicídio e o suicídio efetivamente consumado.

A primeira etapa de comportamento suicida seria a ideação suicida. Tal comportamento seria o primeiro nível de autoagressão que se verifica quando se aborda o assunto dos comportamentos suicidas. De acordo com o dicionário Houaiss (2001), ideação vem do verbo idear em dois de seus sentidos: fantasiar e projetar. Ideação constitui o ato ou efeito de idear, ou seja, designa um processo ou atividade de pensamento que se desenrola apenas no interior do psiquismo. Seguindo esse entendimento se encontra na Associação Americana de Psiquiatria¹² a definição de ideação suicida “[...] como a presença de pensamentos em que o indivíduo é o agente de sua própria morte” (Silva, 2006, p. 44). Ela ainda pode ser compreendida como qualquer pensamento envolvendo comportamentos associados ao suicídio (O’Carroll *et al. apud* Silva, 2006). Além disso, as ideias suicidas “[...] podem abranger desde pensamentos passageiros de que a vida não vale a pena ser vivida até preocupações intensas sobre por que viver ou morrer, ou apresentar-se como ideias delirantes” (Goldney *et al.*, *apud* Silva, 2006, p. 44).

Diversos estudiosos traçam uma associação entre a ideação suicida e os distúrbios de ordem psíquica e emocional (Silva, 2006). Não obstante, “[...] quando diferentes aspectos de sofrimento são avaliados, o sentimento de desesperança mostra-se mais fortemente associado a ideação suicida” (Silva, 2006, p. 60). Como já afirmado anteriormente, é que o sujeito afligido pelos sofrimentos derivados da agressividade que volta contra si mesmo pode acabar por buscar uma saída extrema para esse sentimento que o afeta. É por isso que a ideação suicida consiste no fato de o indivíduo se deter na consideração, ou seja, na representação mental de possíveis formas de destruir a própria vida.

De acordo com Galinker (2017), a ideação suicida pode apresentar diversos níveis no que se refere à gravidade e à intensidade em que se apresenta, pois pode ou não incluir um plano suicida. Segundo o autor, os pensamentos sobre suicídio que abrangem uma extensa gama de emoções, desde as efêmeras e infrequentes até as persistentes e incessantes podem ser caracterizadas como ideias suicidas. Tais ideias também podem ser classificadas como uma modalidade de comportamento pré-suicida quando a ela se associa um plano e se ela é considerada na iminência de um ato (Silva, 2006). A intenção suicida, que se refere à ideação

¹² *American Psychiatric Association.*

suicida e que inclui um plano intencional de ação, implica um risco mais sério de suicídio e é considerado separadamente (Galinker, 2017)¹³.

O sujeito, entregue aos pensamentos relacionados ao seu próprio suicídio, pode ter diversos níveis de ideia: desde vagas e simples, até à elaboração de um plano detalhado. Quanto à intensidade, o sujeito pode ter desde pensamentos pouco frequentes até pensamentos constantes e incontroláveis (Galinker, 2017). No campo dos comportamentos suicidas, a ideação suicida é considerada muito grave, uma vez que nenhum suicídio se concretiza sem que antes tenha havido ideação. Para a psicanálise, no entanto, como se verá ao longo deste trabalho, nem sempre os motivos que levam aos comportamentos suicidas precisam ser manifestos e figurar na consciência do sujeito.

A psicanálise admite a possibilidade de haver conteúdos internos que não alcançaram a consciência e que possam ser responsáveis pelos comportamentos suicidas. O indivíduo pode padecer de algo que não sabe nomear, ou seja, não consegue descrever conscientemente o que o aflige, mas nem por isso se julga que a pessoa não sente um prazer imenso em descarregar os instintos agressivos em si mesma e, ao mesmo tempo, sentir uma dor psíquica insuportável. É justamente quando a dor interna se sobrepõe à dor externa, que o sujeito conjectura modos de chegar à tentativa e à consumação do suicídio.

Na ideação suicida, embora haja o prazer e a dor psíquica, nem sempre há o gesto concreto que pode ser detectado na tentativa de suicídio e no suicídio efetivamente consumado. Todavia, quando se coloca em evidência o caso de adolescentes “[...] um estudo mostra que ideação suicida, quando associada ao planejamento suicida, é um fator de risco equivalente ao risco representado por uma tentativa prévia” (Silva, 2006, p. 48).

Muitas das pessoas que recorrem à ideação suicida não concretizarão seus planos suicidas. Entretanto, o número excessivo de casos de suicídio vem chamando a atenção para as causas, os motivos e os aspectos que os desencadeiam. Ferreira (2008, p. 5) elenca alguns indicadores em que se torna possível detectar a ideação suicida de uma pessoa:

[...] grande tristeza, desesperança e pessimismo (falar muito na morte, tudo parece negativo, perdido...); Insucesso escolar, especialmente se acompanhado de angústia e tentativas de melhoria de resultados, mas sem sucesso; Apatia pouco usual, letargia, falta de apetite; Insônia persistente, ansiedade, grande impulsividade e agressividade; Abuso de álcool, droga ou fármacos; Dificuldades de relacionamento e integração na família ou no grupo; Afastamento ou isolamento social; Dizer adeus, como se não o(a)

¹³ Cf. “*Suicidal ideation refers to thoughts about suicide and encompasses a wide range of cognitions, from fleeting and infrequent to persistent and unrelenting. Suicide intent, which refers to suicidal ideation that includes the purposeful plan to act, implies a more serious suicide risk and is considered separately*” (Galinker, 2017, p. 145).

voltássemos a ver; Oferecer objetos ou bens pessoais valiosos sem razão aparente; Luto pela perda de alguém próximo; Historial de suicídios na família; Outros agentes.

Todos esses indicadores são resultantes do acúmulo de conflitos que podem afligir o sujeito. A observação atenta de tais comportamentos é extremamente válida para a prevenção e tratamento do sujeito que corre perigo de se suicidar. Seria interessante salientar, no entanto, dois desses aspectos: o primeiro é aquele que diz respeito aos insucessos na vida do sujeito, uma vez que este pode sentir-se culpabilizado por sua incapacidade de melhora nos diversos aspectos que cercam sua vida, sejam eles escolares, econômicos, de ordem do *status* social que ocupam, entre outras razões mais; o segundo aspecto é aquele que diz respeito a uma grande impulsividade e agressividade que o sujeito pode vir a apresentar, sendo que essas duas características podem levar a pessoa a se sentir culpada tanto conscientemente quanto inconscientemente. Os dois aspectos podem levar os indivíduos a se sujeitarem a punições, ou seja, a voltarem uma agressividade contra sua própria pessoa. Dessa forma, quando a culpa se torna insuportável, o sujeito pode não apenas recorrer à ideação suicida, mas, na busca por mitigar ou cessar o seu sofrimento, pode também empreender uma tentativa de suicídio

No entanto, uma segunda etapa de comportamento suicida mostra-se mais preocupante do que a ideação. A tentativa de suicídio é considerada como a segunda etapa dos possíveis comportamentos suicidas. Essa espécie de autoagressão pode ser compreendida como uma atitude ou procedimento autodestrutivo não letal, já que o agressor não chega ao óbito. Em outras palavras, entende-se por tentativas de suicídio casos em que os sujeitos buscam a cessação da dor psíquica sem, no entanto, consegui-la. Em um plano de gravidade dos comportamentos suicidas, a tentativa de se matar é mais grave que a ideação e o planejamento suicida, o que poderia significar que o sofrimento psíquico se encontra mais exacerbado. Não se deve esquecer que “[...] a pessoa que pensa em suicídio ou tenta se matar está, evidentemente, sofrendo. Quando ela não encontra formas de diminuir ou compreender esse sofrimento, que se torna insuportável, o suicídio parece ser a única saída” (Cassorla, 2018, p. 10).

O fato de o sujeito tentar, mas não levar a efeito a sua própria morte, não significa que o ato não resulte em lesão. Tanto a ideação suicida quanto o planejamento e a tentativa de suicídio possuem extrema gravidade, uma vez que o sujeito, carecendo de desenvolvimento de sua potencialidade simbólica, é capaz de chegar ao extremo de tirar a própria vida. Poder-se-ia afirmar aqui que a tentativa de suicídio se constitui como uma maneira extrema de buscar a simbolização de um conflito psíquico tornando-se, assim, uma passagem ao ato.

Pode-se dizer ainda que as tentativas de suicídio se assentam sobre uma base na qual reina a ambivalência. Ao mesmo tempo que a pessoa sente prazer em se impor sofrimentos, ela almeja extinguir a dor para poder viver. Há, portanto, urgência em terminar o processo doloroso por meio do suicídio e, ao mesmo tempo, urgência de continuar a viver.

Em relação ao caráter ambivalente do comportamento suicida, valeria observar, conforme escreve Silva (2006), baseado em Goldney e outros, o que consideram uma tendência equivocada por parte de alguns profissionais de minimizar a importância da ideação suicida. A minimização desse fator seria equivocada, porque esquecem-se ou ignoram que a expressão verbal da ideação suicida pode ser, na verdade, um pedido de socorro por parte de um sujeito. Esse pedido, no entanto, é silencioso, uma vez que aponta para duas tendências opostas: a necessidade de descarregar um instinto agressivo em si mesmo e, por outro lado, o prazer e o sofrimento causado por essa descarga na própria pessoa.

Citando diversos autores, Silva (2006) comenta que a maioria das pessoas têm fantasias suicidas e que a autopunição extrema é o único problema sempre presente no cotidiano das pessoas, às quais não faltariam razões para um suicídio. E continua:

De um modo geral, se pensar na própria existência e na possibilidade de pôr fim a ela faz parte da natureza humana e de seus questionamentos, o que se observa, pelo menos através da literatura científica, é que comunicar esse pensamento, ou seja, relatar intenção ou ideação suicida parece ter um significado a mais e se apresenta associado a indícios de sofrimento psíquico (Silva, 2006, p. 61).

O mesmo autor afirma, ao comentar os estudos de Bertolote e colaboradores, que “[...] ao longo da vida, pensamentos sobre suicídio [ideação] são até seis vezes mais frequentes do que tentativas” (Silva, 2006, p. 49 – esclarecimentos entre colchetes nossos). Há, portanto, uma diferença qualitativa entre ideação suicida e tentativa de suicídio e, também, uma gradação quantitativa com referência aos comportamentos suicidas no sentido de que as ideias suicidas são mais frequentes do que as tentativas de suicídio que, por sua vez, são mais frequentes do que os suicídios efetivamente consumados. Silva (2006, p. 49) aponta acerca da compreensão de Platt e colaboradores que as tentativas de suicídio “[...] dependendo do local, são 10 a 40 vezes mais frequentes do que o suicídio”. Nesse sentido, poder-se-ia pensar que a ideação suicida teria o propósito de satisfazer, na fantasia, como derivativo, a descarga da agressividade direcionada à própria pessoa, o que daria origem, então, ao prazer e ao sofrimento apresentados pelo sujeito.

A terceira etapa de autoagressão relativa ao comportamento suicida é constituída pelo suicídio efetivamente consumado. Para que um sujeito chegue a essa terceira etapa há uma probabilidade extremamente alta, no entanto, que ele tenha passado pelas outras duas etapas de comportamento suicida, quais sejam, a ideação suicida e a tentativa de suicídio que, neste caso, é realmente efetivada. Trata-se, portanto, de uma atitude intencional de autoagressão que tem como consequência a morte do sujeito. Além disso, “[...] a tendência à autodestruição é frequente em um grande número de pessoas. Os danos autoinfligidos não passam, porém, de uma transação entre o impulso de morte¹⁴ e as outras forças que atuam contra ele” (Silva, 1968, p. 133).

É justamente por isso que a efetivação do suicídio é precedida pelos comportamentos suicidas: a ideação suicida, que contempla, também, o plano suicida, e a tentativa de suicídio. Na verdade, “[...] o homem se mata quando encontra na própria destruição do *eu* a fonte de seu maior prazer, do seu maior desejo, isto é, desaparecer por sua própria culpa” (Silva, 1968, p. 138 – grifos do autor).

Deve-se ressaltar que para Silva (1968, p. 134), “O suicídio não é [...] um ato impulsivo, que nasce momentaneamente [...]. O impulso momentâneo é a consequência, o desfecho de uma tragédia íntima, longamente vivida. O suicídio é sempre premeditado, pensado inconfessavelmente, à sombra de uma inconfidência”.

A agressividade que retorna sobre a própria pessoa dando origem aos sentimentos ambivalentes e sofrimento psíquico, parece ser um dos principais fatores de risco que envolvem a questão do comportamento suicida. Vejamos, então, a seguir, alguns esclarecimentos sobre o tema.

1.2. Sofrimento psíquico e agressividade autodirigida nos comportamentos suicidas

Motivado por múltiplas fontes, o sofrimento psíquico é considerado por diferentes autores como um fator intimamente associado aos comportamentos suicidas. Seria um dos fatores que mais poderia desencadear a agressividade no sujeito, uma vez que por obstáculos que aparecem em relação à satisfação ou realização de desejos surge, gerando o sentimento de agressividade. Tal agressividade pode se voltar contra o próprio sujeito e desencadear as etapas dos comportamentos suicidas já citadas anteriormente.

¹⁴ A discussão sobre o instinto de morte será apresentada no segundo capítulo desta dissertação.

Os sofrimentos psíquicos possuem diversas gradações, sendo alguns mais visíveis que outros. A dor psíquica é derivada de distúrbios psíquicos e emocionais. Na compreensão de Cassorla (2018, p. 10), “[...] a mente do suicida é como a mente de qualquer pessoa, com a pequena diferença de que alguns mecanismos se tornaram mais intensos ou passaram a interagir entre si de tal forma que causam um sofrimento que pode ser sentido como insuportável”.

Para Rigo (2013), no livro *Suicídio e os desafios para a psicologia*, os comportamentos suicidas são “[...] uma manifestação humana, uma forma de lidar com o sofrimento, uma saída para livrar-se da dor de existir”. É importante destacar, na afirmação da autora, que o sofrimento e a dor de existir figuram na base dos processos que levam os sujeitos a apresentarem comportamentos suicidas. Diversos campos científicos, como já mencionado na introdução desta pesquisa, debruçaram-se sobre o estudo do suicídio e, por isso, novas óticas foram divisadas o que possibilitou o avanço na direção de sua compreensão. Faz-se necessário, contudo, destacar que a problemática do suicídio e dos comportamentos suicidas não se encerrou com os estudos já realizados. Persiste a possibilidade de delinear-se que o pano de fundo para os comportamentos que se ligam ao suicídio

[...] são ainda a afetividade, a vida amorosa, as perturbações da sexualidade o nódulo de onde se irradia, com mais frequência o impulso suicida. Em centenas de observações clínicas consignadas por psicanalistas de diferentes partes do mundo a *ideia obsessiva* do suicídio é sempre decorrente de complexos afetivos profundos que no curso da análise se revelam de maneira iniludível (Silva, 1968, p. 136).

Corroborando com o excerto, Schneidman (2001, p. 200) afirma que “[...] o suicídio é essencialmente um drama na mente, onde o drama suicida é quase sempre motivado pela dor psicológica [...] A dor psíquica é o coração negro do suicídio: sem dor psíquica, não há suicídio¹⁵”. Na opinião desse autor, portanto, a dor psíquica se configura como uma característica sempre presente nos comportamentos suicidas.

Macedo e Werlang (2007), concordam com a visão de Schneidman quando afirmam que o sofrimento psíquico insuportável seria o responsável pelo comportamento suicida, uma vez que, por meio dele, busca-se uma descontinuidade radical da vida. É justamente por isso que os comportamentos suicidas devem ser concebidos e apreendidos como uma maneira de escapar de uma dor psíquica intensa. Por isso, autores como os acima mencionados compreendem que haveria uma relação estreita entre o sofrimento psíquico, as perturbações de

¹⁵ No original: *I believe that suicide is essentially a drama in the mind, where the suicidal drama is almost always driven by psychological pain [...]. Psychache is at the dark heart of suicide: no psychache, no suicide.*

ordem psíquica e emocional e a autoagressividade que figura nas diferentes modalidades de comportamentos suicidas. O que chama a atenção no caso do suicídio e dos comportamentos suicidas é o fato de o sujeito dirigir a agressividade para si mesmo.

Faz-se necessário, neste ponto, conceituar a agressividade de acordo com diferentes autores. Do latim *adgredior, agere gressum, ad gressum ire*, agressividade pode significar fazer ou tomar passo, posse ou andar e engajar-se para metabolizar ou destruir (Meneghetti, 2008). Na visão de Muratori, (2007, p. 16), entretanto, o termo agressividade “[...] indica um movimento para diante, na direção de alguém, movimento que não implica necessariamente intenção de praticar o mal”. Quando se questiona a gênese da agressividade por uma perspectiva biológica, segundo Paviani (2016, p. 11), ela poderia ser entendida como a agressão resultante “do instinto de superação dos conflitos na luta pela sobrevivência”. Nesse caso, a perspectiva filogenética poderia ser uma das explicações acerca do comportamento agressivo presente nos seres humanos.

Parece possível, já a partir dessas definições preliminares considerar a agressividade como parte da constituição do sujeito e, conforme a tendência centrífuga evidenciada pela etimologia do termo, seria dirigida, quase sempre, para objetos exteriores ao organismo. Essa tendência centrífuga parece coerente com o sentido psicológico em que a agressividade pode ser compreendida, segundo Ferreira (1986, p. 65), tratar-se-ia de uma “[...] disposição para o desencadeamento de condutas hostis, destrutivas, fixada e alimentada pelo acúmulo de experiências frustradoras”. Tais experiências frustradoras se dão em meio às diversas sociedades produzidas pelos homens. Portanto, há estudiosos que a consideram como “[...] fruto de processos de aculturação e uma resposta a frustrações intoleráveis, sendo a violência um sintoma de tensão nas sociedades humanas e na sua relação com o ambiente que as envolve” (Pimentel; Rodrigues *et al*, 2017, p. XIII).

Percebe-se, portanto, que as frustrações e as relações dos seres humanos com o ambiente desempenham um papel no que se refere à agressão por parte de alguns indivíduos. É que, na verdade, de acordo com Câmara (2018 – grifo do autor) o “[...] comportamento agressivo é uma expressão do ser humano, como de outras espécies animais, e como tal deve ser compreendido”. Segundo o mesmo autor, a agressividade se manifesta na interação social, sendo geralmente dirigida para fora.

Todavia, o que interessa ser destacado nesta dissertação são os casos em que essa agressividade dirigida para fora sofre desvios voltando-se contra a própria pessoa sendo, nesse caso, denominada de autoagressão, podendo, dessa forma, ser extremamente prejudicial à

integridade psicológica e física do sujeito. Quando a pessoa se depara com os embates da vida, tais como perda de emprego, de bens materiais de grande monta, de entes queridos, diagnóstico de doença grave, ela pode, na dificuldade de lidar com seus sentimentos, direcionar a agressão contra si própria. Dito de outro modo, a autoagressão consiste em um derivativo instintual que está ligado a algumas espécies de perturbações de ordem psíquica e emocional. O agressor pode também afligir-se psicologicamente devido à baixa autoestima, submetendo-se a insultos, desmoralizações, danos contra si mesmo. Conscientemente ou inconscientemente o indivíduo se julga e se impõe uma punição, uma penalidade.

Na incapacidade de colocar um fim ao sofrimento psíquico, a agressividade que seria direcionada contra terceiros sofre, em uma tentativa desesperada de aliviar a pressão interna, um redirecionamento contra a própria pessoa, ou seja, se vira contra o próprio sujeito que direciona todo o contingente agressivo contra si próprio.

Há diversas maneiras nas quais a autoagressão pode se apresentar, configurando-se como um comportamento intencional ou não intencional, dirigido ao próprio agente causador, provocando danos psíquicos e/ou físicos instantâneos. A autoagressão torna o sujeito um refém de si mesmo, podendo, além de impulsionar ideias e tentativas de suicídio, causar danos permanentes e irreversíveis como, por exemplo, o suicídio efetivamente consumado (considerado, nesta pesquisa, como autoagressão extrema). É necessário ressaltar que os processos-base de qualquer espécie de autoagressão são similares. Desse modo, tanto na agressão não-suicida como na autoagressão letal, haveria um contingente sádico de agressividade que se voltaria contra a própria pessoa sob a forma de masoquismo.

Por isso considera-se a agressividade um denominador comum que parece poder auxiliar na compreensão de diferentes formas de comportamentos suicidas. Abreu e colaboradores (2010) definem os comportamentos suicidas como sendo ações nas quais o indivíduo se autoinflige punições, sejam de ordem física ou psíquica. Ou seja, embora a agressividade do ser humano possa ter como consequência ataques a outrem, levada em conta na tentativa de compreender o fenômeno do suicídio, é preciso destacar seus efeitos quando volta-se contra a própria pessoa e tem como desfecho ataques contra si próprio.

Para tentar compreender o papel da agressividade no psiquismo humano, abriu-se, nesta dissertação, um capítulo que busca, a partir dos estudos freudianos, refletir acerca da agressividade dirigida a objetos externos pelo sujeito que se volta contra ele próprio, podendo alcançar níveis excepcionais e gravíssimos. Eis aí o motivo pelo qual o capítulo seguinte

focaliza a agressividade humana, que, por vezes, foi tema de estudos e tentativas de compreensão por parte de Sigmund Freud em suas pesquisas sobre os instintos.

CAPÍTULO II

ELEMENTOS BÁSICOS PARA PENSAR O SUICÍDIO PELO REFERENCIAL PSICANALÍTICO: A AGRESSIVIDADE E A AUTOAGRESSÃO SEGUNDO FREUD

Após uma consideração preliminar sobre os possíveis fatores de risco para as etapas dos comportamentos suicidas e indicações igualmente preliminares sobre o papel aí desempenhado pela agressividade, este capítulo analisa a problemática da agressividade conforme concebida pela psicanálise freudiana. A intenção é explicitar alguns elementos conceituais que ajudem a pensar a questão do suicídio pelo viés psicanalítico. Discute-se em um primeiro momento, as inferências de Freud a respeito do problema dos instintos e da agressividade humana, a fim de mostrar como a questão da agressividade ocupa lugar de destaque na psicanálise de Freud; no segundo tópico, focaliza-se a primeira teoria dos instintos no tocante à agressividade e à sexualidade, apresentando-se, aí, a primeira teoria dos instintos freudiana enfocando-se primordialmente a agressividade e a sexualidade; por fim, no terceiro e último tópico do capítulo, versa-se sobre a segunda teoria dos instintos freudiana, mais especificamente no que tange à agressividade e ao instinto de morte. Embora o tema da agressividade ocupe boa parte da exposição do capítulo, a ênfase recai sobre a questão da autoagressão ou da agressividade autodirigida. Espera-se que os elementos conceituais aqui apresentados sirvam de subsídio para a discussão a ser desenvolvida no terceiro capítulo, no qual se investigará o modo como a agressividade pode intensificar o sentimento de culpa, levando a um funcionamento psíquico no qual uma autoagressão silenciosa pode alcançar níveis extremos.

2.1 Algumas considerações sobre a agressividade e a concepção freudiana sobre os instintos

A questão da agressividade permeou desde o início a construção do edifício teórico psicanalítico freudiano, como atestam os fenômenos resistenciais, por vezes agressivos, encontrados por Freud ao tratar seus pacientes. De fato, de acordo com Birman (2006, p. 362), nos *Estudos sobre a histeria*, de 1895,

[...] essa problemática já se enunciara, pelo viés da questão da resistência [...] no registro estritamente clínico. Porém, nas experiências analíticas de Dora [...] e do pequeno Hans [...], a agressividade foi inscrita no registro do sintoma, sendo então responsável pela produção e pela reprodução desse.

A afirmação de Birman é corroborada por Laplanche e Pontalis (2001) que pontuam três níveis de demonstração das considerações freudianas a respeito da agressividade: a primeira delas derivada do próprio tratamento psicanalítico no qual Freud encontra a resistência repleta de traços agressivos; a segunda, no *Caso Dora*, em que Freud se dá conta da necessidade de intervenções direcionadas à própria agressividade; e, por fim, no conceito de transferência¹⁶ que parece ter surgido a Freud por meio da resistência, uma vez que foi compreendido em um primeiro momento, como o conceito que mais tarde receberia o nome de transferência negativa¹⁷.

A agressividade atravessa a reflexão freudiana, uma vez que desde a formulação do texto *Estudos sobre a histeria*, de 1895, Freud já toca nessa questão por meio do que chama de resistência na última parte do texto. Depois, em 1905, no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, encontra-se a agressividade sendo relacionada aos instintos de autoconservação ou do Eu¹⁸ e aos instintos sexuais¹⁹. Para Freud, de acordo com a primeira teoria dos instintos, os instintos agressivos são advindos dos instintos de autoconservação ou do Eu, mas estão amalgamados com os instintos sexuais. No entanto, os instintos podem sofrer uma separação que daria origem, por exemplo, ao sadismo/masoquismo, temática que será melhor explorada no texto *Os instintos e seus destinos*, de 1915.

Na realidade, a agressividade configura-se como um componente presente na maioria dos seres vivos que integram os diversos filões do reino animal, conforme preliminarmente

¹⁶ “O termo ‘transferência’ designa a transposição, o deslocamento para uma outra pessoa – e principalmente para o psicanalista – de sentimentos, desejos, modalidades relacionais outrora organizados ou experimentados em relação a personagens muito investidas da história do sujeito. O termo alemão *Übertragung* significa literalmente ‘transporte’, mas sua tradução por ‘transferência’ está hoje consagrada pelo uso. Aparece pela primeira vez nos *Estudos sobre a histeria* (1895d) e adquirirá pouco a pouco um valor mais preciso à medida que a compreensão do tratamento psicanalítico e de seus parâmetros se desenvolverem. Ele reúne hoje o conjunto de fenômenos transferenciais observáveis no decorrer de uma análise e que se isolam sob denominações mais restritivas, tais como amor de transferência, relação transferencial, neurose de transferência, transferência narcísica, transferência negativa etc.” (Denis *apud* Mijolla, 2005b, p. 1894).

¹⁷ “A expressão ‘transferência negativa’ descreve o que, na transferência, se opõe ao movimento do tratamento psicanalítico. Portanto, não se trata apenas da expressão pelo paciente de sentimentos hostis a respeito do analista – expressão essa que pode ser favorável ao avanço da análise –, mas de modalidades transferenciais que reforçam as resistências e ameaçam culminar na interrupção do trabalho analítico, quer as sessões prossigam ou haja uma ruptura” (Denis *apud* Mijolla, 2005b, p. 1910).

¹⁸ “Esses instintos aprendem logo cedo a se sujeitar à necessidade e organizar seus desenvolvimentos segundo as diretivas da realidade. Isso é compreensível, pois não têm outro modo de conseguir os objetos de que necessitam, e sem esses objetos o indivíduo só pode perecer” (Freud, 1916-1917/2014, p. 472).

¹⁹ “Os instintos sexuais são mais difíceis de educar, pois inicialmente não conhecem a necessidade de um objeto, Como, à maneira de parasitas, por assim dizer, eles se apoiam nas outras funções corporais e se satisfazem autoeroticamente no próprio corpo, furtam-se de início à influência educativa da necessidade real, e mantêm essa característica de obstinação, de impermeabilidade à influência (isso que chamamos “falta de juízo”) na maioria das pessoas, em algum aspecto, ao longo de toda a vida”. (Freud, 1916-1917/2014, p. 472).

indicado no capítulo anterior. De acordo com Gama²⁰ (2015, p. 4), “[...] tal como em muitos outros animais, o comportamento agressivo no humano é também expressão de um impulso inato”. De acordo com Bergeret (*apud* Mijolla, 2005a, p. 37 – esclarecimentos entre colchetes nossos)

No sentido próprio do termo, a agressividade corresponde a fantasias ou comportamentos que Freud determinou do ponto de vista clínico, mas que, num primeiro momento, hesitou em dar-lhe uma definição que respondesse às exigências de seus sucessivos pontos de referência metapsicológicos. Só depois de ter mostrado a importância da ambivalência na transferência (1912b) é que ele se sentiu em condições de considerar a agressividade uma manifestação de relacionamento corrente, mas que não tem sua origem única nem mesmo homogênea. Sua opinião nunca mudou subsequentemente e viu sempre a agressividade como a aliança e a conjunção imaginárias ou sintomáticas de movimentos afetivos hostis, de uma parte, e erotizados, de outra.

De acordo com as considerações apresentadas até aqui, na concepção freudiana, segundo Bergeret, a agressividade encontra-se intimamente ligada à concepção sobre os instintos sexuais. Veja-se então alguns esclarecimentos gerais sobre a teoria psicanalítica dos instintos.

É no período compreendido entre 1905 e 1920, que vigora a primeira teoria dos instintos, concebida por Freud como um dualismo entre os instintos sexuais e os instintos de autoconservação ou do Eu. A partir de 1920, com a publicação do texto *Além do princípio do prazer*, haverá uma virada nas concepções freudianas com a postulação de um novo dualismo, entre os instintos de vida e os instintos de morte. Os instintos de vida referem-se aos instintos da primeira teoria instintual freudiana, ou seja, aos instintos de autoconservação ou do Eu somados aos instintos sexuais. O instinto de morte seria uma tendência interna dos organismos à desagregação, à destruição, à morte, como se verá abaixo.

A primeira teoria dos instintos freudiana estende-se, como afirmado acima, de 1905, com a publicação do texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, até 1920, com o lançamento do texto *Além do princípio do prazer*. Aparentemente, a primeira vez em que Freud utiliza o termo instinto ou *Trieb*, é no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

Dada a controvérsia relativa à tradução da palavra alemã *Trieb*, nos textos originais de Freud, é necessário esclarecer que se optou, nesta dissertação, pela utilização do termo instinto

²⁰ Faz-se necessário esclarecer que o Dr. Manuel Gama não está ligado aos estudos psicanalíticos e que, portanto, a palavra impulso contida na citação não está de nenhuma forma relacionada ao termo impulso ou pulsão no sentido psicanalítico.

ao invés do termo pulsão, uma vez que, diferentes autores utilizam termos diversos quando da tradução do termo *Trieb*. Luiz Alberto Hanns (1996, p. 338-339) destaca cinco acepções que *Trieb* pode assumir na língua alemã, quando traduzido para o português, no entanto não elege nenhuma das cinco acepções para traduzir o termo *Trieb* “1) Força interna que impele ininterruptamente para a ação, ímpeto perene (também utilizado como verbo) [...] 2) Tendência, inclinação. [...] 3) Instinto, força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades. [...] 4) Ânsia, impulso no sentido de algo que toma o sujeito, vontade intensa (também utilizado como verbo. [...] 5) Broto, rebento (vegetais). Designa na botânica o broto que nasce do caule (também utilizado como verbo).” Laplanche e Pontalis (2011) optam por traduzir o termo *Trieb* por pulsão no livro *Vocabulário da psicanálise*, seguindo a tradição das escolas psicanalíticas francesas. Seguiu-se nesta dissertação a tradução do termo *Trieb* por instinto, de acordo com a decisão adotada por Paulo César de Souza (2010)²¹, diretor da tradução mais recente das *Obras completas de Freud*, diretamente do alemão para o português, que está sendo realizada pela editora Companhia das Letras.

Freud (1915/2010a, p. 57) compreende *Trieb* ou instinto “[...] como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo”. Freud considera que instinto não é um conceito simples ou elementar, mas um conceito composto por quatro elementos distintos, a saber: fonte, impulso, meta e objeto.

²¹ “De *Trieb* pode-se dizer que é o mais central dos termos psicanalíticos. E é na sua tradução que as edições inglesa e francesa divergem diametralmente, chegando a constituir duas linhagens teóricas distintas. Para muitos críticos, a opção de Strachey por “instinto” foi sua decisão mais desastrosa, pois implicaria uma inadmissível “biologização” da psicanálise. Todos os críticos de língua inglesa citados até o momento – Brandt, Brull, Bettelheim, Holder, Ornston – foram de opinião que *drive* seria uma escolha mais acertada. No “Prefácio geral” à *Standard*, Strachey reservou mais de uma página para justificar *instinct*, já rebatendo a proposta de *drive*. Ele afirma que essa não é uma palavra utilizada na língua inglesa, e que a maioria dos críticos se deixou influenciar por sua (deles) familiaridade com a língua alemã, pois *Trieb* e *drive* têm a mesma origem. ‘Freud usou a palavra *Trieb* para cobrir uma variedade de conceitos diferentes’, diz ele, não sendo tarefa do tradutor diferenciar esses usos [...]. ‘A única coisa a fazer nesses casos’, conclui, ‘parece-me ser escolher uma palavra obviamente vaga e indeterminada e ater-se a ela. Daí minha escolha de ‘instinto’.’ Ele reconhece ainda uma “pequena complicação” no fato de Freud empregar também *Instinkt*. Mas isso ocorreria apenas uma meia dúzia de vezes, ‘e sempre, talvez, no sentido de instinto dos animais’. Ele chamará a atenção para esses casos em nota de rodapé” (Souza, 2010, p. 250-251).

“A nota de Strachey acabou tendo efeito inverso ao pretendido, fornecendo água para o moinho dos adversários. Pois ao apontar as ocasiões em que Freud usava *Instinkt*, ‘sempre, talvez [sic], no sentido de animais’, abriu caminho para que os intérpretes estabelecessem uma distinção nítida e absoluta, no texto freudiano, entre o uso de *Trieb* e o de *Instinkt*. O ‘talvez’ foi esquecido, e passou-se a ver na ‘pulsão’ o conceito freudiano por excelência, aquele que define o humano-simbólico, objeto da psicanálise, por oposição ao instintivo-animal, objeto da biologia. Tal distinção, que se tornou quase um lugar-comum nos cursos de psicologia e psicanálise, baseia-se – é minha impressão – numa leitura simplificada da ‘letra freudiana’ e do próprio ‘texto-base do *homo natura*’” (Souza, 2010, p. 253).

Com relação à fonte, Freud (1915/1992, p. 118 – tradução nossa, esclarecimentos entre colchetes nossos) discorre que, “Por *fonte* [...] da pulsão [instinto] se entende aquele processo somático, interior a um órgão ou a uma parte do corpo, cujo estímulo é representado [...] na vida anímica pela pulsão [instinto]”²², ou seja, a fonte do instinto está no interior do organismo, é justamente por isso que instinto trata-se de um conceito-limite, uma vez que o instinto é intermediário entre o somático e o psíquico.

De acordo com Freud (1915/2010a, p. 57), “[...] por *impulso* de um instinto compreende-se o seu elemento motor, a soma de força ou a medida de trabalho que ele representa. O caráter impulsivo é uma característica geral dos instintos, é mesmo a essência deles”. No que se refere à meta do instinto, para Freud (1915/2010a, p. 58),

[...] a *meta* de um instinto é sempre a satisfação, que pode ser alcançada apenas pela supressão do estado de estimulação na fonte do instinto. Mas embora essa meta final permanece imutável para todo instinto, diversos caminhos podem conduzir à mesma meta final, de modo que um instinto pode ter várias metas próximas ou intermediárias, que são combinadas ou trocadas umas pelas outras. A experiência também nos permite falar de instintos “inibidos na meta”, em processos que são tolerados por um trecho de caminho, na direção da satisfação instintual, mas que logo experimentam uma inibição ou desvio. É de supor que uma satisfação parcial também esteja ligada a esses processos.

Em outras palavras, a meta do instinto diz respeito à busca de satisfação para cessação da estimulação na fonte do instinto. Quanto ao objeto do instinto, Freud (1915/2010a, p. 58), nos esclarece que

[...] o *objeto* do instinto é aquele com o qual ou pelo qual o instinto pode alcançar a sua meta. É o que mais varia no instinto, não estando originalmente ligado a ele, mas lhe sendo subordinado apenas devido à sua propriedade de tornar possível a satisfação.

Ou seja, o objeto do instinto é aquilo pelo qual o instinto pode alcançar sua meta e encontrar satisfação. O objeto pode estar situado no próprio corpo, como afirmado anteriormente com relação ao autoerotismo ou estar situado externamente ao organismo.

²² Consta, na edição da Companhia das Letras, as seguintes palavras: “Por *fonte* do instinto se compreende o processo somático num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique pelo estímulo”. Obviamente se trata de uma incorreção na tradução. Para saná-lo, recorreu-se à edição castelhana das *Obras completas de Sigmund Freud* da Amorrortu Editores. Em tal edição, as palavras originais são: “Por *fuelle* [...] de la pulsión se entiende aquel proceso somático, interior a um órgano o a una parte del cuerpo, cuyo estímulo es representado [...] en la vida anímica por la pulsión”.

A concepção freudiana sobre o instinto e a definição de seus componentes, acima apresentada, decorreria dos estudos realizados pelo autor sobre as manifestações sexuais infantis, conforme descritas em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016). A hipótese é a de que “[...] um estudo aprofundado das manifestações sexuais infantis provavelmente revelaria os traços essenciais do instinto sexual, mostraria seu desenvolvimento e nos faria ver sua composição a partir de várias fontes” (Freud, 1905/2016, p. 73).

De acordo com as investigações de Freud sobre a sexualidade humana no período infantil, o primeiro elemento que se relaciona ao conceito de instinto é o “[...] o ato de *chupar* ou *sugar*, que aparece já no lactente e pode prosseguir até o fim do desenvolvimento ou se conservar por toda a vida, consiste na sucção, repetida de maneira rítmica, com a boca (os lábios), sem a finalidade da alimentação” (Freud 1905/2016, p. 82-83). O segundo elemento que concerne ao instinto sexual se refere à questão do autoerotismo que Freud (1905/2016, p. 85) destaca “[...] como característica mais evidente dessa atividade sexual, que o instinto não está dirigido para outras pessoas; ele se satisfaz no próprio corpo, é *autoerótico*, para usar uma denominação feliz, introduzida por Havelock Ellis”. A principal característica do autoerotismo, de acordo com Freud (1905/2016), é a busca pelo prazer, sendo que a satisfação do desejo pelo prazer é satisfeita no próprio corpo do sujeito. Na realidade, para Freud (1905/2016, p. 85),

é fácil imaginar em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se empenha em renovar. A primeira e mais vital atividade da criança, mamar no peito da mãe (ou de seus substitutos), já deve tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança se comportaram como uma *zona erógena*, e o estímulo gerado pelo afluxo de leite quente foi provavelmente a causa da sensação de prazer. No começo, a satisfação da zona erógena estava provavelmente ligada à satisfação da necessidade de alimento.

Poder-se-ia afirmar, portanto, que os instintos sexuais se desenvolvem por apoio, ou anacliticamente, em necessidades fisiológicas do organismo que necessitam ser satisfeitas. Na realidade, de acordo com Freud (1905/2016, p. 87), as manifestações sexuais infantis apoiam-se “[...] numa das funções vitais do corpo, ainda não tem objeto sexual, é *autoerótica*, e sua meta sexual é dominada por uma *zona erógena*”, ou seja, por uma parte do corpo privilegiada no que se refere à obtenção de prazer que é constituída a partir do contato com algum objeto externo. Poder-se-ia afirmar que as zonas erógenas se constituem por apoio em funções vitais do organismo quando algum objeto externo satisfaz as necessidades orgânicas. É que, segundo

Freud (1905/2016, p. 89), “[...] a meta sexual do instinto infantil consiste em gerar a satisfação por meio da estimulação apropriada da zona erógena escolhida de uma forma ou de outra”.

É interessante ressaltar, contudo, que não apenas a mucosa bucal tem primazia no funcionamento como zona erógena. Outras partes do organismo também podem funcionar como zonas erógenas por excelência, como é o caso da região anal. Para Freud (1905/2016, p. 91) “[...] assim como a zona labial, a localização da zona anal a torna adequada para favorecer um *apoio* da sexualidade em outras funções do corpo”. Mas como se daria a excitação da mucosa anal? É o próprio Freud (1905/2016, p. 91-92) quem nos esclarece que “[...] as crianças que utilizam a excitabilidade erógena da zona anal se revelam no fato de reter a massa fecal até que esta, acumulando-se, provoque fortes contrações musculares e, na passagem pelo ânus, exerça um grande estímulo da mucosa. Isso deve produzir, juntamente com a sensação de dor, uma sensação de volúpia”.

Ainda no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, Freud esclarecerá a segunda fase pré-genital do desenvolvimento psicosssexual, a fase sádico-anal, que apresentaria a crueldade como uma qualidade relacionada ao instinto de dominação. A atividade é produzida pelo instinto de dominação, através da musculatura do corpo. Há, portanto uma face ativa do instinto parcial de dominação que está ligada à crueldade, daí o caráter sádico da fase anal. É interessante ressaltar que, para Freud (1915/2010a, p. 79),

no mais elevado estágio da organização sádico-anal pré-genital surge a procura pelo objeto, sob a forma de impulso de apoderamento, ao qual não importa se o objeto é danificado ou aniquilado. Essa forma e fase preliminar do amor mal se distingue do ódio, em seu comportamento para com o objeto

Outra zona erógena que merece destaque na teoria freudiana é a zona genital, uma vez que, de acordo com Freud (1905/2016, p. 93-94),

Entre as zonas erógenas do corpo da criança, há uma que certamente não desempenha o papel principal, nem pode ser a portadora dos mais antigos impulsos sexuais, mas que está destinada a grandes coisas no futuro. Tanto no menino como na garota, ela é relacionada à micção (glande, clitóris), sendo que naquele se acha contida num saco de mucosa, de modo que não lhe faltam estímulos mediante secreções que podem avivar desde cedo a excitação sexual. As atividades sexuais dessa zona erógena, que pertence aos órgãos sexuais propriamente ditos, são o começo da futura vida sexual “normal”.

Na teoria psicanalítica freudiana, a sexualidade, em seu sentido estrito, é efeito da composição de diferentes forças instintuais, uma vez que a sexualidade é composta de diferentes

instintos. Existem, também, os instintos parciais, entre os quais vale destacar aqueles que dizem respeito ao voyeurismo/exibicionismo, ou seja, ao prazer advindo de observar o objeto externo e ao prazer que se obtém ao ser observado pelo objeto externo e ao componente cruel do instinto sexual. Com relação especificamente a essa segunda classe de instintos parciais Freud (1905/2016, p. 101) compreende que

Com independência ainda maior das outras atividades sexuais, ligadas a zonas erógenas, desenvolve-se na criança o componente cruel do instinto sexual. A crueldade tem relação estreita com o caráter infantil, pois o empecilho que faz o instinto de apoderamento se deter ante a dor do outro, a capacidade de compaixão, forma-se relativamente tarde.

A menção de Freud a um componente cruel ligado ao instinto sexual indica como uma investigação sobre a problemática da agressividade em psicanálise precisa considerar a teoria dos instintos. De fato, na teoria freudiana dos instintos sexuais, inicialmente, a questão da agressividade ou da crueldade é contemplada na teorização sobre o sadismo e o masoquismo, conforme será explicitado na seção seguinte.

De acordo com o que se versou neste tópico é possível perceber que a agressividade vai tomando lugar cada vez mais importante na metapsicologia freudiana. Na primeira teoria dos instintos que, conforme enunciado anteriormente, vigorara entre 1905 e 1920, a teoria psicanalítica já levava em consideração a questão da agressividade. O próximo tópico buscará destacar melhor o lugar da agressividade e autoagressão na primeira teoria dos instintos.

2.2 Agressividade e autoagressão na primeira teoria dos instintos

Como exposto anteriormente, o conceito de instinto teria sido proposto pela primeira vez por Freud no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905. Nesse texto, Freud (1905/2016, p. 21 - esclarecimentos entre colchetes nossos) afirmará, sobre os instintos sexuais, que tanto o senso comum quanto a medicina de sua época

[...] tem ideias bastante definidas sobre a natureza e as características desse instinto sexual. Ele estaria ausente na infância, apareceria na época da puberdade, ligado ao processo de maturação desta, e se revelaria nas manifestações da irresistível atração que um sexo exerce sobre o outro; e sua meta seria a união sexual, ou, pelo menos, as ações que se acham no caminho para ela.

A opinião popular e a medicina do final do século XIX e início do século XX julgam, então, que os instintos sexuais aparecem na puberdade e são os responsáveis pela mútua atração entre os sexos opostos e, ainda, que a meta sexual tida como normal se daria pela união que aconteceria por meio da copulação realizada por um casal heterossexual ou, pelo menos, pelos atos anteriores que, normalmente, levariam a ela. Por isso, no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016, p. 21) introduz dois conceitos técnicos, a saber: “[...] *objeto sexual* a pessoa da qual vem a atração sexual, e *meta sexual* a ação à qual o instinto impele”. Um dos componentes do instinto é o objeto. Por isso, pode-se afirmar que todas as espécies de instintos são buscadoras de objetos sobre os quais possam ser descarregados. No entanto, a meta sexual normal do instinto pode ser alterada e dar origem às perversões como meio de refutação da concepção tradicional do instinto sexual e, conseqüentemente, dos objetivos sexuais. Freud (1905/2016, p. 40) assinala: “[...] considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome)”, para poder adentrar no campo dos desvios relativos à meta sexual normal.

É no texto *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*, de 1910, que Freud apresentará o dualismo instintual em sua primeira teoria dos instintos existente entre os instintos de autoconservação ou instintos do Eu e os instintos sexuais. É nesse texto que Freud, segundo Strachey (*apud* Freud 1910/2013), utiliza pela primeira vez a expressão instintos do Eu – instintos de autoconservação – diferenciando-os dos instintos sexuais. Para Freud (1910/2013), os instintos sexuais parciais – como, por exemplo o instinto de dominação, como mencionado acima, que está intimamente relacionado com a questão da agressividade no sadismo – se desenvolvem apoiados nos instintos do Eu. Em outras palavras, para Freud (1916-1917/2014, p. 415-416),

No lactente, os primeiros impulsos da sexualidade mostram-se apoiados em outras funções importantes para a vida. Seu principal interesse, como os senhores sabem, está voltado para a alimentação; quando, saciado, ele adormece junto ao peito da mãe, o lactente exhibe uma expressão de bem-aventurada satisfação, a mesma que, mais tarde, se repetirá em seguida à experiência do orgasmo sexual. Isso seria muito pouco para embasar uma conclusão. Contudo, observamos também que o lactente quer repetir essa ação de se alimentar sem, com isso, demandar mais alimento; não é, pois, a fome que o estimula a fazê-lo. Dizemos que ele chupa ou suga, e o fato de, ao fazer isso, ele torna a adormecer com uma expressão de bem-aventurança nos mostra que a ação de *sugar* em si lhe trouxe satisfação. Como se sabe, logo ele não adormecerá sem ter, antes, praticado essa ação de sugar.

O bebê sente fome, tal fome seria derivada de um instinto do Eu ou instinto de autoconservação. Mas é por apoio (anacliticamente) nesse instinto que surgirá o instinto sexual que dominará a primeira fase do desenvolvimento psicosexual na compreensão freudiana, ou seja, o domínio dos prazeres obtidos do mundo externo por meio da interação de objetos com as mucosas bucais. Na segunda fase do desenvolvimento psicosexual do período pré-genital, configura-se a prioridade da zona anal e, com ela, conseqüentemente, a primazia do uso da musculatura corporal pelo sujeito. É da utilização da musculatura, portanto, que surge a fonte do instinto parcial de dominação, base da concepção inicial do sadismo. A grande questão que se impõe na primeira teoria dos instintos freudiana é a de que há um dualismo entre os instintos do Eu ou de autoconservação e os instintos sexuais. Nas palavras do autor,

Nem sempre esses instintos são compatíveis entre si; com frequência têm conflitos de interesses; as oposições das ideias são apenas expressão das lutas entre os instintos que servem à sexualidade, à obtenção de prazer sexual, e os outros, que têm por meta a autoconservação do indivíduo, os instintos do Eu (Freud, 1910/2013, p. 317-318).

O dualismo instintual na primeira teoria dos instintos, portanto, se daria entre os instintos que se ligam à autoconservação do indivíduo, ou seja, aos instintos do Eu e os instintos sexuais. A implicação teórica do dualismo instintual na primeira teoria dos instintos freudiana diz respeito ao conflito psíquico que pode resultar em diferentes formações psíquicas, como sonhos, sintomas, atos falhos, chistes etc. Nessa fase do desenvolvimento da teoria psicanalítica Freud acreditava que a dualidade e os conflitos entre os instintos do Eu ou de autoconservação e os instintos sexuais seriam as responsáveis pelos sintomas neuróticos. Para Simanke (2014a, p. 74 - esclarecimentos entre colchetes nossos),

[...] o conflito – inclusive no plano psíquico, isto é, no plano do funcionamento mental impulsionado pelas motivações instintivas – resultaria da impossibilidade de conciliar perfeitamente as metas dessas duas classes de instintos. Às vezes, a sobrevivência do indivíduo só poderia ser alcançada à custa do sacrifício da sobrevivência da espécie (basicamente, da renúncia àquelas atividades relacionadas com a reprodução) ou vice-versa.

Em sua primeira teoria dos instintos Freud explicava a agressividade como sendo decorrente dos instintos do Eu ou de autoconservação. Na realidade, podem ocorrer obstáculos à satisfação instintual, ou seja, podem ocorrer frustrações relativas à meta dos instintos que poderiam resultar em tendências agressivas. Como exemplo, poder-se-ia citar que a criança pequena contaria com um objeto privilegiado, mediante o qual, desde o início de sua vida, tem

a satisfação de suas necessidades instintuais. Quando se vê frustrada na continuidade dessa satisfação, a tensão que se acumula – libido²³ insatisfeita – poderia levar à intensificação da rivalidade/hostilidade entre pares que disputam o mesmo objeto. No plano dos instintos parciais, como Freud concebe a intensificação de certos instintos como o de dominação, por exemplo, isso possibilitaria pensar a agressividade, uma vez que a meta dos instintos parciais é tida como intercambiável, no sentido de que se um instinto parcial é inibido, sua energia pode ser canalizada para outro instinto parcial incrementando-o, e realizando por meio deste a meta antes inibida.

No entanto, como afirmado anteriormente, os instintos sexuais começam a se desenvolver apoiados nos instintos do Eu ou de autoconservação. Daí que a agressividade, secundariamente, pôde ser concebida por Freud, nesse momento da teoria, como componente dos instintos sexuais, sendo representado, majoritariamente, pelo sadismo e por seu par oposto, o masoquismo. É necessário enfatizar, no entanto, que a agressividade é majoritariamente utilizada como uma ferramenta necessária para a própria autoconservação. Nas palavras de Freud (1915/2010a, p. 79),

Enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor, surge da primordial rejeição do mundo externo dispensador de estímulos, por parte do Eu narcísico. Como expressão da reação de desprazer provocada por objetos, sempre permanece em íntima relação com os instintos de conservação do Eu, de modo que instintos do Eu e instintos sexuais podem facilmente constituir uma oposição que repete a de ódio e amor. Quando os instintos do Eu dominam a função sexual, como sucede no estágio da organização sádico-anal, eles conferem também à meta sexual as características do ódio.

É possível perceber, no excerto, que ainda na sua primeira teoria dos instintos Freud toca superficialmente a questão da fusão-desfusão dos instintos quando afirma que os instintos do Eu e os instintos sexuais podem estar unidos, desunidos ou sobrepostos. A questão da fusão-desfusão dos instintos não é somente importante para a compreensão da ambivalência de sentimentos, como indicada por Cassorla (2018) no primeiro capítulo. Mais à frente, especificamente no capítulo IV, a questão da fusão-desfusão dos instintos será retomada e melhor desenvolvida no intuito de pensar possibilidades de fomentar processos vitais no enfrentamento do fenômeno do suicídio. É necessário indicar, no entanto, que levar-se-á em

²³ “Estabelecemos o conceito de *libido* como uma força quantitativamente variável que poderia medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual” (Freud, 1905/2016, p. 135).

conta a questão da fusão-desfusão na segunda teoria dos instintos freudiana que tem início a partir de 1920, tema que também será desenvolvido mais à frente.

Com relação ao sadismo e ao masoquismo, segundo Freud (1905/2016, p. 51 – grifos do autor), “[...] a mais frequente e mais significativa de todas as perversões, a inclinação a infligir dor ao objeto sexual e sua contrapartida, recebeu de Krafft-Ebing os nomes de *sadismo* e *masoquismo*, para suas formas ativa e passiva respectivamente”. Ainda nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud tocará na temática da agressividade quando for apontar as raízes do sadismo naquilo que é considerado normal. É que, para Freud (1905/2016, p. 51-52 - esclarecimentos entre colchetes nossos),

A sexualidade da maioria dos homens mostra um elemento de *agressividade*, de inclinação a subjugar, cuja significação biológica estaria na necessidade de superar a resistência do objeto sexual por algum outro meio além de fazendo-lhe *a corte*. O sadismo corresponderia, então, a um componente agressivo do instinto sexual que se tornou independente, exacerbado, e foi colocado na posição principal mediante deslocamento.

O excerto demonstra que Freud percebe a agressividade, nessa época, como derivada dos instintos do Eu ou de autoconservação que passariam, por apoio, a compor parte do instinto sexual, uma vez que afirma que o prazer sádico é uma expressão do desvio da meta do instinto sexual, tornando-se independente da meta original, que consistiria na busca da satisfação erótica baseada no encontro genital, exacerbando-se. Com relação ao masoquismo, caracterizado na primeira teoria dos instintos como oposto ao sadismo, Freud (1905/2016, p. 52) considera que

[...] a designação de masoquismo abrange todas as atitudes passivas ante o sexo e o objeto sexual, em que a mais extrema consiste em vincular a satisfação com o sofrimento de dor física ou psíquica por parte do objeto sexual [...] é lícito duvidar que ele surja primariamente, talvez apareça regularmente, isto sim, mediante uma transformação do sadismo. Frequentemente é possível notar que o masoquismo não é senão um prosseguimento do sadismo, voltado contra a própria pessoa que toma inicialmente o lugar do objeto sexual.

Para os objetivos desta dissertação, é interessante ressaltar que Freud também enxergava a possibilidade de que essa agressividade, existente no sadismo de maneira a ocasionar prazer, poderia voltar-se contra a própria pessoa sob a forma de masoquismo impondo a ela as mais variadas espécies de sofrimentos.

Nos termos da conceituação relacionada à primeira teoria dos instintos, Freud pontua os destinos a que os instintos sexuais se encontram sujeitos: “A reversão no contrário. O voltar-

se contra a própria pessoa. A repressão. A sublimação” (Freud, 1915/2010a, p. 64). No que se refere à temática desta dissertação, convém destacar o retorno da força instintual contra a própria pessoa. Sobre esse processo, Freud explica que

*A volta contra a própria pessoa nos é sugerida pela consideração de que o masoquismo, afinal, é um sadismo voltado contra o próprio Eu, e o exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo. A observação psicanalítica não deixa dúvidas quanto ao fato de que o masoquista também frui da fúria contra a sua pessoa, e o exibicionista, do seu desnudamento. O essencial no processo, portanto, é a mudança de *objeto* com a meta inalterada (Freud, 1915/2010a, p. 65 – grifos do autor).*

Em um primeiro momento, tratar-se-ia de uma agressividade que estaria endereçada a um objeto externo que, depois, se voltaria contra a própria pessoa. Para compreender como se daria essa volta instintual em direção à própria pessoa, torna-se necessário esclarecer que é no texto *Introdução ao narcisismo*, de 1914, que Freud afirmará que existe o movimento da libido²⁴, que pode ser investida em objetos ou deles retirada e reinvestida no próprio Eu. Assim, na discussão sobre narcisismo²⁵, quanto maior for o investimento da libido no Eu, menor o investimento da libido nos objetos e vice-versa. É no interior da concepção sobre o narcisismo que Freud lança mão dos conceitos de libido do Eu e de libido objetal.

Ou seja, levando-se em consideração o texto *Introdução ao narcisismo*, de 1914, a libido endereçada a um objeto pode sofrer uma alteração e retornar ao Eu. Nesse contexto, entende-se que a questão do masoquismo está intimamente relacionada ao retorno da agressividade sádica contra a própria pessoa, com o narcisismo, portanto. Por isso, essa mudança de objeto contempla, também, uma satisfação, ou seja, a possibilidade de exercer contra si mesmo a agressividade que era endereçada para um objeto externo satisfazendo, narcisicamente, o componente sádico, uma vez que mantém no masoquismo o próprio sadismo, agora tendo a própria pessoa como alvo. É o próprio Freud quem esclarece a questão do sadismo-masoquismo no que concerne à agressividade que se volta contra a própria pessoa:

Quanto ao par de opostos sadismo-masoquismo, o processo pode ser apresentado da seguinte forma: a) O sadismo consiste em prática de violência, exercício de poder tendo uma outra pessoa como objeto. b) Esse objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com a volta contra a própria pessoa também se realiza a transformação da meta instintual ativa em passiva.

²⁴ De acordo com Freud (1916-1917/2014, p. 415) “a libido, de maneira análoga à *fome*, designa a força com que o instinto se manifesta – nesse caso o sexual, assim como, no caso da fome, o de alimentação”.

²⁵ Para Freud, (1914/2010, p. 14), “o termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos”.

c) Novamente se busca uma outra pessoa como objeto, a qual, em virtude da transformação de meta ocorrida, tem de assumir o papel de sujeito (Freud, 1914/2010, p. 65).

Na compreensão freudiana da primeira teoria dos instintos com o auxílio da formulação do conceito de narcisismo, portanto, o par de opostos sadismo-masochismo advém, primeiramente, de uma agressividade direcionada a um objeto externo, ou seja, a uma pessoa externa. Em um segundo momento, o objeto externo é abandonado, sendo substituído pela própria pessoa. A partir daí, ocorre a transformação da meta ativa do instinto em meta passiva, ou seja, a agressividade que era direcionada ao objeto externo, passa a ser direcionada à própria pessoa. É, nesse contexto, que se insere uma via possível de compreensão acerca da autoagressão, uma vez que a transformação da meta ativa do instinto em meta passiva, nos permite considerar, metapsicologicamente, esse fenômeno. Mais que isso, é possível depreender dessa teoria freudiana, que originalmente a agressividade visava a um outro, mas que, no entanto, ocorre uma mudança no objeto do instinto e que, depois, a meta passa a ser um prazer passivo decorrente de uma outra mudança instintual, a saber, uma mudança na meta do instinto. Em um terceiro momento, a agressividade que passou a ser direcionada para a própria pessoa busca, novamente, uma outra pessoa como objeto que, nesse caso, tem de assumir o papel de sujeito.

Apesar das formulações freudianas apresentarem já certo aprofundamento na compreensão acerca dos instintos, é em 1920 que acontecerá uma reviravolta nas concepções de Freud. Reviravolta esta que o levará a reformular sua teoria dos instintos e que exigirá a postulação ao lado das forças sexuais e de autoconservação – *Eros* –, de uma nova força instintual, o instinto de morte – *Thanatos*.

2.3 Agressividade e morte na segunda teoria dos instintos

Assim como na primeira teoria dos instintos postulada por Freud, há, na segunda teoria dos instintos, uma dualidade entre os instintos de vida e os instintos de morte. A grande questão que leva Freud, em 1920, a reformular seu primeiro dualismo instintual é o fato de que a oposição entre instintos do Eu ou de autoconservação e instintos sexuais tornaram-se incapazes de explicar o fenômeno da compulsão à repetição sobre o qual Freud estava se debruçando. Em outras palavras, os pacientes iam melhorando, avançando no tratamento e, em determinado momento, desconstruíam tudo aquilo que havia sido conquistado durante o processo analítico,

apresentando, novamente, os sintomas que se davam no início do tratamento, ou seja, apresentavam uma compulsão à repetição de destruir o que havia sido construído na análise.

É nesse momento que Freud se dá conta de que poderia existir algo instintual atuando no ser humano para além do princípio do prazer e, por isso, ele postula o instinto de morte, ou seja, todo ser humano tem dentro de si uma força que não quer progredir, que quer voltar ao zero, ou seja, quer retornar ao estado inanimado. O instinto de morte configura-se, a partir do segundo dualismo instintual como o mais arcaico dos instintos e Freud o designa, no alemão, como *Todestrieb*. O instinto de agressão, derivado do instinto de morte, recebe a designação na língua alemã de *Agressionstrieb*, que Freud utiliza para explicar a repetição, por parte dos pacientes, de coisas desprazerosas no contexto clínico, por meio de uma compulsão à repetição. Na compreensão de Simanke (2014b, p. 447),

A partir de 1920, Freud abandona a hipótese de que a agressividade seja primariamente sexual ou relacionada à autoconservação. Essas duas classes de instintos ele agora designa conjuntamente como “instintos de vida”, mas relaciona a agressividade, erotizada ou não, à classe dos instintos de morte. Mesmo no caso da agressividade erotizada como sadismo, sua vinculação com a sexualidade seria secundária, e sua origem se daria no contexto da categoria dos instintos de morte

É necessário ressaltar, no entanto, que o que permite a existência da vida, no que diz respeito ao segundo dualismo instintual freudiano, é a fusão entre o instinto de vida e o instinto de morte. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que tanto os instintos do Eu ou de autoconservação quanto os instintos sexuais – reunidos sob a designação instintos de vida – necessitam de um montante de agressividade por parte do sujeito para serem realizados. Na compreensão freudiana, o instinto de morte é mais primitivo, ou seja, é o primeiro que se manifesta ontogeneticamente na vida do sujeito.

O reconhecimento teórico freudiano acerca da importância dos instintos agressivos, no entanto, ocorrerá quando da construção da segunda teoria dos instintos, mais especificamente a partir da publicação do texto *Além do princípio do prazer*, de 1920, no qual Freud reconhece a importância primordial da agressividade no psiquismo humano e postulará a existência de um instinto de morte. Na seção V, de *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2010, p. 202 – grifos do autor) afirma que o instinto de morte “[...] seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica”. Seguindo o mesmo raciocínio, Freud

declara (1920/2010, p. 204) que “[...] se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente*”, parecendo sugerir a primazia do instinto de morte. Ou seja, levando-se em consideração as teorias sobre o aparecimento da vida na Terra, é possível afirmar que, primeiramente, surgiram as proteínas e que, apenas depois houve um acontecimento ainda inexplicável pela ciência que transformou essas proteínas em matéria viva. É justamente por isso que Freud afirma que o inanimado existia antes que o vivente.

É, ainda, na seção V, de *Além do princípio do prazer*, que Freud propõe, mediante fundamentações em achados biológicos e outros dados da evolução biológica, a hipótese de que

[...] por uma ação de forças ainda inteiramente inimaginável, os atributos do vivente foram suscitados na matéria inanimada. [...] A tensão que sobreveio, na substância anteriormente inanimada, procurou anular a si mesma; foi o primeiro instinto, o de retornar ao inanimado. [...] Assim, por longo tempo a substância viva pode ter sido repetidamente criada, sempre morrendo com facilidade, até que decisivas influências externas mudaram de forma tal que obrigaram a substância ainda sobrevivente a desviar-se cada vez mais do curso da vida original e fazer rodeios cada vez mais complicados até alcançar a meta da morte. Tais rodeios rumo à morte, fielmente seguidos pelos instintos conservadores, nos ofereceriam hoje o quadro dos fenômenos da vida (Freud, 1920/2010, pp. 204-205).

Conforme atestado pelo excerto, Freud postula que os primeiros organismos vivos surgiram da matéria inanimada e que, provavelmente, tratavam-se de criaturas extremamente simples e rudimentares. Possivelmente esses organismos primevos eram efêmeros quanto à duração cronológica de suas vidas, logo voltando ao estado inanimado anterior. É possível que tais criaturas primitivas tenham, por meio de reproduções repetidas, se agrupado em colônias para sobreviver por mais tempo. Também seria lógico pensar que, posteriormente, tenham dado origem a organismos mais complexos e que, algumas dessas criaturas, conseguiram escapar da extinção se mantendo presentes na atualidade. Sendo assim, o ser humano conservaria, como todos os outros organismos existentes, o instinto de retornar ao estado inanimado por meio de sua morte e consequente desagregação. Para a teoria psicanalítica freudiana, isso significa que a espécie humana carregaria consigo um instinto de morte.

Em 1923, em *O Eu e o Id*, Freud retomará a segunda teoria dos instintos postulada em 1920 em *Além do princípio do prazer*. No início da seção IV – *As duas espécies de instintos* de *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) afirma que conservará a concepção desenvolvida em *Além do princípio do prazer* acerca dos instintos e a tomará como base para tecer suas discussões nessa

seção. Anteriormente, contudo, no contexto da primeira teoria dos instintos, o componente agressivo, sob a forma de sadismo e masoquismo, era entendido por Freud como um componente do instinto sexual. Posteriormente, no âmbito da formulação de sua segunda teoria dos instintos, resulta uma nova maneira de compreender os instintos e, a partir dela, a agressividade, que carecia de uma fundamentação mais clara a partir da qual adquire uma base logicamente mais segura. É nesse sentido que Freud, faz uma diferenciação entre as duas espécies de instintos, quais sejam, os instintos sexuais ou *Eros* e os instintos de morte ou *Thanatos*. Freud (1923/2011, p. 50 - esclarecimentos entre colchetes nossos) afirma que os instintos sexuais compreendem “[...] não apenas o próprio instinto sexual desinibido e os impulsos instintuais sublimados e inibidos na meta, dele derivados, mas também o instinto de autoconservação” e os instintos de morte têm a “[...] tarefa [de] reconduzir os organismos vivos ao estado inanimado”. A agressividade estaria, então, intrinsecamente relacionada aos instintos de morte, uma vez que se define como a expressão desses instintos, inicialmente dirigidos do organismo para o mundo externo. Para Freud (1923/2011, p. 51),

Devido à ligação dos organismos elementares unicelulares em formas de vida pluricelulares, haveria êxito em neutralizar o instinto de morte da célula singular e desviar os impulsos destrutivos para o mundo externo, por meio de um órgão especial. Esse órgão seria a musculatura, e o instinto de morte se manifestaria então – mas provavelmente só em parte – como *instinto de destruição* voltado para o mundo externo e outras formas de vida.

O excerto retoma a afirmação mencionada em *Além do princípio do prazer* de que conforme as formas de vida foram se tornando mais complexas e se constituindo como organismos multicelulares, os instintos de morte que estariam operando nas criaturas unicelulares foram parcialmente neutralizados. A partir do surgimento dos seres multicelulares, condições orgânicas novas teriam possibilitado o desenvolvimento da musculatura, um órgão especial mediante o qual a descarga da energia do instinto de morte poderia ser orientada para o ambiente e para outras formas de vida. É necessário ressaltar que até o texto *O instinto e seus destinos*, de 1915, a agressividade já era vista por Freud como um componente do instinto de autoconservação ou instinto do Eu. Com base nesses desenvolvimentos, poder-se-ia explicar o sadismo de maneira diversa aos esclarecimentos da primeira teoria das pulsões. Nesse caso, o fenômeno do sadismo independeria da sexualidade e seria derivado de maneira direta do instinto de morte.

No entanto, é importante ressaltar que nem todo o montante de agressividade internamente disponível é direcionado a objetos externos, parte dele é colocada para fora via

musculatura, como instinto de agressividade, instinto de destruição, mas parte sempre resta disponível internamente. Ou seja, independente da agressividade endereçada para fora, haveria um resto constitutivo, operante no funcionamento psíquico como que aos moldes de vasos comunicantes, levando ao entendimento de que a agressividade não direcionada para fora tende a intensificar processos internos na forma de autodestrutividade. Entra, então, em cena, a consciência moral – responsável pelas instâncias internas de coerção – que pode provisoriamente ser entendida como uma entre diferentes funções psíquicas associadas aos ideais e valores de uma pessoa. É ela que, desconsiderando o contraste nítido entre o que é pensado e os atos do sujeito, julga o sujeito. É a consciência de que é culpado que leva a pessoa a sentir-se incomodado com a sua condenação. A consciência moral encontra-se ligada ao que Freud denomina ideal do Eu, que é considerado o núcleo do Supereu (assunto que será discutido no terceiro capítulo). Por agora, basta esclarecer que para Freud (1923/2011, p. 68)

É notável que o homem, quanto mais restringe sua agressividade ao exterior, mais severo, mais agressivo se torna em seu ideal do Eu. Para a consideração habitual é o oposto, ela vê na exigência do ideal do Eu o motivo para a supressão da agressividade. Mas o fato permanece como enunciamos: quanto mais um indivíduo controla sua agressividade, tanto mais aumenta a inclinação agressiva do seu ideal ante o seu Eu. É como um deslocamento, uma volta contra o próprio Eu.

É por isso que se poderia pensar em uma outra maneira de explicação do masoquismo. Nesse caso, o masoquismo seria derivado de um sadismo originário que está diretamente ligado aos instintos de morte.

Levando-se em consideração essas novas formas de explicação do sadismo e do masoquismo, seria possível indicar que a agressividade autodirigida é, teoricamente, concebida como primordial em Freud, reforçando a hipótese desse fator poder servir para ajudar na compreensão do suicídio. Pois a agressividade deriva, justamente, dessa energia instintual existente nos organismos superiores multicelulares que deveria, naturalmente, ser descarregada no ambiente. A agressividade seria, portanto, derivada dos instintos de morte, ou seja, de uma tendência inata dos organismos vivos à destruição e à desagregação.

No âmbito de sua primeira teoria dos instintos – no período compreendido entre a publicação de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em 1905 e a publicação de *Além do princípio do prazer*, em 1920 –, Freud abordou a temática da agressividade principalmente pelo viés do sadismo, como foi assinalado acima. Apenas a partir da introdução do conceito de instinto de morte (*Thánatos*), em *Além do princípio do prazer*, de 1920, é que a agressividade

adquire um novo estatuto, ou seja, passa a ser considerada como uma força autônoma e antagônica aos instintos de vida (*Eros*). Além disso, a hipótese acerca do papel da musculatura formulada por Freud em *O Eu e o Id*, de 1923, a agressividade seria basicamente endereçada para fora, permitindo, no limite, fundamentar diferentes fenômenos caracterizados como da ordem da destrutividade humana com base no instinto de morte. Na compreensão de Perelberg (1999, p. 17),

Foi com *Além do Princípio do Prazer* (1920), e com a discussão do instinto de morte, que Freud permitiu a emergência de um impulso agressivo autônomo (*Aggressionstrieb*). Agressão contra o mundo externo representa uma externalização do instinto de morte, com a ajuda do aparato muscular. Esse impulso agressivo não-sexual está presente desde o início da vida e funciona continuamente para desunir conexões em contraste com *Eros*, que procura ligar. Freud também distinguiu as funções não-eróticas do instinto de morte do sadismo e propôs a noção de um masoquismo primário, um estado em que o instinto de morte se volta contra o eu, mas unido e vinculado com a libido [...] Sadismo poderia designar uma fusão da sexualidade e violência contra outros.²⁶

Como se pode perceber no excerto, Freud propôs a noção de um masoquismo primário, ou seja, fez a proposição de que o instinto de morte pode se voltar contra o Eu e adquirir o estatuto de um masoquismo primário. É no artigo *O problema econômico do masoquismo*, de 1924, que Freud (1924/2011a, p. 188) aponta três formas de masoquismo: “[...] um masoquismo *erógeno*, um *feminino* e um *moral*”. No que se refere ao masoquismo *erógeno*, para Freud (1924/2011a, p. 192),

[...] admitindo-se alguma imprecisão, pode-se dizer que o instinto de morte atuante no organismo – o sadismo primordial – é idêntico ao masoquismo. Depois que sua parte principal foi transposta para fora, para os objetos, permanece no interior, como seu resíduo, o masoquismo propriamente *erógeno*, que, por um lado, tornou-se componente da libido, e, por outro lado, ainda tem seu próprio ser como objetivo. Esse masoquismo, então, seria testemunha e sobrevivência daquela fase de formação em que sucedeu o amálgama, tão importante para a vida, de *Eros* e instinto de morte.

²⁶ No original: *It was with Beyond the Pleasure Principle (1920), and the discussion of the death instinct, that Freud allowed for the emergence of an autonomous aggressive drive (Aggressionstrieb). Aggression against the external world represents an externalisation of the death instinct, with the help of the muscular apparatus. This non-sexual aggressive drive is present from the beginning of life and works continually to unbind connections, in contrast with Eros, which seeks to bind. Freud also distinguished the non-erotic function of the death instinct from sadism and proposed the notion of a primary masochism, a state in which the death instinct is turned against the self, but bound and fused with libido [...] Sadism would designate a fusion of sexuality and violence against others.*

Nesse sentido, poder-se-ia afirmar que o masoquismo erógeno realiza o primeiro amálgama ou fusão que ocorreria entre os instintos de vida e os instintos de morte, ou seja, a fusão entre a agressividade e a libido. Os instintos de vida têm, assim, o papel ativo na realização da mescla com os instintos de morte. É necessário ressaltar, nesse ponto, a importância da noção de fusão-desfusão instintual, ou seja, a ligação entre os instintos de vida e os instintos de morte, pois é ela que possibilita a existência da vida. Os instintos de vida estão sempre ligados aos instintos de morte e deles dependem, no entanto, é possível que ocorram desfusões instintuais que podem dar origem a comportamentos agressivos e destrutivos, nos quais os instintos de morte tornam-se, parcialmente, independentes. No suicídio, são patentes os comportamentos agressivos e destrutivos do sujeito que, nesse caso, voltam-se contra a própria pessoa. É justamente por isso que se pode pensar que no suicídio um *quantum* de instinto de morte se tornou independente do instinto de vida e se voltou contra a própria pessoa trazendo em cena o par de opostos sadismo-masoquismo. Freud (1924/2011a) também considera outras duas formas de masoquismo às quais denomina de masoquismo moral e de masoquismo feminino. Esta última forma de masoquismo, no entanto, não é relevante para as discussões tecidas nesta dissertação.

Caracterizado pela conquista do prazer, o masoquismo consistiria em uma forma de perversão. O sofrimento faz-se presente quando o masoquista sente prazer. Eis aí o motivo pelo qual o sujeito empreende fuga e se volta para a autopunição. Todas as formas de masoquismo apresentam um quinhão do instinto de morte e, além disso, todas elas levam o sujeito a algum tipo de prazer/sofrimento. No entanto, faz-se necessário destacar que, nesta dissertação, o masoquismo toma relevância, uma vez que o instinto de destruição, ao invés de ser direcionado para fora, ou seja, para o ambiente, sofreu um retorno sádico sobre a própria pessoa.

Em *O Mal-Estar Na Civilização*, Freud (1930/2010, p. 76) retoma a questão da agressividade afirmando que “[...] o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade”. Assim, para Freud (1930/2010, p. 82), o grande impedimento da manifestação dessa força instintual se encontra nas regras impostas pela civilização, uma vez que

[...] se a cultura impõe tais sacrifícios não apenas à sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem, compreendemos melhor por que para ele é difícil ser feliz nela. De fato, o homem primitivo estava em situação melhor, pois não conhecia restrições ao instinto. [...] O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança.

É em *O mal-estar na civilização*, de 1930, que Freud, segundo Paviani (2016, p. 117), “[...] realiza uma exposição a respeito de que a insatisfação do homem perante a civilização se deve ao fato de que esta controla seus impulsos eróticos e agressivos (em especial estes últimos), já que o homem tem uma agressividade inata que pode desestruturar a sociedade”. Os animais, na natureza, não têm a necessidade de controlar seus impulsos agressivos e sexuais, sendo, portanto, livres. A civilização, pelo contrário, é criada com base em leis e regras que versam primordialmente sobre os impulsos agressivos e sexuais dos seres humanos que devem ser domados para permitir a existência de sociedades civilizadas. A violência tem, portanto, de ser banida dos comportamentos de todo e cada um dos indivíduos pertencentes à determinada sociedade.

A partir da segunda teoria dos instintos freudiana, tanto os instintos de vida como os de morte, incluindo-se aí o pendor à agressão, são considerados como constitucionais do ser humano. A repressão da agressividade, por exemplo, é necessária para a convivência em sociedade, no entanto, no âmbito do sujeito individualizado, essa agressividade reprimida pode dar origem a uma personalidade na qual esses instintos se voltem contra ela mesma, conforme afirmações de Freud sobre o retorno da agressividade sobre a própria pessoa no texto *Os instintos e seus destinos*, de 1915. É por isso que, de acordo com Freud (1932/2010), a agressividade constitui-se como uma grande ameaça à organização e estruturação da sociedade e, também, ao próprio indivíduo, na forma de autoagressão.

Dois anos depois da publicação de *O mal-estar na civilização*, sob os auspícios do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual da Liga das Nações, o físico alemão Albert Einstein e o médico Sigmund Freud trocariam cartas no intuito de entender as razões das guerras modernas. Em resposta à correspondência de Einstein, que formulava o problema: existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra? Freud (1932/2010, p. 426-427) volta a discorrer sobre os instintos:

Nós supomos que os instintos humanos são de dois tipos apenas: os que tendem a conservar e unir [...] e os que procuram destruir e matar, que reunimos sob o nome de instinto de agressão ou destruição. [...] Assim, por exemplo, o instinto de autoconservação é certamente de natureza erótica, mas necessita dispor de agressividade para fazer valer sua intenção. Assim também o instinto do amor, voltado para objetos, requer um quê do instinto de dominação para se apoderar do seu objeto.

A agressividade encontra-se presente desde os primórdios da humanidade. Nas comunidades, homens, mulheres e crianças têm forças desiguais. Em uma eventual contenda, há vencidos e vencedores que se tornam respectivamente escravos e senhores. É que “[...] quando os homens são incitados à guerra, neles há toda uma série de motivos a responder afirmativamente, nobres e baixos, alguns abertamente declarados, outros silenciados” (Freud, 1932/2010, p. 428). É que a agressividade

[...] não foi criada pela propriedade, reinou quase sem limites no tempo pré-histórico, quando aquela ainda era escassa, já se manifesta na infância, quando a propriedade mal abandonou sua primária forma anal²⁷ constitui o sedimento de toda relação terna e amorosa entre as pessoas, talvez com a exceção única daquela entre a mãe e o filho homem (Freud, 1930/2010, p. 80).

É impossível, portanto, segundo a concepção psicanalítica freudiana, fazer a agressividade humana desaparecer “[...] garantindo a satisfação das necessidades materiais e, de resto, instaurando a igualdade entre os membros da comunidade” (Freud, 1932/2010, p. 430). Como na história humana já ficou evidente que é impossível que todas as pessoas existentes no mundo tenham as mesmas condições de vida, é inegável que qualquer estratégia que objetivasse “[...] eliminar completamente as tendências agressivas humanas” (Freud, 1932/2010, p. 430), não seria frutífera, mesmo porque sua utilização, em alguns casos, é necessária em função dos instintos eróticos.

Isso ocorre porque, embora a violência seja inerente ao ser humano, segundo Paviani (2016, p. 12), “[...] ela é necessária na medida em que o instinto de agressividade, de morte, está em equilíbrio com o instinto de vida (*Eros*) para assegurar a preservação do indivíduo e da espécie”. Em outras palavras, Freud vê os instintos de vida e os instintos de morte amalgamados e o instinto de morte como necessário para a manutenção da vida.

Apesar de serem opostas, ou seja, apesar de o instinto de vida tender à construção de novas estruturas (fisiologicamente derivada dos processos anabólicos do organismo vivo) e o instinto de morte tender à destruição (fisiologicamente derivada dos processos catabólicos do organismo vivo), os dois tipos de instinto atuam em conjunto. Para Cassorla (1984, p. 12),

Na verdade, existem em todos nós instintos de vida e instintos de morte: os primeiros levam a crescimento, desenvolvimento, reprodução, ampliação da vida, unindo a matéria viva em unidades maiores; já os instintos de morte, também presentes em todos os organismos vivos, lutam para fazê-los voltar a um estado de inércia. Os instintos de morte acabam por vencer, a nível

²⁷ O caráter anal foi resumidamente discutido na seção 2.2

individual, pois todos os seres vivos terminam morrendo (se bem que a nível coletivo a vida continua, através dos descendentes). A vida, nas suas várias fases de desenvolvimento e involução, até a morte, é o resultado da interação desses dois instintos. O próprio instinto de morte, mesmo lutando para levar o ser vivo ao estado inorgânico, também auxilia a vida, pois dele derivam forças destrutivas que se manifestam através da agressividade; essa agressividade permite ao indivíduo defender-se de forças externas e conquistar os recursos de seu ambiente.

No caso de um suposto equilíbrio entre ambas as tendências, os instintos de vida e de morte estão amalgamados, ou seja, eles agem em conjunto para permitir que a vida exista e se realize. Apesar de, ao final, o instinto de morte levar o indivíduo ao falecimento, durante a vida ela é extremamente necessária para que os instintos de vida possam ser expressados. Inclusive porque, nesse sentido, a agressividade que faz parte do instinto de morte é o que permite ao sujeito se defender das ameaças externas, de tomar posse e propriedade do ambiente que o cerca.

Assim, é necessário ressaltar que, embora a agressividade tenha adquirido certa autonomia conceitual nas concepções mais tardias de Freud, o que permite a existência da vida, no que diz respeito ao segundo dualismo instintual freudiano, é a fusão entre o instinto de vida e o instinto de morte. Em outras palavras, poder-se-ia afirmar que tanto os instintos do Eu ou de autoconservação quanto os instintos sexuais – reunidos a partir de 1920 sob a designação instintos de vida – necessitam de um montante de agressividade para tornar a vida possível.

É necessário destacar, no entanto, que a partir da hipótese de uma fusão entre as tendências instintuais, Freud (1932) também considera a hipótese de que uma desfusão instintual – entre instinto de vida e instinto de morte – pode ocorrer. No caso de uma exacerbação do instinto de morte podem ocorrer comportamentos violentos em alguns indivíduos; é também nessa esteira que se situaria a possibilidade de a agressividade se voltar contra a própria pessoa, como afirmado acima. Ou seja, que de uma desfusão instintual o instinto de morte possa favorecer o fortalecimento do sadismo que, direcionado sobre a própria pessoa, dá origem ao masoquismo.

A agressividade humana, portanto, pode percorrer dois caminhos distintos. O primeiro deles diria respeito à descarga no meio ambiente e sobre os outros indivíduos que o habitam. O instinto parcial de dominação faz uso da musculatura, como no caso do sadismo e outras formas de crueldade manifesta em relação aos objetos.

Outro caminho, considerando a segunda teoria dos instintos freudiana, alternativa que vale ser destacada para os objetivos desta dissertação, diria respeito à volta da agressividade,

primariamente endereçada a um objeto externo ao indivíduo, contra a própria pessoa, como nas diferentes formas de masoquismo. Se por algum motivo, a agressividade não for ou não puder ser endereçada para fora, pela via muscular ou outra forma de expressão, ela tenderia a operar no interior do próprio sujeito, como agressão contra si mesmo.

No capítulo a seguir, reflete-se sobre como a agressividade, constitutiva do ser humano, na medida em que sofre intensificação pelos caminhos assinalados acima, pode acarretar a autoagressão. Nesse processo, o sentimento de culpa parece constituir meio privilegiado pelo qual a agressividade flutuante intensificada transforma-se em autoagressão.

CAPÍTULO III

ELEMENTOS ESPECÍFICOS PARA PENSAR O SUICÍDIO PELO REFERENCIAL PSICANALÍTICO: O SUPEREU E O SENTIMENTO DE CULPA

Este capítulo versa sobre a temática das inter-relações que se dão entre o sentimento de culpa e a autoagressão. A abordagem dessas inter-relações é empreendida, principalmente, com a finalidade de correlacionar um trinômio conceitual da psicanálise – agressividade, sentimento de culpa e autoagressão. Objetiva-se, portanto, aqui, traçar correlações e inter-relações de conceitos da psicanálise freudiana no intuito de refletir acerca do papel que o sentimento de culpa, intensificado pela exacerbação da agressividade autodirigida, pode desempenhar nos processos ligados ao suicídio.

Com a finalidade de examinar pontos da teoria psicanalítica freudiana, relacionados ao sentimento de culpa e à autoagressão, optou-se por dividir este capítulo em três tópicos. No primeiro tópico, busca-se tecer algumas considerações acerca das formulações dos dois modelos de aparelho psíquico concebidos por Freud, uma vez que a compreensão dinâmica que se dá entre as instâncias psíquicas do segundo modelo toma relevância para a discussão do amálgama, que pode se dar entre a exacerbação do sentimento de culpa e a intensificação da agressividade. No segundo tópico, tecem-se algumas considerações acerca do sentimento de culpa.

3.1 A formação do Eu e do Supereu na concepção freudiana de psiquismo: elementos necessários para compreender o sentimento de culpa

É necessário enfatizar que este tópico visa a esclarecer os fundamentos teóricos dos dois modelos de aparelho psíquico formulados por Freud, destacando-se, aí, o segundo desses modelos. O intuito é de aclarar os processos dinâmicos envolvidos na formação do Supereu, a fim de mostrar como o sentimento de culpa expressaria um conflito entre a instância do Supereu e do Eu

A teorização do primeiro modelo do aparelho psíquico ou primeira ‘tópica’ deu-se com a elaboração do livro *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900. É na terceira parte desse livro, mais especificamente no capítulo VII, que Sigmund Freud “[...] estrutura uma concepção geral do aparelho psíquico e de seu funcionamento. [...] Pela primeira vez, ele define o *inconsciente*, o *pré-consciente* e o *consciente* como lugares (*topos*, em grego) específicos em que se localizam os fenômenos psíquicos” (Quinodoz, 2007, p. 53-54).

De acordo com Freud (1923/2011), a pedra angular da psicanálise é a possibilidade de distinção do psíquico em consciente e inconsciente e é essa diferenciação que lhe possibilita compreender e inscrever, no âmbito científico, o estudo das perturbações psíquicas. Para Cahn (*apud* Mijolla, 2005a, p. 393)

A consciência, em sua acepção psicológica, é a apreensão imediata pelo sujeito de sua atividade psíquica. Se, para Freud, ela é a mesma que a “dos filósofos e do grande público” e apresenta-se como um “fato sem equivalente, que não se pode explicar nem descrever” (1940a), ela não constitui mais a essência do psiquismo mas uma qualidade momentânea, a qual, além disso, só nos fornece “séries de manifestações incompletas, cheias de lacunas”. “Por outro lado, o elemento psíquico, em si, qualquer que seja a sua natureza, permanece inconsciente e é provavelmente semelhante a todos os outros fenômenos naturais que conhecemos.” O papel do consciente nem por isso deixa de ser menos fundamental. “Ocorre com ele o mesmo que com a nossa vida: ela não vale grande coisa, mas é a única que temos”.

Na realidade, para Freud (1923/2011, p. 23), consciente “[...] são todas as percepções que vêm de fora (percepções sensoriais) e de dentro, às quais chamamos de sensações e sentimentos”. Já o inconsciente, na compreensão de Porte (*apud* Mijolla, 2005a, p. 941),

[...] designa o lugar oposto ao Pré-Consciente/Consciente, segundo a primeira tópica. Adjetivo e nome implicam que a vida psíquica é conflito (ponto de vista dinâmico); que existe memória sem desgaste e que a energética, até mesmo a forma, dos processos psíquicos são determinadas, em seus aspectos essenciais, fora da consciência (ponto de vista dinâmico); que existe a inacessibilidade à consciência (ponto de vista descritivo).

Quanto à distinção entre pré-consciente e inconsciente, Freud (1923/2011) esclarece que existem duas formas de inconsciente: o pré-consciente, tão só descritivamente inconsciente, que sem dificuldades pode se tornar consciente; e o inconsciente propriamente dito, ou seja, um reprimido, que só pode ser tornado consciente por meio do trabalho analítico. É importante ressaltar, sobretudo, que tanto o pré-consciente quanto o inconsciente podem ser qualificados como inconscientes no sentido descritivo, mas no sentido dinâmico, ou seja, nas relações que se estabelecem entre os três sistemas – consciente, pré-consciente e inconsciente – há apenas um inconsciente.

Retomando o segundo capítulo desta dissertação, em que se versou sobre as teorias instintuais freudianas, é importante reiterar que o âmago do inconsciente dinâmico, de acordo com Freud (1915/2010b, p. 126-127),

[...] consiste de representantes instintuais que querem descarregar seu investimento, de impulsos de desejo, portanto. Esses impulsos instintuais são coordenados entre si, coexistem sem influência mútua, não contradizem uns aos outros. Quando dois impulsos de desejo são ativados ao mesmo tempo, e suas metas nos parecem claramente incompatíveis, os dois impulsos não subtraem algo um do outro, mas concorrem para a formação de um objetivo intermediário, um compromisso.

Os processos do inconsciente, segundo Freud (1915/2010b, p. 128), ocorrem de acordo com as seguintes características: “[...] *ausência de contradição, processo primário* (mobilidade dos investimentos), *atemporalidade e substituição da realidade externa pela psíquica*”.

A primeira teoria do aparelho psíquico formulada por Freud, no entanto, foi-se mostrando insuficiente para explicar a dinâmica envolvida nos distúrbios psíquicos conforme a psicanálise foi se desenvolvendo. É por isso que o médico europeu concebeu um segundo modelo de aparelho psíquico, no qual define as instâncias psíquicas do Id, do Eu e do Supereu²⁸. No ano de 1923, Freud publicou o texto *O Eu e o Id*, no qual assenta as bases de seu segundo modelo do aparelho psíquico, distinguindo nele três instâncias psíquicas, quais sejam: o Id, o Eu e o Supereu. Conforme Quinodoz (2007, p. 225 – esclarecimentos entre colchetes nossos), Freud introduz, em 1923, “[...] uma nova divisão do psiquismo em três instâncias, ego [Eu], o id e o superego [Supereu]”. Optou-se, nesta dissertação, por desenvolver a teoria freudiana do segundo modelo do aparelho psíquico, seguindo-se a ordem ontogenética de aparecimento das instâncias psíquicas que o compõem.

A primeira instância na ordem ontogenética de aparecimento é o *Id*. O termo *Id* foi “[...] introduzido por Georg Groddeck em 1923 e conceituado por Sigmund Freud no mesmo ano, a partir do pronome alemão neutro da terceira pessoa do singular (*Es*), para designar uma das três instâncias da segunda tópica freudiana, ao lado do Eu e do Supereu” (Roudinesco *et Plon*, 1998, p. 399). De acordo com a concepção de Porte (*apud* Mijolla, 2005a, p. 1000 – esclarecimento entre colchetes nosso),

Em ligação com o Eu (*Ich*) e o Supereu (*Über-Ich*), o Isso [Id] (*Es*) é a instância psíquica depositária das pulsões [instintos] e da maior parte dos processos inconscientes na “segunda tópica” descrita por Freud em 1923. [...] Um interpretante de suma importância do Isso [Id] é a vida pulsional [instintual]. [...] Sendo a psicanálise uma teoria dinâmica do psiquismo, segue-se que “a pessoa toda” é interpretante do Isso [Id] (*ibid.*) e a psicanálise “uma psicologia do Isso [Id] (e de seus efeitos sobre o Eu)” (1924f). A prevalência

²⁸ Os termos *Id*, *Eu* e *Supereu* referem-se a traduções possíveis para o português dos termos originais alemães *Es*, *Ich* e *Über-Ich* respectivamente. Tais termos também podem ser traduzidos para o português por *Isso*, *Ego* e *Superego* respectivamente (Roudinesco *et Plon*, 1998).

dinâmica impõe que o Eu e o Supereu procedam do Isso [Id] como “estratos superficiais” diferenciados no decorrer do processo de ontogênese.

Cabe ressaltar que é da diferenciação do Id que surgem as outras instâncias do psiquismo descritas por Freud no contexto de sua segunda tópica. O Id é, portanto, a instância que contém todas as energias instintuais, cujas diferenciações serão as responsáveis pela formação tanto do Eu, quanto do Supereu. No início da vida, um indivíduo seria, de acordo com Freud (1923/2011, p. 30), “[...] um Id [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente”. Ou seja, no princípio da vida, logo após o nascimento, o ser humano seria quase que inteiramente um Id, do qual um Eu estaria apenas começando a diferenciar-se. Apenas pela sua relação com o ambiente exterior e sob a influência da realidade é que esse Id pode, gradativamente, ir se diferenciando em um Eu que poderá mediar as exigências internas do Id com as possibilidades externas. Em outras palavras, as experiências que advêm do contato do sujeito com o mundo externo, vão modificando partes do Id que, assim, passam a formar a instância psíquica do Eu. Ainda segundo Freud (1923/2011), não há uma delimitação do Id com relação ao Eu, ou seja, o Eu se forma a partir do Id, por meio da transformação deste que ocorre devido ao contato e às experiências que se estabelecem com o meio externo. Tais experiências ficam registradas no aparelho psíquico sob a forma de conteúdos imagéticos ou sob a forma de representações simbólicas transformando partes do Id em um Eu capaz de representar no aparelho psíquico, por meio de simbolizações, aspectos da realidade externa. O Id é entendido por Freud (1923/2011) como a instância do aparelho psíquico que preserva a parte que se poderia considerar ‘animal’ do ser humano, compreendendo aí, também, toda a carga da herança filogenética passada que a espécie humana carrega consigo.

O Id seria habitado por forças instintuais. Na primeira teoria dos instintos freudiana o Id conteria os instintos de autoconservação ou do Eu e os instintos sexuais. No entanto, após o texto *Além do princípio do prazer* (1920/2010) Freud faz uma nova divisão dos instintos que originalmente impulsionariam o Id em: instintos de vida (que comportariam os instintos de autoconservação ou do Eu e os instintos sexuais) e os instintos de morte (instintos de destruição, instintos de agressão etc.).

Na medida em que se constitui por meio do contato com o mundo e da experiência, o Eu é compreendido como o representante da realidade externa no psiquismo, esforçando-se “[...] em fazer valer a influência do mundo externo sobre o Id e os seus propósitos, empenha-se

em colocar o princípio de realidade²⁹ no lugar do princípio de prazer/desprazer³⁰, que vigora irrestritamente no Id. A percepção tem para o Eu, o papel que no Id cabe ao instinto” (Freud, 1923/2011, p. 23). Quanto à instância psíquica do Eu, Mijolla (*apud* Mijolla, 2005a, p. 629-630) afirma que

A noção do *Ich* [Eu] está presente no pensamento de Freud desde as origens da psicanálise, mas sofreu ao longo dos anos importantes modificações teóricas, frequentemente associadas aos desenvolvimentos da prática clínica. Utilizado por muito tempo para designar a pessoa consciente de si mesma como um todo, é em 1923 que Freud atribui ao *Ich* [Eu] um lugar de instância do aparelho psíquico, instância intermediária, dotada de função reguladora entre o Isso [Id], o Supereu e a realidade exterior.

As influências externas que atuam sobre o Id consistiriam, desde o início da vida do sujeito, em percepções – conteúdos imagéticos, traços mnêmicos, representações etc. – que resultam do contato do bebê com os cuidadores, ou seja, com as pessoas que desempenham o papel da figura materna e da figura paterna. O Eu seria, também, a instância psíquica que estaria diretamente em contato com a parte consciente do aparelho psíquico e voltado para a realidade, e que, ao mesmo tempo, no entanto, teria suas raízes mergulhadas no inconsciente, mais especificamente no Id. Poder-se-ia afirmar, portanto, que o Eu seria a única instância psíquica que estaria em contato com o mundo interno e com o mundo externo simultaneamente. Com relação às características da instância psíquica do Eu, Freud (1923/2011, p. 20) esclarece que

A este Eu liga-se a consciência, ele domina os acessos à motilidade, ou seja; a descarga das excitações no mundo externo; é a instância psíquica que exerce o controle sobre todos os seus processos parciais, que à noite dorme e ainda então pratica a censura nos sonhos. Desse Eu partem igualmente as repressões através das quais certas tendências psíquicas devem ser excluídas não só da consciência, mas também dos outros modos de vigência e atividade.

Há, no entanto, um fator essencial que escapa às funções do Eu e que deve, necessariamente, ser levado em consideração. É que no contexto clínico, as análises levaram Freud (1923/2011) a constatar a existência, em algumas pessoas, de uma autocrítica e de uma

²⁹ “O princípio de realidade é um dos dois grandes princípios que presidem ao funcionamento psíquico. Designa a necessária consideração pelo psiquismo dos dados da realidade e, assim, opõe-se a um princípio de prazer/desprazer que buscaria a descarga ou a evacuação da tensão intrapsíquica a todo custo” (Roussillon *apud* Mijolla, 2005b, p. 1424).

³⁰ “O princípio de prazer/desprazer, frequentemente abreviado como ‘princípio de prazer’, impõe ao aparelho psíquico a descarga automática das excitações quando sua acumulação ultrapassa um certo limiar, experimentado como despreazer. Rege o funcionamento em processos primários e fundamenta o ponto de vista econômico da metapsicologia” (Cornillot *apud* Mijolla, 2005b, p. 1423).

consciência moral que não se comportam nem de maneira consciente nem de maneira pré-consciente, ou seja, são inconscientes no sentido estrito da palavra. Justamente por isso Freud (1923/2011, p. 33) aponta que “[...] a nova constatação, [...] nos obriga, apesar de nossa melhor compreensão crítica, a falar de um *sentimento de culpa inconsciente* [...] tal sentimento de culpa inconsciente tem papel decisivo [...] num grande número de neuroses”. É, portanto, a partir da constatação do sentimento de culpa inconsciente que Freud erigirá a terceira instância psíquica de seu segundo modelo de aparelho psíquico, qual seja, o Supereu.

Na realidade, o Supereu é teorizado por Freud (1923/2011) como uma gradação que ocorre na instância psíquica do Eu que se torna, então, a terceira instância psíquica descrita no âmbito de seu segundo modelo do aparelho psíquico. Tal instância, no entanto, tem relação menos estreita com a consciência, ou seja, atua preponderantemente de maneira inconsciente. É que o Supereu se forma por meio de identificações³¹ primevas com as figuras parentais. Vale ressaltar que a

[...] primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal. [...] é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal. Mas as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe parecem resultar normalmente em tal identificação, e assim reforçar a identificação primária (Freud, 1923/2011, p. 38-39).

Há de se levar em conta, no entanto, a complexidade que envolve essa identificação primária³² com as figuras parentais, uma vez que existem dois fatores intervenientes nessa primitiva identificação, quais sejam: “[...] a natureza triangular da situação edípica e a bissexualidade constitucional do indivíduo” (Freud, 1923/2011, p. 39). No que se refere à

³¹ “A identificação é um processo psíquico inconsciente pelo qual uma pessoa assimila uma parte mais ou menos importante de sua personalidade à de um outro que lhe serve de modelo. Descrito primitivamente por Freud em contextos psicopatológicos, o mecanismo da identificação veio a designar um modo primordial de relacionamento com os outros e a integrar-se entre os processos constitutivos da psique. Cumpre distinguir a identificação da imitação, que é uma abordagem voluntária e consciente” (Mijolla *apud* Mijolla, 2005a, p. 913).

³² “Entretanto, seja qual for a forma que a capacidade posterior do caráter para resistir às influências dos investimentos objetais abandonados possa adotar, os efeitos das primeiras identificações efetuadas nos primórdios da infância serão gerais e duradouros. Isso nos conduz de volta à origem do ideal do Ego [Eu]; por trás dele se oculta a primeira e mais significativa identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal. Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou resultado de um investimento do objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer investimento do objeto. Mas as escolhas de objeto que pertencem ao primeiro período sexual e se relacionam com o pai e a mãe parecem, num desenvolvimento normal, encontrar sua solução numa tal identificação, que assim reforçaria a identificação primária (*primäre Identifizierung*).” (Mijolla *apud* Mijolla, 2005a, p. 922).

situação edípica e à bissexualidade constitucional do indivíduo Perron (*apud* Mijolla, 2005a, p. 371) esclarece que

O termo “complexo de Édipo” designa a rede de desejos e de movimentos hostis cujos objetos são o pai e a mãe, e de defesas que se lhes opõe. Ele é, segundo Freud, o “complexo nuclear das neuroses”; trata-se, além disso, da estrutura central do funcionamento psíquico humano.

De qualquer maneira, quando da dissolução do complexo de Édipo, os objetos terão de ser abandonados o que faz sobrevir uma alteração no Eu, o Supereu, que se dá pela identificação com as figuras parentais. É por isso que, de acordo com Freud (1923/2011, p. 43),

[...] quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa.

Na realidade, o Supereu, conhecedor das fantasias e dos anseios criminosos do sujeito, que foram alimentados durante a infância, termina por assumir uma conduta rígida para com o Eu culpado. De acordo com Perelberg (1999, p. 17), “[...] o desenvolvimento do conceito de supereu também postulou uma poderosa força crítica inconsciente, criada pela criança a partir das internalizações das proibições parentais. A agressão tornou-se agora uma característica de como as diferentes partes da mente se relacionam umas com as outras”.³³

Constituído, na segunda tópica de Freud, como uma das três instâncias do aparelho psíquico, o Supereu é resultante da interiorização da autoridade parental. Na verdade, ele é o herdeiro do complexo de Édipo. Essa prerrogativa marca o fim das relações afetivas mais difíceis do período infantil, além de prolongá-las, tornando perenes as condições a que o Supereu deve sua instauração. Assim, as identificações constituintes do Supereu

[...] são portadoras das proibições parentais e, simultaneamente, dos investimentos pulsionais [instintuais] relativos aos objetos parentais que elas substituem em função de uma lógica regressiva em que o desejo “de ser como” substitui o desejo “de ter”: falando globalmente, as identificações do Supereu devem sua autonomia, seu estatuto restritivo para o Eu, ao caráter vital da dependência da criança em relação aos seus objetos (Donnet *apud* Mijolla, 2005b, p. 1822-1823 – esclarecimento entre colchetes nosso).

³³ No original: *The development of the concept of the superego also postulated a powerful unconscious critical force, made up of the child's internalisations of the parental prohibitions. Aggression now became a characteristic of the way the different parts of the mind relate to each other.*

Pode decorrer da formação da instância do Supereu um deslocamento instintual que desemboca no que Freud denomina de masoquismo moral, conforme foi mencionado no segundo capítulo. Nessa forma de masoquismo (Freud 1924/2011a, p. 194),

[...] o que importa é o sofrimento mesmo; se ele é infligido por uma pessoa amada ou outra qualquer não faz diferença; pode ser causado também por poderes ou circunstâncias impessoais, o verdadeiro masoquista sempre oferece a face quando vê perspectiva de receber uma bofetada. Na explicação desse comportamento, tudo convida a deixar de lado a libido e limitar-se a supor que o instinto de destruição foi voltado novamente para dentro e se enfurece com a própria pessoa.

No caso do masoquismo moral a libido dos instintos de vida teria sido deixada de lado e, devido a essa des fusão instintual, o instinto de morte se veria parcialmente livre e, conforme discutido no capítulo anterior, uma vez que a agressividade daí derivada deixa de ser endereçada para fora ela passa a operar internamente. A partir daí poderia tomar lugar, por exemplo, a agressividade e a destrutividade, que quando voltados para a própria pessoa dariam origem aos comportamentos suicidas. No entanto, essa energia livre do instinto de morte não necessita, fatalmente, seguir esse caminho. Essa energia agressiva que deriva da des fusão dos instintos poderia ser canalizada para atividades construtivas e criativas como, por exemplo, a prática de esportes, de artes marciais, de atividades ligadas às artes e etc. Convém esclarecer que essas possibilidades de transformação da agressividade derivada da des fusão da pulsão de morte será objeto de discussão no quarto capítulo.

É importante desenvolver, nesse ponto, uma discussão mais demorada acerca dos processos psíquicos que levam à formação de “[...] uma gradação no Eu, uma diferenciação em seu interior que pode ser chamada de ‘*ideal do Eu*’ ou *Super-eu*”, de acordo com Freud (1923/2011, p. 34). Antes, porém, convém recordar que sendo um conceito fundamental da teoria estrutural do aparelho psíquico, o Supereu começa a ser erigido a partir da dissolução do complexo de Édipo, momento em que a criança abandona as figuras paternas como objetos libidinais. O Supereu é formado, então, pela internalização de conteúdos procedentes dos pais (ou figuras que exerçam esses papéis). É por isso que, para Puertas (2010, p. 18), “A via de acesso ao estudo do Ideal do Eu passa, obrigatoriamente, pelo Complexo de Édipo”. Não se pode esquecer o que Freud (1923/2011, p. 45) declara: “[...] o ideal do Eu é [...] herdeiro do complexo de Édipo”. Assim, o Supereu é erigido quando, na infância, o sujeito é obrigado a renunciar aos objetos.

No entanto, o Supereu não é apenas o herdeiro do desfecho do conflito gerado pelo complexo edípiano. Ele também carrega consigo uma carga filogenética que diz respeito à formação do homem na sociedade civilizada. É que, partindo de uma digressão filogenética, Freud lança mão de uma construção hipotética para explicar a Lei do pai da horda primitiva, “[...] como modelo explicativo ao que acontece com as relações ambivalentes entre pais e filhos: ódio ao pai por ser um obstáculo à realização dos desejos sexuais e, contraditoriamente, amor e admiração por esse mesmo pai” (Puertas, 2010, p. 20).

Freud (1912-1913/2012), discorrendo sobre o totemismo recorre a uma narrativa para explicar o modo como surgiu, na humanidade, o sentimento de culpa. Essa narrativa trata de uma refeição totêmica, primeira festa da humanidade. Na horda primeva, havia um pai tirânico que afastava todos os machos das fêmeas que a ele pertenciam. Um dia, porém, tais machos se reuniram e atacaram o pai, matando-o. Após a morte do pai, os irmãos devoraram o corpo do pai morto, tomando cada qual para si tanto o modelo temido do pai quanto a inveja que sentiam em relação a ele. No ato de devorar o pai, cada um dos irmãos adquiriu parte de sua força por meio da incorporação com ele. Essa narrativa se encontra na base das instituições sociais, do controle moral e da religiosidade. Em *O Eu e o Id*, Freud refere-se a essa herança filogenética. Eis as palavras textuais:

A diferenciação entre Eu e Id temos de atribuir não só ao homem primitivo, mas também a organismos muito mais simples, pois é inevitável a influência do mundo externo. Quanto ao Super-eu, achamos que derivou justamente daquelas vivências que conduziram ao totemismo. [...] Assim, o Id hereditário alberga os resíduos de incontáveis existências do Eu, e, quando o Eu cria seu Super-eu a partir do Id, talvez apenas faça aparecer de novo anteriores formas do Eu, proporcione-lhes uma ressurreição (Freud, 1923/2011, p. 48).

É, de fato, quando acontece o declínio da fase psicosssexual dominada pelo complexo de Édipo que ocorrerá uma alteração no Eu, que conservará duas identificações. Essa alteração no Eu será denominada pelo médico e neurologista criador da psicanálise, como ‘ideal do Eu’ ou de ‘Supereu’. O Supereu, todavia, não se restringe apenas às primeiras escolhas objetais advindas do Id, também conservando o caráter de uma enérgica oposição a essas escolhas (Freud, 1923/2011).

Para Freud, no entanto, o complexo de Édipo é duplo e completo, uma vez que tem uma forma positiva e uma forma negativa. No primeiro caso, a forma positiva, como na narrativa artística de Édipo-Rei, o sujeito deseja a morte do rival que, no caso do menino, é o

pai. Já em sua forma negativa, ocorre o contrário: há um desejo pelo pai e uma rivalidade com a mãe.

Cabe lembrar, aqui, que o próprio Freud ressalta que não se trata de pai, nem de mãe, apenas. Isso porque, antes das teorias infantis sobre a castração, pai e mãe não são tomados pela criança como sexualmente distinguidos. Ele próprio esclarece que usará o termo 'pai' apenas por questões didáticas e para simplificar a exposição. Entretanto, a figura do pai apresenta-se como uma interdição aos desejos do menino com relação à mãe. Nas palavras de Freud (1923/2011, p. 39), essas “[...] duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo”.

Freud refere-se, no exemplo dado, ao complexo de Édipo masculino positivo em que o filho se apaixona pela mãe e sente impulsos sexuais voltados para ela entrando em rivalidade com o pai em disputa pelo objeto materno. No entanto, é necessário ressaltar que para Freud (1923/2011, p. 41-42)

[...] convém supor, em geral e muito especialmente nos neuróticos, a existência do complexo de Édipo completo. A experiência analítica ensina, então, que em bom número de casos um ou outro componente dele se reduz a traços quase imperceptíveis, de modo que se produz uma série, numa ponta da qual está o complexo de Édipo normal, positivo, e na outra ponta aquele contrário, negativo, enquanto os elos intermediários exibem a forma completa, com participação desigual dos dois componentes.

O Édipo masculino completo, ao qual Freud se refere, nada mais é do que o complexo de Édipo masculino positivo em conjunto com o complexo de Édipo masculino negativo. Neste, o filho apresenta desejos sexuais também para com o pai e apresenta comportamentos hostis/agressivos para com a mãe. A existência do complexo de Édipo positivo e negativo na mesma pessoa advém da bissexualidade constitucional que a criança apresenta nas fases primevas do desenvolvimento psicosssexual. É por isso que, para Freud (1923/2011, p. 42),

Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências nele existentes se agruparão de forma tal que delas resultará uma identificação com o pai e uma identificação com a mãe, a identificação com o pai mantendo o objeto materno do complexo positivo e ao mesmo tempo substituindo o objeto paterno do complexo contrário; as coisas sucederão de forma análoga na identificação com a mãe. O peso maior ou menor das duas disposições sexuais será refletido na diferente intensidade das duas identificações.

De fato, a identificação realizada com o objeto paterno pelo aparelho psíquico do menino será responsável pela: manutenção da libido direcionada ao objeto materno e pela substituição da libido que anteriormente era direcionada ao objeto paterno. É necessário, no entanto, ressaltar que a identificação realizada com o objeto materno manterá a libido direcionada ao objeto paterno e, ao mesmo tempo, substituirá em parte a libido que era direcionada ao objeto materno. Nesse jogo de forças percebe-se o caráter ambivalente das disposições sexuais no ser humano. É necessário ressaltar, no entanto, que das identificações que a criança faz com as figuras parentais também resultam sentimentos hostis, uma vez que ambas são responsáveis por impor limites aos desejos da criança fazendo com que tanto a autoridade da figura paterna quanto da materna sejam internalizadas. É daí que do jogo de identificações que acontecem quando da dissolução do complexo de Édipo decorre

Uma grande mudança que ocorre apenas quando a autoridade é internalizada pelo estabelecimento de um Super-eu. Com isso os fenômenos da consciência [*Gewissen*] chegam a um novo estágio; no fundo, só então se deveria falar de consciência e sentimento de culpa. Neste ponto desaparece o medo de ser descoberto, e também se desfaz por completo a diferença entre fazer o mal e desejar o mal, pois ante o Super-eu nada se pode esconder, nem os pensamentos (Freud, 1930/2010, p. 94-95).

Vivendo sob essa duplicidade, chega o momento em que o menino passa a se interessar pelo seu órgão genital. Diante da descoberta de que a sociedade considera ‘feia’ a manipulação do pênis e de que há ameaças por parte de adultos, surge o medo de que tal órgão possa ser retirado. Eis aí o medo da castração. Essa ameaça se encontra na gênese da derrocada da organização genital fálica e na origem do sentimento inconsciente de culpa. Perante angústia e medo, o menino retrocede porque teme a castração. É nesse momento que, para Freud (1924/2011b, p. 208-209),

Os investimentos objetais são abandonados e substituídos pela identificação. A autoridade do pai ou dos pais, introjetada no Eu, forma ali o âmago do Super-eu, que toma ao pai a severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim garante o Eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto. As tendências libidinais próprias do complexo de Édipo são dessexualizadas e sublimadas em parte, o que provavelmente ocorre em toda transformação em identificação, e em parte inibidas na meta e mudadas em impulsos ternos. Todo o processo, por um lado, salvou o genital, afastou dele o perigo da perda, e, por outro lado, paralisou-o, suspendeu sua função. Com ele tem início o período de latência, que interrompe o desenvolvimento sexual da criança.

É justamente após a introjeção da autoridade parental e, portanto, do sentimento inconsciente de culpa, que se constitui o Supereu. Acontece uma dessexualização devido à sublimação levando à identificação. Trata-se, conforme Zanetti e Höfig (2016, p. 698), de “[...] uma vivência decisiva para a organização da vida psíquica posterior”. As autoras ressaltam que, para Freud, o complexo de castração resulta em uma consequência de grande importância para a formação do aparelho psíquico, uma vez que acarreta o sentimento inconsciente de culpa que culmina no surgimento do Supereu. É justamente nesse momento de temor de ser punido pelas autoridades parentais, que se forma o Supereu.

Tal experiência, por parte da criança, é, de fato, importantíssima no processo de formação da estrutura mental. Essa experiência pode ser o primeiro momento em que o Eu se vê obrigado a se transformar, a se duplicar, como defesa contra a extinção, é o medo da castração que acarreta na introjeção das figuras parentais no seio do Eu. É por isso que, quando da formação do Supereu, farão parte os atributos adquiridos por meio da passagem pelo complexo de Édipo e, também, as imagens, falas e atitudes dos pais e pessoas significativas para a criança.

Todavia, o Supereu não é apenas um herdeiro do complexo de Édipo. Muitos outros fatores concorrem para sua formação. Cabe ressaltar que Freud (1923/2011) levanta a hipótese que conseqüentemente ao surgimento do Supereu deriva um sentimento de culpa inconsciente, uma vez que o Supereu se erige como ideal do Eu e comporta em si tanto um ideal a ser atingido como uma proibição. Na realidade, para Freud (1923/2011, 42-43)

o Super-eu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetivas do Id; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você *deve ser*”; ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você *não pode ser*, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele”. Essa dupla face do ideal do Eu deriva do fato de ele haver se empenhado na repressão do complexo de Édipo, de até mesmo dever sua existência a essa grande reviravolta.

O sentimento de culpa inconsciente seria, portanto, resultado de conflitos entre os anseios do Eu e as proibições do Supereu. O próximo tópico desta dissertação será direcionado a maiores esclarecimentos quanto ao surgimento do sentimento de culpa no aparelho psíquico dos sujeitos.

3.2 Alguns comentários sintéticos sobre o sentimento de culpa em psicanálise

A culpa, *grosso modo*, se expressa como uma “[...] acusação ou autoacusação, por um crime ou uma falta ou ato inadequado, reais ou imaginários. Este conceito tem vários ‘ou’ o que é uma evidência de imprecisão. Mas imprecisão é uma constante neste tema tão antigo quanto conflituoso” (Scliar *apud* Rainha, 2013, p. 16). Ou seja, segundo o autor citado, a compreensão geral que se tem da culpa e sentimentos a ela associados seria permeada de imprecisão, de sentido flutuante. Mas em psicanálise, de acordo com Gellis e Hamud (2011, p. 636), a culpa é uma “[...] noção crucial [...], o sentimento de culpa aparece frequentemente relacionado à moral e à ética, bem como à emergência do supereu e ao desenvolvimento e sobrevivência da civilização”. Para a psicanálise freudiana, em particular, o sentimento de culpa se constitui em praticamente todos os indivíduos, e do ponto de vista do desenvolvimento psíquico, como se viu acima, advém de conflitos entre a instância do Eu e do Supereu. Esses conflitos expressam o sentimento do Eu de ser criticado pelo Supereu. Quando a agressividade não é externalizada ela pode ser canalizada para o Supereu e intensificar a crítica do Supereu endereçada ao Eu, resultando em uma exacerbação da necessidade de punição, invariavelmente inconsciente.

Antes, porém, de situar de forma mais clara o sentimento de culpa numa concepção sobre a formação do psiquismo individual, Freud (1912-1913/2012) o concebeu como uma herança filogenética da espécie humana. É que, para o autor, os homens que compunham a sociedade primitiva satisfizeram seu ódio pela eliminação do chefe da horda primitiva por meio do assassinato e, em seguida, o incorporaram, identificando-se com ele, por meio do canibalismo, ou seja, devoraram literalmente tal chefe (refeição totêmica). Essa é, para Freud, a hipótese da origem filogenética do sentimento de culpa na espécie humana, uma vez que a partir disso, é que aparece uma consciência de culpa, expressa no arrependimento em sentido comum. Como afirmado nesse mesmo parágrafo, foi após a eliminação do chefe da horda primitiva, ou seja, do pai, que os indivíduos

[...] criaram, a partir da *consciência de culpa do filho*, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem os infringia tornava-se culpado dos dois crimes que inquietavam a sociedade primitiva³⁴ (Freud, 1912-1913/2012, p. 218-219).

³⁴ “Murder and incest, or offences of a like kind against the sacred law of blood, are in primitive society the only crimes which the community as such takes cognizance [...]” [Homicídio e incesto, ou ofensas desse tipo contra as sagradas leis do sangue, são na sociedade primitiva os únicos crimes de que a comunidade como tal toma conhecimento (...)], *Religion of the Semites*, p. 419.

Mas as implicações do sentimento de culpa não se restringem apenas ao estudo do desenvolvimento psíquico individual. Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud “[...] destaca o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, traçando uma verdadeira genealogia da culpa, ao demonstrar as diversas etapas de sua constituição, da angústia social ao sentimento inconsciente de culpa. Nele, propõe uma articulação entre culpa e angústia” (Rinaldi, 1998, p. 01).

O sentimento de culpa está intrinsecamente envolvido com a formação da instância psíquica do Supereu, sendo que tal instância é a responsável por permitir a existência da sociedade humana. Trata-se de um conceito fundamental da teoria freudiana, uma vez que, é a partir da proibição do parricídio e do incesto e, conseqüentemente, da instalação do sentimento de culpa, que tem início a civilização humana. Decorre disso que praticamente todos os seres humanos que vivem em sociedade apresentam, em maior ou menor grau, sentimento de culpa que alicerça a estruturação do Supereu.

Relativamente ao sentimento de culpa, Mannoni (1994), referindo-se aos mistérios envolvidos em seu mecanismo no pensamento freudiano, explica que ele é a manifestação de um crime intentado na fantasia e nos anseios infantis. Assim, “[...] as satisfações, disfarçadas, secretas, latentes, manifestam-se por sintomas: a culpa pode ser equiparada a esses sintomas” (Mannoni, 1994, p. 173).

As concepções de Freud sobre o sentimento de culpa configuram-se como essenciais na teoria psicanalítica, uma vez que se relacionam com questões morais e éticas, com o surgimento do Supereu e com a existência e manutenção das sociedades civilizadas. Em outras palavras, caracterizando-se como um conceito crucial da teoria freudiana, sobretudo o sentimento de culpa inconsciente está relacionado às proibições externas relativas às gratificações de dois desejos básicos que surgem intrapsiquicamente no ser humano: a eliminação da figura parental do mesmo sexo e a manutenção de relações sexuais incestuosas com a figura parental do sexo oposto. O relacionamento do filho com os pais, ou com as figuras que desempenham as funções das figuras parentais, tem grande papel nessas proibições que, mais tarde, serão internalizadas pelo aparelho psíquico como leis e regras que, quando desobedecidas, provocam os sentimentos de culpa, que podem ser tanto conscientes quanto inconscientes.

Em outras palavras, pode-se afirmar que o sentimento de culpa atua no interior do psiquismo humano e, em grande parte das vezes, não manteria relações com atos reconhecidos

pela pessoa como realmente perpetrados. Por isso, Freud estabelece a diferença entre sentimento de culpa consciente, em relação ao qual o Eu pode ser capaz de reparação, e o sentimento de culpa inconsciente, do qual a pessoa nada saberia dizer. Para Freud (1923/2011, p. 63 – esclarecimento entre colchete nosso),

O sentimento de culpa normal, consciente (a consciência moral), não oferece dificuldades à interpretação, baseia-se na tensão entre o Eu e o ideal do Eu [Supereu], expressa uma condenação do Eu por sua instância crítica. Os conhecidos sentimentos de inferioridade dos neuróticos não se achariam distantes dele.

Com relação ao sentimento de culpa inconsciente, por não ser possível se tornar consciente, o Eu não é capaz de realizar as necessárias reparações, sentindo-se continuamente culpado sem o saber. É por isso que, no caso desse sentimento, não é necessário que o indivíduo tenha realmente praticado a intenção proibida. O simples fato de desejá-la, mesmo que inconscientemente, já é capaz de suscitar as devidas repreensões, castigos e punições.

A consciência de culpa do filho nas sociedades primitivas se constitui como herança filogenética sendo necessário enfatizar que, para Freud (1912-1913/2012, p. 242),

Essa criativa consciência de culpa não desapareceu entre nós. Nós a vemos atuando nos neuróticos, de forma associada, a fim de produzir novos preceitos morais, continuadas restrições, como penitência para os malfeitos cometidos e advertência para outros a cometer. Mas quando investigamos, nesses neuróticos, os atos que provocaram tais reações, ficamos decepcionados. Não encontramos atos, e sim apenas impulsos, sentimentos que aspiram ao mal, mas foram impedidos de realizá-lo. Na base da consciência de culpa dos neuróticos se acham apenas realidades psíquicas, e não factuais. A neurose caracteriza-se, então, por colocar a realidade psíquica acima da factual, por reagir a pensamentos de forma tão séria como as pessoas normais reagem às coisas reais.

É que a consciência de culpa dos neuróticos não precisa, necessariamente, que os atos que foram elaborados na fantasia se tornem realidade para que sejam sujeitos à consciência de culpa. É que, para Freud (1916/2010, p. 285) “[...] o constante resultado do labor psicanalítico foi de que esse obscuro sentimento de culpa vem do complexo de Édipo, é uma reação aos dois grandes intentos criminosos, matar o pai e ter relações sexuais com a mãe”.

É em *O Eu e o Id*, conforme visto acima, no qual apresenta o processo de formação do Eu e do Supereu, que o sentimento de culpa se torna mais claramente esclarecido e metapsicologicamente fundamentado. Nesse texto, Freud (1923/2011, p. 65) reconhece que o

caráter inconsciente do sentimento de culpa estaria relacionado aos processos psíquicos presentes na origem da consciência moral:

Pode-se ir mais longe e arriscar a pressuposição de que normalmente uma grande parte do sentimento de culpa teria de ser inconsciente, porque a origem da consciência moral está intimamente ligada ao complexo de Édipo, que pertence ao inconsciente. Se alguém quisesse sustentar a tese paradoxal de que o homem normal é não só muito mais imoral do que acredita, mas também muito mais moral do que sabe, a psicanálise, cujas descobertas fundamentam a primeira parte da afirmação, também nada teria a objetar à segunda.

Portanto, conforme descrito na seção anterior, no nível do desenvolvimento do psiquismo individual, é em função da identificação com as figuras parentais na resolução do complexo de Édipo que se dá a internalização de referências de autoridade e moralidade que passam a construir um núcleo inicial do Supereu. Daí decorre o aparecimento, no aparelho psíquico, da consciência moral e do sentimento de culpa, uma vez que após a internalização da autoridade as repreensões, castigos e punições se tornam imperativas no tocante à hostilidade/agressividade que outrora fora dirigida àqueles objetos parentais. No interior do aparelho psíquico se forma uma instância separada, o Super-eu, do qual não se tem como esconder os sentimentos de hostilidade/agressividade que, agora, são tidos como criminosos.

Na realidade, para Freud (1923/2011, p. 66)

A questão cuja resposta adiamos é: como acontece de o Super-eu manifestar-se essencialmente como sentimento de culpa (ou melhor, como crítica; sentimento de culpa é a percepção no Eu que corresponde a essa crítica) e desenvolver tão extraordinário rigor e dureza para com o Eu? Voltando-nos primeiro para a melancolia, vemos que o Super-eu extremamente forte, que arrebatou a consciência, arremete implacavelmente contra o Eu, como se tivesse se apoderado de todo o sadismo disponível na pessoa. Seguindo nossa concepção de sadismo, diríamos que o componente destrutivo instalou-se no Super-eu e voltou-se contra o Eu.

Portanto, quando o Supereu se torna investido pelo instinto de morte, mais especificamente o instinto de agressão, advindo do Id, poder-se-ia afirmar que o Supereu também pode se dirigir agressivamente ao Eu quando houver uma necessidade inconsciente de punição, arremetendo implacavelmente contra o Eu.

CAPÍTULO IV

ESBOÇO DE UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DO SUICÍDIO E INDICAÇÕES DE ALGUNS FUNDAMENTOS PARA SEU ENFRENTAMENTO

Após a incursão por diversos conceitos psicanalíticos e no intuito de esboçar uma síntese acerca de uma possível compreensão psicanalítica do suicídio, busca-se tecer, neste capítulo, considerações que deem conta dos instintos de morte que, desfusionados, podem reforçar o ímpeto do Supereu contra o Eu, denunciando um conflito que é sentido pelo Eu como sentimento exacerbado de culpa. O objetivo fulcral deste capítulo, portanto, consiste em discutir como os pressupostos teóricos da psicanálise, expostos nos capítulos anteriores desta dissertação, podem ajudar a compreender o fenômeno do suicídio. Além disso, busca mostrar algumas indicações sobre como a própria teoria psicanalítica de Freud contém, nela mesma, fundamentos conceituais que possibilitariam pensar em formas de lidar com os comportamentos suicidas, que ajudem a amenizar a autoagressão, contribuindo para o enfrentamento do fenômeno do suicídio. Não se trata, obviamente, de fazer propostas de intervenção, mas apenas de mostrar como uma concepção que pode contribuir para a compreensão do fenômeno do suicídio pode principalmente ajudar a pensar em formas de viver mais criativas, em que a agressividade humana pudesse encontrar destinos alternativos, que não sejam nem a destruição do outro nem a autodestruição.

Para alcançar tais objetivos, este capítulo foi organizado em quatro seções. Na primeira, discute-se a ideia de que os comportamentos suicidas têm como base o sentimento de culpa inconsciente. Esse tópico visa a reunir conhecimentos já estudados para mostrar como a intensidade de tal sentimento pode expressar-se na intensificação da autoagressão. Na segunda seção, focaliza-se a problemática da regressão objetivando, mais especificamente, demonstrar a importância que processos regressivos podem ter na exacerbação do sentimento de culpa inconsciente. Ou seja, a regressão ajudaria a reforçar nosso entendimento sobre como o sentimento de culpa pode alcançar níveis insuportáveis para o Eu. A partir daí, na terceira seção, discute-se o entendimento mais específico de Freud sobre a regressão como desusão instintual, o que tornaria ainda mais plausível a ideia da exacerbação do sentimento de culpa inconsciente, bem como sua importância nos comportamentos suicidas. Toda discussão empreendida até aqui, nesta dissertação, não pode ser considerada como beco sem saída. É importante, nesse final, levantar alguns fundamentos dentro da própria teoria que visam ao enfrentamento dos comportamentos suicidas. Com essa intenção, mas considerando os limites deste trabalho, são oferecidas apenas algumas indicações sobre possíveis formas de enfrentamento que a teoria

freudiana possibilita pensar. Passa-se, portanto, a seguir, para o tópico que dá início à discussão acerca de um esboço de uma compreensão psicanalítica do suicídio.

4.1. A centralidade do sentimento de culpa inconsciente na explicação da autoagressão nos comportamentos suicidas

O sentimento de culpa inconsciente foi tema do capítulo 3 desta dissertação e, como vimos, tal sentimento pode ser tomado como o responsável pelas punições perpetradas pelo Supereu ao Eu que podem ir desde formas mais brandas, como autocobranças, até formas mais exacerbadas de autopunição que, em seu extremo, poderiam explicar os comportamentos suicidas.

Um fator que pode contribuir para o aumento da agressividade no interior do psiquismo, segundo Freud (1923/2011), assenta-se sobre a ideia de que quanto maior a renúncia instintual relativa ao instinto de morte advinda do Id, tanto maior será a energia desse instinto deslocada para o Supereu que, a partir daí, pode exercer a agressividade em relação ao Eu culpado por haver dirigido, primariamente, no período edípico, sentimentos hostis às figuras parentais. Ou seja, quando a agressividade não é descarregada por meio de seu investimento em outras atividades, endereçada a outros objetos ou pessoas, conforme os princípios que regulam o funcionamento psíquico, ela continuaria a operar intrapsiquicamente, ou seja, a agressividade voltar-se-ia sobre si mesmo. Em outras palavras, resulta que o Supereu é alimentado pela agressividade contida tendo, assim, reforçada sua severidade e crueldade, que passam a ser direcionadas ao Eu, o que explicaria a exacerbação do sentimento de culpa inconsciente. É daí que adviria a intensificação da crítica da instância moral sobre o Eu, na forma de sentimento de culpa intensificado que poderia levar o sujeito a perpetrar contra si mesmo uma autodestruição silenciosa.

Outra possível forma de se compreender como a agressividade pode se voltar contra a própria pessoa é esclarecida por Freud no texto *O mal-estar na civilização*, de 1930. Conforme descrições apresentadas no capítulo 3, em relação ao complexo de Édipo no início da vida do ser humano existem duas figuras centrais: a mãe – ou uma figura que desempenhe a função materna – e o pai – ou uma pessoa que exerça a função paterna. Desde o princípio, os interesses da criança são voltados para a mãe, que dá conta de todas as suas necessidades. Conforme a criança vai se desenvolvendo e seus interesses sexuais relativos às figuras parentais passam a se revestir de comportamentos ligados à sexualidade genital infantil, as próprias figuras

parentais tendem a impedir a realização desses comportamentos. Como reação aos impedimentos relativos aos interesses psicosssexuais destinados às figuras parentais, a criança destina às próprias figuras parentais que impedem a realização de seus desejos sexuais genitais infantis sentimentos hostis e agressivos.

Há, no entanto, também como foi descrito quando foi feita a referência à dissolução do complexo de Édipo, um momento em que a criança renuncia aos desejos incestuosos e hostis e internaliza a representação das figuras parentais e todas as suas prerrogativas, quais sejam: as regras, as leis, os impedimentos e as punições que faziam parte da relação da criança com os pais. É como se a agressividade que fora dirigida às figuras parentais se voltasse contra o próprio sujeito por meio de um inconsciente sentimento de culpa que demanda punições por parte das figuras parentais internalizadas, agora investidas de toda autoridade que passa a exercer a agressividade que se volta contra o próprio sujeito. Ou seja, a quantidade de energia advinda do instinto de morte à qual se teve de renunciar quando da derrocada do complexo de Édipo fica intrinsecamente ligada à formação do Supereu.

Ora, é do Id que parte toda a energia instintual que dá fundamento para a existência do aparelho psíquico. É justamente por isso que se pode afirmar que o Id mantém uma relação direta com o Supereu, uma vez que os instintos de morte advindos do Id são, também, alicerce da formação e continuidade do Supereu. Estando, portanto, investido desse montante de energia o Supereu passa a ser o representante psíquico das figuras parentais e, a partir daí, pode reprimir e punir todos os desejos agressivos advindos do Eu, calcados na agressividade do instinto de morte que originalmente eram direcionados àquelas figuras. Como se espera ter demonstrado, é justamente desse conflito entre o Supereu e o Eu que seria originado o sentimento de culpa inconsciente que acometeria o Eu. A exacerbação desse sentimento teria relação com o desenvolvimento do psiquismo e manteria relações com a triangularidade da situação edípica, principalmente no que se refere à tramitação do instinto de morte que pode dar origem a uma extrema severidade do Supereu.

Considerando o conflito presente na origem do Supereu, viu-se que se encontram aí, por um lado, impulsos libidinais endereçados a objetos parentais e, por outro, em razão de se tornarem obstáculos às satisfações libidinais tais figuras parentais seriam objeto de identificação por parte do Eu em formação. O Supereu é uma parcela do Eu que apenas se diferenciou deste, portanto se o Eu estaria implicado com o Id, o Supereu também estará. É por isso que o Supereu também tem uma parte mergulhada no inconsciente e se confunde com o Id. É daí que os instintos de morte podem exercer suas metas em relação ao Eu, que por sua vez é

mantido como refém dos instintos agressivos. Talvez agora fique mais clara a ideia acima exposta, segundo a qual o instinto de morte presente no Id, quando não endereçado ao ambiente, permanece circulante no interior do aparelho e, desde dentro, pela íntima relação de parentesco existente entre Id e Supereu, a energia destrutiva remanescente no Id tende a ser canalizada para o Supereu superinvestindo-o.

No caso da exacerbação do sentimento de culpa é possível, portanto, pensar que um *quantum* de energia advinda do instinto de morte que parte do Id é deslocado para o Supereu, aumentando sua severidade para com o Eu e intensificando a culpa sentida por este. Ou seja, o Supereu é capaz de exercer sobre o Eu o montante de energia agressiva, por meio de recriminações e, até mesmo, por meio dos comportamentos suicidas, tais como a ideação suicida, o plano suicida, a tentativa de suicídio e o suicídio efetivamente consumado.

Na verdade, é esse sentimento de culpa exacerbado que controla os instintos, ou seja, além de se constituir como um impedimento para a satisfação dos instintos ele colabora com o aumento do masoquismo. É justamente por isso que o sentimento de culpa expressa uma relação entre a agressividade – característica do Supereu, que depende diretamente do instinto de morte – e o Eu – que se submete ao Supereu quando sente a necessidade de castigos.

O masoquismo, para Freud (1924/2011a, p. 194), se relaciona com o sentimento de culpa inconsciente, ou seja, “[...] o que importa é o sofrimento mesmo; se ele é infligido por uma pessoa amada ou outra qualquer não faz diferença; pode ser causado também por poderes ou circunstâncias impessoais, o verdadeiro masoquista sempre oferece a face quando vê perspectiva de receber uma bofetada”. Ainda para Freud (1924/2011a, p. 194), “[...] na explicação desse comportamento, tudo convida a deixar de lado a libido e limitar-se a supor que o instinto de destruição foi novamente voltado para dentro e se enfurece com a própria pessoa”. Conforme exposto acima, no que se refere à agressividade que pode se voltar contra a própria pessoa, Freud admite a possibilidade de que a agressividade, sob a forma de instinto de destruição, seja redirecionada para o interior do aparelho psíquico.

Para uma compreensão mais clara acerca da exacerbação do sentimento de culpa inconsciente este capítulo abre, agora, um segundo tópico que visa a esclarecer alguns aspectos relativos à regressão e o papel que ela desempenha na exacerbação do sentimento de culpa inconsciente.

4.2. A intensificação do sentimento de culpa inconsciente nos processos regressivos

Tendo em vista a discussão empreendida no tópico anterior, cabe agora pensar juntamente com Freud a ideia da regressão, uma vez que ela se constitui como um possível fator metapsicológico que ajuda a reforçar a ideia de que o sentimento de culpa pode ser exacerbado não apenas pela agressividade contida, mas igualmente pelas regressões funcionais no aparelho psíquico.

Do ponto de vista da compreensão psicanalítica do funcionamento psíquico, os comportamentos suicidas poderiam ser, portanto, fundamentados na volta da agressividade sobre a própria pessoa, expressa pela exacerbação de um sentimento inconsciente de culpa. No entanto, para deixar mais claro como essa agressividade pode retornar ao próprio sujeito é necessário esclarecer uma hipótese relevante na obra freudiana: a regressão. No livro *A interpretação dos sonhos* (1900/2019, p. 599 – esclarecimento entre colchetes nosso), mais especificamente no capítulo VII, parte B, intitulada *A regressão*, Freud pontua três formas de regressão:

- a) uma regressão *topológica* [que estaria ligada à regressão da excitação que pode ocorrer dos os sistemas consciente, pré-consciente para o inconsciente]
- b) uma *temporal*, quando se trata de um retorno a formações psíquicas mais antigas, e c) uma regressão *formal*, quando modos primitivos de expressão e representação substituem os habituais.

É nesse sentido que Freud (1905/2016) expôs, no livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, as fases do desenvolvimento psicosexual do ser humano distinguindo três períodos iniciais fundamentais: a fase oral, a fase anal e a fase fálica. A possibilidade de ocorrer regressões no desenvolvimento em fases é sugerido por Freud (1916-1917/2014, p. 453) ao afirmar que o

[...] perigo de um desenvolvimento por estágios está no fato de também as porções que lograram avançar poderem facilmente, em um movimento retrógrado, retornar a um dos estágios anteriores, o que chamamos de *regressão*. A tendência se verá levada a essa regressão quando o exercício de sua função – ou seja, o alcance de sua meta de satisfação – depara com fortes impedimentos externos, na sua forma posterior ou mais desenvolvida. É natural supormos que fixação e regressão não são independentes uma da outra. Quanto mais fortes as fixações no caminho do desenvolvimento, tanto mais a função evitará as dificuldades externas mediante regressão a essas fixações, e tanto menos capaz de resistência se revelará a função desenvolvida diante de impedimentos externos a barrar-lhe o caminho.

Em outras palavras, poder-se-ia afirmar que uma regressão a modos de funcionamento psíquico típicos de fases anteriores do desenvolvimento psicosssexual pode ser desencadeada por frustrações que imponham obstáculos às satisfações libidinais em determinado estágio da vida. Ou seja, quando esses impedimentos tomam lugar na vida do indivíduo, movido pelos princípios que regem seu funcionamento, o psiquismo tentará restabelecer uma fase do desenvolvimento em que as satisfações libidinais foram asseguradas no intuito de diminuir o sofrimento psíquico. O que impulsiona essa tendência a restabelecer a fase anterior é o princípio de prazer, ou seja, o aparelho psíquico busca um estado anterior em que as forças instintuais estavam mais equilibradas. É por isso que, com relação aos sintomas neuróticos, Freud (1916-1917/2014, p. 476) afirma que

Se a libido se dispõe a aceitar outro objeto no lugar daquele que lhe foi recusado e, ainda assim, a realidade permanece irreduzível, então a libido será enfim obrigada a encetar o caminho da regressão e procurar satisfação em uma das organizações já superadas ou por um dos objetos anteriormente abandonados. Para o caminho da regressão a libido é atraída pela fixação que deixou para trás, nesses pontos de seu desenvolvimento.

Nesse sentido, as frustrações no decorrer da vida dos sujeitos são inevitáveis, levando alguns deles a recorrer a uma regressão. Alguns indivíduos teriam permanecido identificados aos objetos primordiais, isso significaria que o funcionamento psíquico dessa época exerceria certa dominância, de modo que por mais que o indivíduo se esforce em superar e se desenvolver diante de frustrações na vida, haveria uma tendência à regressão, a voltar ao conhecido, cômodo e responder às demandas da realidade segundo aquela forma. O detalhe é que a origem do Ideal do Eu/Supereu está justamente na identificação com os objetos primordiais.

Nesse sentido, obstáculos externos que dificultam o direcionamento da agressividade para fora, podem ocasionar regressões, o que ajuda a esclarecer, de um outro ponto de vista, como a agressividade pode se voltar para o próprio sujeito. Nesse caso, estaríamos nos referindo a instância psíquica do Eu que se pode entender como sendo o sujeito. Ou seja, a quantidade de agressão não endereçada para fora pode ser atraída regressivamente para etapas do desenvolvimento psíquico dominadas por fixações, reforçando formas arcaicas de funcionamento psíquico, nos quais sentimentos agressivos que reforçam a crueldade do Supereu podem ser dirigidos ao Eu, levando à exacerbação do sentimento de culpa. Em casos extremos, o Eu poderia chegar ao ponto de consentir com as punições perpetradas pelo Supereu ao Eu.

4.3. Regressão como desfusão instintual: seu papel na exacerbação do sentimento de culpa inconsciente e os comportamentos suicidas

É necessário pontuar, no entanto, que após 1920, Freud alcança um entendimento novo no que se refere à regressão. Após 1920, Freud considera que a base da regressão se dá pela desfusão ou desmescla dos instintos de vida – *Eros* – e dos instintos de morte – *Thânatos*. Para Freud (1923/2011, p. 69),

A disjunção do amor em relação à agressividade não foi obra do Eu, mas consequência de uma regressão efetuada no Id. Mas esse processo estendeu-se do Id para o Super-eu, que então aumenta seu rigor para com o Eu inocente. Em ambos os casos, porém, o Eu, tendo controlado a libido por meio de identificação, receberia em troca a punição do Super-eu, através da agressividade misturada à libido.

Essa nova compreensão na teoria freudiana é útil para tornar mais clara a hipótese que vem sendo desenvolvida neste capítulo, ou seja, sobre como o sentimento de culpa pode se tornar exacerbado.

Cabe lembrar ao leitor que na seção inicial foi apresentada uma discussão a partir de um primeiro ponto de vista sobre como a agressividade não endereçada para fora retorna para a própria pessoa, e pelo parentesco de origem entre Supereu e Id, passa a ser investida no Supereu que aumenta a crítica e a severidade dirigida ao Eu, e que, ao que tudo indica parece intensificar o sentimento de culpa inconsciente. Na segunda seção deste capítulo, reforçou-se a explicação de que a agressividade não direcionada para fora fica livre no psiquismo, aumentando as tendências agressivas do Supereu por meio das regressões que podem ocorrer nesse mesmo psiquismo.

Portanto, no caso de indivíduos propensos à ideação suicida, como também no melancólico, por exemplo, se o Eu da pessoa se encontra mais sujeito a regressões diante de obstáculos e frustrações no que toca às satisfações libidinais, essas regressões acarretam desfusão ou o desligamento das energias instintuais, ou seja, promovem a desmescla entre os instintos de vida e os instintos de morte, levando ao aumento destes últimos. Os esclarecimentos de Freud sobre o funcionamento melancólico, podem ajudar a compreender os comportamentos suicidas, pois em ambos os casos os instintos de morte advindos do Id acham uma possibilidade de satisfação por meio das repreensões, punições e castigos que o Supereu perpetra contra o Eu. Conforme ilustra o caso do melancólico, o Eu consente com tais ações uma vez que o objeto se encontra enquistado no seio do Eu do indivíduo. Para Freud (1923/2011, p. 73), “[...] na

melancolia [...] o Eu abandona a si mesmo por sentir-se odiado e perseguido pelo Super-eu, em vez de amado. De modo que para o Eu viver significa ser amado, ser amado pelo Super-eu, que também aí surge como representante do Id” (Freud, 1923/2011, p. 73). Ou seja, intrapsiquicamente o instinto de morte desfusionado é assumido pelo Supereu e se descarrega sobre o Eu, esse Eu se oferece como alvo das repreensões, punições e castigos advindos do Supereu porque o objeto fora internalizado como sendo parte desse Eu e, dessa maneira, a agressividade pode ser descarregada intrapsiquicamente e indiretamente sobre o objeto. Assim, se o leitor se lembrar que quando a agressividade não é endereçada para fora ela passa a operar internamente, então pode compreender que a consideração dos processos de desfusão instintual como resultantes de regressões vem reforçar a hipótese freudiana de um sentimento de culpa exacerbado ao limite.

Enfim, a partir da exposição apresentada, pode-se afirmar que quando os instintos de vida e os instintos de morte estão ligados ou fusionados, eles podem promover o desenvolvimento da criatividade e de atividades intelectuais, sociais, práticas etc. com a finalidade de satisfação libidinal. Na regressão, no entanto, ocorreria a liberação de energia destrutiva, advinda dos instintos de morte, no interior do aparelho psíquico, mais especificamente na instância do Id, que devido ao parentesco de formação ontogenética seria canalizado para o Supereu. Esse processo intensificaria a severidade da instância moral contra o Eu. Além disso, se existir previamente uma tendência a uma severidade do Supereu proveniente da agressividade originária do complexo de Édipo, a regressão acarretaria em uma exacerbação do sentimento de culpa inconsciente que, então, poderia alcançar níveis insuportáveis. Para terminar, poder-se-ia dizer que devido ao desamor por parte do Supereu, expresso por um sentimento de culpa inconsciente insuportável, o Eu pode chegar ao ponto de renunciar à própria vida.

4.4. A psicanálise freudiana e o enfrentamento de comportamentos suicidas: alguns fundamentos

Até este ponto, esta dissertação esteve às voltas com a discussão sintética acerca dos efeitos deletérios do retorno da agressividade para o próprio sujeito. Foi discutida a hipótese freudiana de que a agressividade contida no seu endereçamento para fora opera internamente, tomando principalmente o caminho que a conduz para o Supereu, investindo-o. Viu-se também que a hipótese desse investimento do Supereu por agressividade pode ser reforçada pela

consideração dos processos de regressão, que ajuda a compreender como, diante de frustrações e obstáculos impostos pela realidade, pontos de fixação no desenvolvimento psicosexual podem exercer atração, contribuindo para regressão de um funcionamento psíquico mais tardio para formas mais antigas. Além disso, um terceiro ponto de vista que ajuda a pensar melhor como no Supereu pode reinar a cultura do instinto de morte, consistiu em mostrar como, a partir de 1920, Freud alcança uma compreensão nova sobre a regressão. Nesse novo entendimento, a regressão é compreendida como produzindo, em primeiro lugar, a des fusão entre os instintos de vida e os instintos de morte, o que reforçaria o entendimento de que nos processos regressivos ocorre a liberação da energia destrutiva, que intensificaria os investimentos do Supereu e a crueldade deste sobre o Eu e suas possíveis consequências no que diz respeito à exacerbação do sentimento de culpa inconsciente e aos comportamentos suicidas.

É necessário, no entanto, enfatizar que os processos que levam os instintos de vida e os instintos de morte a se desligarem/desfundarem constituem apenas uma das direções ou uma face dos processos instintuais. Conforme mencionado no capítulo quatro, a hipótese sobre a existência de processos de regressão é correlativa à de processos evolutivos ou progressivos que sustentariam o desenvolvimento do aparelho psíquico. Ou seja, também como foi estudado, uma regressão a estados de organização ou formas mais primárias de funcionamento psíquico poderia ocorrer diante de obstáculos ou frustrações que impediriam o curso evolutivo na direção do desenvolvimento da personalidade. Essas hipóteses freudianas permitem aventar a possibilidade de que mesmo em casos considerados de regressão grave seria possível, mediante estímulos favoráveis, a retomada de fusões instintuais ou da ligação da autodestrutividade flutuante por parte de Eros e, com isso algum grau de desenvolvimento psíquico.

Ou seja, considerando o caso dos comportamentos suicidas, a agressividade intensificada pela liberação resultante de processos de des fusão e não direcionada para fora, que intensificaria a crueldade do Supereu em relação ao Eu (exacerbação do sentimento de culpa inconsciente), parece possível pensar em formas de intervenção ou atividades que auxiliem a fomentar processos de fusão instintual, buscando redirecionar a agressividade para fora, reduzindo as autoagressões. Os meios pelos quais isso parece possível passa, inevitavelmente pelo emprego sadio e aceito socialmente da agressividade constitucional suposta como relacionada aos instintos de morte. Sendo assim, cumpre salientar que tanto os instintos de vida quanto os instintos de morte, uma vez desligados/desfundados, podem ser religados/fusionados.

A possibilidade de pensar em formas de intervenção que busquem estimular processos de fusão e que, portanto, contribuam para amenizar as consequências nefastas da des fusão instintual, como os comportamentos suicidas, parece encontrar-se nos resultados de alguns estudos sobre o suicídio. Nesse sentido, ao se levar em conta o entendimento de Cassorla (1991, p. 22), segundo o qual “[...] o suicida não quer morrer – na verdade ele não sabe o que é a morte. [...] O que ele deseja é fugir do sofrimento”, parece que se dispõe de brechas para alicerçar debates e fomentar discussões relacionadas ao suicídio, no sentido de pensar em possíveis meios de prevenção, fundamentados na possibilidade teórica das fusões/ligações instintuais.

O suicídio pode mostrar-se como sendo consciente, intencional, no entanto, há uma ambivalência contida nesse ato. Pode ocorrer que, por trás da vontade aparentemente consciente do suicídio, existam razões totalmente opostas a ele como, por exemplo, um desejo intenso de viver (para Freud, o Eu deseja ser amado pelo Supereu, como afirmado na seção anterior). Fundamentado na observação de Cassorla(1991), descrita logo acima, de que o suicida deseja fugir do sofrimento, uma vez que, apesar de buscar o suicídio, o indivíduo quer, na verdade, viver. Ou seja, se há o desejo de vida (instinto de vida), a pessoa desistiria dela porque entende ser impossível o prosseguimento da vida pelo sofrimento imposto pelo sentimento de culpa. Nessa esteira, se for possível estimular fusões instintuais, é possível amenizar as des fusões e, até mesmo, descontinuar a existência de comportamentos autodestrutivos silenciosos.

Outro aspecto destacado por Cassorla (1984), no caso do suicídio, teria a ver com o fato de que ele pode apresentar três faces: a primeira seria o prazer provocado em descarregar a agressividade sobre si mesma; a segunda seria a intenção de aniquilar o sofrimento psíquico que aflige o sujeito; e a terceira, consistiria em um pedido de socorro para que o indivíduo possa continuar vivendo. Em outras palavras, o desejo manifesto de morrer, que tem na sua gênese, por um lado, um prazer e, por outro, a ânsia de cessamento de sofrimentos psíquicos, pode esconder e camuflar, contraditoriamente, um intenso desejo de viver, mas livre dos sofrimentos dilacerantes que dele derivam.

São sentimentos completamente contraditórios em sua aparência e, poder-se-ia afirmar, até mesmo paradoxais. Isso ocorre porque, apesar do prazer derivado de exercer a agressividade contra si mesmo, o indivíduo busca desesperadamente a resolução do problema de um sofrimento intenso, o sujeito encontra-se diante de um posicionamento interno ambivalente: de um lado a morte que, a seu ver, poderia encerrar qualquer dor; e, por outro lado, a vida ou a vontade de viver configurada no pedido de socorro que toda tentativa de suicídio pode expressar. É que, de acordo com Silva (2006, p. 57), comentando a concepção de Cassorla

(2004), “dentre os vários significados que podem estar ocultos no que se expressa como uma tentativa de suicídio ou mesmo na ideação suicida, um deles diz respeito a um pedido de ajuda e não a um real desejo de morte”.

Baseado nas considerações dos autores citados acima, e segundo os fundamentos teóricos apresentados nesta dissertação, um sujeito que se torna agressivo com outras pessoas e sobretudo consigo mesmo poderia, dado o desejo de viver latente, em condições terapêuticas ou sociais favoráveis, canalizar de forma mais adequada a energia (auto)destrutiva advinda dos instintos de morte. Ou seja, a energia destrutiva e agressiva que circula em seu aparelho psíquico poderia ser redirecionada para atividades que religariam/refusionariam novamente os instintos desligados/desfusionados. A partir da discussão teórica apresentada nesta dissertação, esse parece um destino instintual não apenas possível, mas plausível e realizável.

É bem possível, no entanto, que o sujeito, sozinho, não consiga reverter essas situações. É aí que ele poderia, além de familiares e amigos, contar com ajuda terapêutica qualificada nos termos aqui expostos e inclusive de políticas públicas voltadas para a abertura de espaços de desenvolvimento da criatividade mobilizadas por autarquias governamentais.

Apenas a título de ilustração, no que se refere ao auxílio terapêutico, uma forma privilegiada sobre as demais formas de religação/refusão dos instintos de vida com os instintos de morte poderia se dar por meio das psicoterapias, não necessariamente restritas a abordagens psicanalíticas. Aliás, deve-se enfatizar o papel da psicoterapia na intervenção de situações referentes a quaisquer das fases do comportamento suicidário. Nesse sentido, tanto as autarquias federal, quanto estadual e municipal poderiam promover um plano de ação para disponibilizar gratuitamente o tratamento psicoterápico psicanalítico àqueles que, de alguma forma, necessitam de atenção com relação à saúde mental. O processo psicoterápico orientado pelos fundamentos aqui expostos privilegiaria a ligação/fusão dos instintos de vida com os instintos de morte. Isso, por si só, poderia talvez contribuir para uma redução em algum grau nas taxas de suicídio, assim como proposto pelo Plano de Ação da Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde, em 2013.

Já em relação a políticas públicas possíveis de serem pensadas a partir da compreensão aqui apresentada, também podem ser referidas ao Primeiro Plano de Ação de Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde, lançado em maio de 2013, que visava a reduzir a taxa de suicídio em 10% até 2020. Nesse sentido, uma abordagem que talvez pudesse contribuir para a diminuição de comportamentos destrutivos e de suicídios, poderia se dar por ações governamentais simples, tais como a criação de espaços públicos de recreação voltadas para o

exercício pleno da cidadania. Nesse caso, os governos tanto na esfera federal, quanto na estadual e municipal poderiam atentar para os fatores descritos para combater os comportamentos suicidas oferecendo possibilidades reais à população. Tais possibilidades poderiam se dar pela construção e manutenção de centros esportivos, pela oferta das mais diversas práticas desportivas de forma gratuita à população e pelo incentivo às práticas desportivas. Dessa forma, desde o início da vida os sujeitos poderiam dar vazão à sua agressividade em favor da vida, promovendo condições favoráveis para uma fusão entre os instintos de vida e os instintos de morte.

Em tais práticas, a agressividade pode ser expressa saudavelmente para a conquista de objetivos tanto em curto como em longo prazo. Por meio dessas práticas, o indivíduo teria a possibilidade de dar um destino diferente a seus instintos de morte desfusionados dos instintos de vida, refusionando-os, metabolizando-os e desgastando-os mediante seu direcionamento para fora, ou mesmo voltando-se para o próprio Eu, por exemplo a dor provinda de extenuantes atividades desportivas. Além disso, a possibilidade que as mais diversas práticas desportivas promoveriam, além de mudanças psíquicas na vida da pessoa, mudanças físicas, tornando-a mais saudável.

Uma forma privilegiada de utilização dos instintos de morte, no que se refere às práticas desportivas, se daria pelo treinamento em artes marciais, tais como Judô, Karatê, Kung-fu, Tae-Kwon-Do etc. Além de extravasar a energia agressiva, as artes marciais ensinam ao indivíduo uma filosofia de vida que tende a domar os instintos agressivos, ou seja, os instintos de morte, em favor da fusão com os instintos de vida. Por meio da prática de artes marciais, portanto, a energia agressiva seria descarregada no ambiente externo e promoveria uma refusão entre os instintos de morte e os instintos de vida que estariam desfusionados.

Por fim, vale esclarecer que a intenção nesta seção final consistia apenas em oferecer indicações sobre como uma compreensão teórica como a da psicanálise freudiana, na medida em que pode oferecer uma explicação sobre o fenômeno do suicídio, pode igualmente aportar alguns fundamentos para se pensar possíveis formas de intervenção e enfrentamento. E, enfim, que tais atividades, tão numerosas e variadas que possam ser, na medida em que sejam capazes de promover fusões/ligações instintuais parecem validadas teoricamente em seu potencial como promotoras da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos dados alarmantes mencionados nesta dissertação, o suicídio configura-se ainda como um tema tabu que precisa ser quebrado para que possa ser tratado com naturalidade visando, principalmente, à ajuda ao sujeito – quanto aos sinais anteriores ao ato suicida – e à conscientização das pessoas que rodeiam o ser que sofre. E não se deve jamais esquecer que o suicídio “[...] é um ato de desespero, um grito de ajuda que exige de nós não julgamento, mas solidariedade” (Persini, 2009, p. 138). Quanto mais se discutir o comportamento autodestrutivo das pessoas, quanto mais forem compreendidos os porquês de elas chegarem ao beco escuro do comportamento suicida – em suas diversas fases –, mais se poderá fazer para ajudá-las. É nesse sentido que se empreendeu a pesquisa e se produziu esta reflexão. Hoje, diversos segmentos da sociedade já estão empenhados nessa discussão. Até porque quanto mais se compreender o fenômeno, mais se poderá fazer para ajudar essas pessoas desesperadas que não mais veem saídas para o seu conflito, mas que, por meio de sinais – gestos, falas, comportamentos –, estão implorando para serem resgatadas e, portanto, pedindo, desesperadamente, socorro.

É verdade que faz parte da natureza humana pensar a existência, questionar o sentido do viver e imaginar a possibilidade de interromper a própria vida. Quando, porém, o sentimento de culpa se torna pesado, causando grave sofrimento psíquico, e a agressividade se volta para o próprio sujeito, o pensamento de autodestruição passa a ser recorrente. Trata-se da ideia suicida. Por outro lado, falar sobre os próprios pensamentos pode ser extremamente difícil para aquele que tem essa experiência, até porque, para o sujeito, confidenciar o seu conflito aparenta ser tempo perdido, parece não valer a pena. Ademais, remexer na ferida além de parecer ser inútil, torna-se extremamente doloroso, concorrendo para o aumento do sofrimento psicológico. De fato, “[...] comunicar esse pensamento, ou seja, relatar intenção ou ideia suicida parece ter um significado a mais e se apresenta associado a indícios de sofrimento psíquico” (Silva, 2006, p. 61).

O primeiro capítulo desta dissertação versou sobre uma introdução acerca do sofrimento psíquico no que tange aos comportamentos suicidas. O intuito foi o de incluir a agressividade como fator fundamental nas discussões e compreensões relativas a esses comportamentos. O segundo capítulo voltou-se para a teoria freudiana, principalmente no que diz respeito a conceitos que ajudaram a pensar a questão do suicídio, tais como: a agressividade ligada à sexualidade nos princípios dos desenvolvimentos teóricos freudianos; e, em um outro momento dedicou-se a uma visão mais aguda acerca da reviravolta sobre a teoria dos instintos

realizada por Freud após a publicação do texto *Além do princípio do prazer*, de 1920, em que Freud divide os instintos em instintos de vida e instintos de morte atribuindo especificidades a cada um deles. No terceiro capítulo, explicitou-se elementos conceituais específicos também no intuito de ajudar a problematizar a questão do suicídio de acordo com a psicanálise freudiana. Dois pontos fundamentais foram abordados: a formação do Supereu e o sentimento de culpa.

No quarto e último capítulo se esboçou uma compreensão metapsicológica do suicídio. A tentativa foi a de reunir alguns elementos abordados em capítulos anteriores tais como: a centralidade do sentimento de culpa inconsciente na explicação de comportamentos suicidas, bem como sua intensificação na autoagressão; a intensificação do sentimento de culpa nos processos regressivos; o papel da regressão como desfusão instintual exacerbando o sentimento de culpa inconsciente e os comportamentos suicidas. Para, ao final, esboçar possibilidades de enfrentamento de comportamentos suicidas com base nesses fundamentos da psicanálise freudiana. Nesse sentido, é importante que a ideação suicida e qualquer espécie de tentativa de autodestruição sejam detectadas e que, a partir daí, se busquem aplicar interferências singulares, uma vez que “[...] há evidências de que intervenções específicas, realizadas em serviços de atenção primária, são efetivas em reduzir ou resolver ideação suicida. [...] Uma caracterização atenta da parcela da população que manifesta ideação suicida pode revelar especificidades que refinem o potencial de diagnosticar e agir em tempo hábil” (Silva, 2006, p. 62).

Ao lançar um olhar retrospectivo para toda a trajetória de estudos realizados, reconhece-se que foram importantes no sentido de aprofundamento dos conhecimentos relacionados às teorias freudianas que deram suporte às discussões, especialmente, o aprofundamento da compreensão dos conceitos construídos por Freud, bem como dos comportamentos suicidários. A pesquisa realmente possibilitou a ampliação do entendimento do problema inicialmente proposto que, agora, ao final, pode-se afirmar que se mostra ainda mais complexo, devido à descoberta do desdobramento de cada comportamento suicida.

Em relação à hipótese levantada na introdução deste estudo, de que a introjeção da agressividade constitui um componente do sentimento de culpa, que resulta no caráter hipermoral do Super-Eu, podendo se concretizar em autopunição, os desenvolvimentos apresentados parecem permitir verificá-la. Assim, tanto os objetivos gerais que consistiam em demonstrar que o sentimento de culpa é o responsável pelo caráter hipermoral assumido pelo Super-eu e, além disso, atestar que o caráter hipermoral assumido pelo Super-eu pode ser o

responsável pelas autopunições perpetradas pelo sujeito. Quanto aos objetivos específicos, considera-se que tenham sido atingidos. O alcance dessas metas se deveu aos procedimentos de pesquisa, leitura, investigação e análise, especialmente de fragmentos de diversos escritos de Freud que puderam ser relacionados à temática do trabalho.

A bibliografia, por sua vez, correspondeu às expectativas. Não apenas os textos de Freud, mas também estudos de pesquisadores das teorias freudianas e dos estudos relativos à problemática do suicídio foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa.

Cabe aqui reiterar o posicionamento de que quanto mais se discutir e quanto mais se compreender a problemática do suicídio, mais será possível amparar, auxiliar e socorrer os sujeitos que estão, devido ao seu Supereu exacerbado, buscando autopunir-se.

É imprescindível ressaltar também que a reflexão levada a efeito nesta dissertação não esgota de modo algum o assunto, visto ser ele, como se insistiu durante todo o trabalho, um fenômeno extremamente complexo. Todavia, espera-se que este estudo possa ser somado aos inúmeros estudos acadêmicos da obra de Sigmund Freud e, nessa qualidade, possa ser tomado como material de pesquisa por estudiosos do assunto desta dissertação.

REFERÊNCIAS

- Abreu, K. P.; Lima, M. A. D.; Kohlrausch, E.; Soares, J. F. (2010). Comportamento suicida: fatores de risco e intervenções preventivas. In *Revista Eletrônica de Enfermagem*. Nº 12, Vol. 01. Disponível em: <<http://fen.ufg.br/revista/v12/n1/pdf/v12n1a24.pdf>>. Acesso: ago. 2019.
- American Psychiatric Association (2014). *Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais: DSM-V*. 5. ed. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. Revisão técnica de Aristides Volpato Cordioli. Porto Alegre: Artmed.
- Birman, Joel (2006). Arquivo da agressividade em psicanálise. In *Revista Natureza Humana*. Nº 8, vol. 2., jul./dez. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v8n2/v8n2a05.pdf>>. Acesso: abr./2019.
- Botega, Neury José *et al* (2006). Prevenção do comportamento suicida. In *Revista Psico – Revista de Psicologia da PUCRS*, vol. 37, n. 3, set./dez., pp. 213-220. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1442/1130>>. Acesso: abr. 2019.
- Câmara, Fernando Portela (2018). Comportamento agressivo. In *Psychiatry online Brasil: part of the international journal of psychiatry* – ISSN 1359-7620. 2 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.polbr.med.br/2018/03/02/comportamento-agressivo/>>. Acesso: jul. 2018.
- Camus, Albert (2008). *O mito de Sísifo*. 6. Ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo/ Rio de Janeiro: Record.
- Cassorla, Roosevelt Moises Smeke (1984). *O que é suicídio?* São Paulo: Editora Brasiliense.
- _____ (2018). *Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução*. Livro eletrônico. São Paulo: Blucher.
- Dalgalarondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Durkheim, Émile (1897/2004). *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. 34ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, Renato Emanuel Campino (2008). *O suicídio*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Disponível em: <<http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2008025.pdf>>. Acesso: ago. 2018.
- Ferreira, Thatiana Daniele Guioto (2018). *Ocorrências relacionadas ao comportamento suicida atendidas pelo serviço de atendimento móvel de urgência (SAMU)*. Dissertação de mestrado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-31072018130548/pt-br.php>>. Acesso: mai. 2019.

Freud, Sigmund (1956 [1886]/1992). Informe sobre mis estudios en París e Berlín – Realizados com uma beca de viaje del Fondo de Jubileu de la Universidad (octubre 1885 – marzo 1886). In. Freud, Sigmund (1956 [1886]/1992). *Obras Completas - Volumen I (1886-1899) Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos em vida de Freud (1886-1899)*. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores. pp. 01-15.

_____. (1895/2016). *Obras Completas – Volume 02 – Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer*. Tradução de Laura Barreto. Revisão da tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1900/2019). *Obras Completas – Volume 04 – A interpretação dos sonhos (1900)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1905/2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In. Freud, Sigmund. *Obras completas – Volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e Outros textos (1901-1905)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 13-172.

_____. (1910/2013). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. In. Freud, Sigmund. *Obras completas – Volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e Outros textos (1909-1910)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 313-323.

_____. (1912-1913). Totem e tabu (1912-1913). In. Freud, Sigmund. *Obras completas – Volume 11: Totem e tabu, Contribuições à história do movimento psicanalítico e Outros textos (1912-1914)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 13-244.

_____. (1914/2010) Introdução ao narcisismo. In. Freud, S. *Obras Completas - Volume 12: Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 11-50.

_____. (1915/1992). Pulsiones y destinos de pulsión. In. Freud, Sigmund (1915/1992). *Obras Completas - Volumen XIV (1914-1916) Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. Trabajos sobre metapsicología y otras obras*. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores. pp. 105-134.

_____. (1915/2010a). Os instintos e seus destinos (1915). In. Freud, S. *Obras Completas - Volume 12: Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 51-98.

_____. (1915/2010b). O inconsciente (1915). In. Freud, S. *Obras Completas - Volume 12: Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 99-150.

_____. (1916-1917/2014). *Obras Completas – Volume 13 – Conferências Introdutórias À Psicanálise*. Tradução de Sergio Tellaroli. Supervisão da tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1917 [1915]/2010). Luto e melancolia. In: Freud, S. *Obras Completas - Volume 12: Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 170-194.

_____. (1920/2010). Além do princípio do prazer. In: Freud, S. *Obras Completas - Volume 14: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 161-239.

_____. (1923/2011). O Eu e o Id. In: Freud, S. *Obras Completas - Volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 13-74.

_____. (1924/2011a). O problema econômico do masoquismo. In: Freud, S. *Obras Completas - Volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 13-74.

_____. (1924/2011b). A dissolução do complexo de Édipo. In: Freud, Sigmund (2010). *Obras Completas - Volume 18 - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e Outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 203-213.

_____. (1930/2010). O mal-estar na civilização. In: Freud, Sigmund (2010). *Obras Completas - Volume 18 - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e Outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 13-122.

_____. (1932/2010). Por que a guerra? (Carta a Einstein, 1932). In: Freud, Sigmund (2010). *Obras Completas - Volume 18 - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e Outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 417-435.

Galinker, Igor (2017). *The suicidal crisis: clinical guide to the assessment to imminent suicide risk*. New York: Oxford University Press.

Gama, Manuel (2015). *Natureza humana e conflito*. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/49353/1/Lorenz_Col%C3%B3q.Outono-2014%28MGama%29.pdf>. Acesso: jul. 2019.

Gellis, André et Hamud (2011), Maria Isabel Lima. Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente. In: *Psicologia USP*. Nº 22, vol. 3. pp 635-653. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v22n3/aop2111_Andre_MariaIsabel.pdf>. Acesso em: mar. 2020

Hanns, Luiz Alberto (1996). *Dicionário comentado do alemão*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Houaiss. (2001). *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Versão 1.0 Ed. Objetiva Ltda. 2001.

Krug, Etienne G. *et al* (eds.) (2002). *World report on violence and health*. Genebra: World Health Organization. Disponível em: <https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_en.pdf>. Acesso: mai. 2019.

Laplanche, Jean *et* Pontalis, Jean-Bertrand (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Louzã Neto, M. R.; Elkis, H. e cols. (2007). Suicídio e tentativa de suicídio. In. *Psiquiatria básica*, 2ª ed. pp. 475-498. Porto Alegre: Artmed.

Macedo, M. M. K. & Werlang, B. S. G. (2007). Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. In. *Ágora*, 10 (1). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1516-14982007000100006&script=sci_arttext>. Acesso: jun. 2019.

Machado, Ângelo *et* Haertel, Lúcia Machado (2013). *Neuroanatomia funcional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Atheneu.

Machado, Leticia Vier; Ferreira, Rodrigo Ramires (2014). A indústria farmacêutica e psicanálise diante da “epidemia de depressão”: respostas possíveis. In. *Psicologia em estudo*. Vol. 19, nº 1, jan./mar. Maringá. pp. 135-144. Disponível em: <[scielo.br/pdf/pe/v19n1/14.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n1/14.pdf)>. Acesso em: out. 2019.

Mannoni, Octave. O mistério da culpa. In. *Freud: uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994

Meneghetti, Antonio (2008). *Dicionário de ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice.

Ministério da Saúde (2017). *Boletim Epidemiológico: perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde*. Volume 48, nº 30. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>>. Acesso: jul. 2019.

Mijolla, Alain de (2005a). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições* – Volume 01. Direção geral de Alain de Mijolla. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago Editora.

_____ (2005b). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições* – Volume 02. Direção geral de Alain de Mijolla. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Muratori, Filippo (2007). *Jovens violentos: quem são, o que pensam, como ajudá-los?* Tradução de Antônio E. Feltrin. São Paulo: Paulinas.

Paviani, Jayme. (2016). Conceitos e formas de violência. In: Modena, Maura Regina (Org.). *Conceitos e formas de violência*. Caxias do Sul, RS: Educs, p. 8-20. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf>. Acesso: jul. 2019.

Perelberg, Rozine Jozef (1999). Psychoanalytic understanding of violence and suicide: a review of the literature and some new formulations. In. *Psychoanalytic Understanding of Violence*. ISBN 0-203-01390-5 Master e-book ISBN. pp. 15-43.

Persini Leon. *Bioética: um grito por dignidade de viver*. São Paulo: Paulinas; 2009.

Pimentel, Maria Cristina; Rodrigues, Nuno Simões (coord.) (2017). Auidissima caedis et violenta fuit: scires e sanguine natos - introduzindo reflexões sobre a problemática da violência na Antiguidade e no Medievo. In. *Violência no mundo antigo e medieval*. Lisboa: Coleção eClassica. CEC Centro de estudos clássicos, p. VII-XVIII. Disponível em: <http://www.tmp.letras.ulisboa.pt/images/stories/Documentos/eClassica/eClassica/Volumes/Vo1.2_2016/0.2_Pimentel-Sim%C3%B5es_Rodrigues.pdf>. Acesso: jul. 2019.

Puente, Fernando Rey (2008). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Puertas, Kelly Cristina Pereira (2010). *Emergência e constituição do ideal do Eu em Freud*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá (UEM). Orientador: Hélio Honda. Maringá (PR). Disponível em: <http://old.ppi.uem.br/Dissert/PPI-UEM_2010_KellyPuertas.pdf>. Acesso: dez. 2019.

_____ (2016). *Processos psíquicos subjacentes à vocação: uma abordagem psicanalítica freudiana ao tema da escolha profissional*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis). Orientador: Francisco Hashimoto. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/142861/puertas_kcp_dr_assis_int.pdf?sequence=4&isAllowed=y> Acesso: dez. 2019.

Quinodoz, J.-M. (2007). *Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud*. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre, Artmed.

Rainha, Amanda Tardivo (2013). *Estudo do sentimento de culpa na teoria freudiana 1892-1924*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá (UEM). Orientador: Hélio Honda. Maringá (PR). Disponível em: <<http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2013/amanda>>. Acesso: ago. 2019.

Rigo, Soraya Carvalho (2013). Capítulo III. In. *Suicídio e os desafios para a psicologia*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>>. Acesso: set. 2019.

Rinaldi, Doris (1999). *Culpa e angústia: algumas notas sobre a obra de Freud*. Disponível em: <http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_Culpa_e_Angustia_%20notas_obra_Freud.pdf>. Acesso: jun.2019.

Roudinesco, Elisabeth et Plon, Michel (1998). *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Supervisão da edição brasileira de Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Sadock, Benjamin T.; Sadock, Virgínia A.; Ruiz, Pedro (2017). *Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artmed.

Silva, Gastão Pereira da (1968). *Vícios da imaginação*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada.

Silva, Viviane Franco (2006). *Ideação suicida: um estudo de caso-controle na comunidade*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Orientador: Neury José Botega. Campinas (SP).

Shneidman, Edwin S. (2001). *Comprehending Suicide: Landmarks in 20th Century Suicidology*. Washington, D.C.: American Psychological Association.

Simanke, Richard Theisen (2014a). O *Trieb* de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. In. *Scientia E Studia*. Vol. 12, n. 1. São Paulo. pp. 73-95. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/84488/87242>>. Acesso: nov. 2019.

_____ (2014b). O *Trieb* de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. In. *Scientia E Studia*. Vol. 12, n. 3. São Paulo. pp. 439-464. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v12n3/03.pdf>>. Acesso: nov. 2019.

Simões, R. M. P. Santos, J. C. P. dos; Martinho, M. J. C. M. *Eficácia das intervenções psicoterapêuticas dirigidas a adolescentes com comportamento suicidário: revisão integrativa da literatura*. Vol. IV, nº. 20, Coimbra, mar. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832019000100015> Acesso: jun. 2020.

Souza, Paulo César de (2010). *As palavras de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.

Toledo, Luciano Medeiros de; Sabroza, Paulo Chagastelles (Orgs.). (2011). *O que são os transtornos mentais?: noções básicas*. Caderno nº. 1. Outubro. Rio de Janeiro: ENSP; FIOCRUZ.

World Health Organization (2014). *Preventing suicide: a global imperative*. Luxemburgo: World Health Organization. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564779_eng.pdf;jsessionid=AB998EB141FFAEF2CEB5458CB2E99A5B?squence=1>. Acesso: mar. 2019.

Zanetti, Sandra Aparecida Serra; Höfig, Julia Archangelo Guimarães (2016). Repensando o complexo de Édipo e a formação do superego na contemporaneidade. In. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Vol. 36. Nº 03. pp 696-708. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n3/1982-3703-pcp-36-3-0696.pdf>> Acesso em: mar. 2020.